



Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras

Área: Estudos da Linguagem

Especialidade: Linguística Aplicada

**BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DE UM
DICIONÁRIO DO HUNSRÜCKISCH FALADO NO BRASIL**

Fábio Anschau

Porto Alegre, abril de 2010

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Área: Estudos da Linguagem
Especialidade: Linguística Aplicada

**BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DE UM
DICIONÁRIO DO HUNSRÜCKISCH FALADO NO BRASIL**

Fábio Anschau

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, abril de 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço

ao meu orientador Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pela sabedoria e pela orientação deste trabalho;

aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, pelos ensinamentos;

à Profa. Dra. Cristiane Kilian, pelo apoio e pelas várias horas dedicadas ao meu estudo;

à minha família e aos meus amigos que entenderam minhas ausências nos finais de semana;

a todos que de alguma forma estiveram presentes nesse período de estudos.

RESUMO

A lexicografia nasce a partir da necessidade de explicar o sentido das palavras. Conforme Bevilacqua (1993), com a cultura renascentista e o aparecimento da imprensa a lexicografia recebe um grande impulso no seu desenvolvimento. Surgindo assim, os primeiros dicionários bilíngues e multilíngues, isso, por necessidade do aumento da integração entre os povos. Dicionário é, segundo Krieger (1993), um lugar de representação do bem-dizer, ou seja, no momento em que um vocábulo está registrado (dicionarizado) ele adquire legitimidade, podendo assim, ser utilizado sem causar contravenções linguísticas. A legitimação do léxico e a consagração do significado atribuem ao dicionário um certo *status* (poder). Esse poder faz com que os dicionários se revelam obras dinâmicas, ou melhor, se tornam dinâmicos, pois a língua está em constante mudança. Nesse sentido, a presente Dissertação busca apresentar as diferentes teorias que envolvem o fazer dicionarístico e traçar um paralelo entre os principais dicionários dialetais da língua alemã na Alemanha e no Brasil e do *talian*, uma língua de imigração italiana. Quer-se aqui não apenas analisar como funcionam os dicionários existentes, mas também apresentar algumas propostas lexicográficas para a criação de um dicionário para o Hunsrückisch falado no Brasil. As regras de escrita do Hunsrückisch são estabelecidas pelo Grupo ESCRITHU, um sub-projeto do ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata - Hunsrückisch). A partir da escrita normatizada, quer-se elaborar um dicionário para o Hunsrückisch falado no Brasil e, deste modo, legitimar o léxico dessa língua de imigração alemã. Assim, o objetivo central que se coloca, no estágio atual da pesquisa, é o estudo dos fundamentos teórico-metodológicos para a criação desse Dicionário para o Hunsrückisch, como subsídio à pesquisa desenvolvida pelo Projeto ALMA-H.

Palavras-chave: Hunsrückisch, língua de imigração alemã, lexicografia.

ABSTRACT

The lexicography is born since the necessity of explaining the sense of the words. According to Bevilaqua (1993), lexicography receives a great boost in its development with the Renaissancist culture and the emergence of the press. Therefore, the first bilingual and multilingual dictionaries arise by necessity of the integration among people. Dictionary, according to Krieger (1993), is a place of representation of well say, that is, at a time when a word is registered (put in the dictionary) it acquires legitimacy and can be used without causing language contravention. The lexical legitimization and the meaning consecration attribute the dictionary a certain status (power). This power makes dictionaries become a dynamic work because language is constantly changing. Thus this dissertation intend to present the various theories that involve the dictionary work and outline a parallel between the main dialectal dictionaries of the German language in Germany and Brazil and *talian* an Italian immigration language. One intends not only to analyze how existing dictionaries function but also to present some lexicographic suggestions to create a dictionary to the Hunsrückisch spoken in Brazil. The writing rules of Hunsrückisch are established by ESCRITHU group, a subproject of ALMA-H (Linguistic Contact Atlas of the German minorities of Prata Basin – Hunsrückisch). From the normatized writing, one intends to make a dictionary to Hunsrückisch spoken in Brazil and thus to legitimate the lexicon of that German immigration language. The main objective in this step of the research is the study of the theoretical and methodological fundamentals to the creation of a dictionary to the Hunsrückisch as a contribution to the research developed by ALMA-H Project.

Keywords: Hunsrückisch, German immigration language, lexicography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	22
1.1 Particularidades da língua-alvo: o que engloba o Hunsrückisch?.....	22
1.1.1 <i>Língua, dialeto ou variedade?</i>	22
1.1.2 Contínuo dialetal do “Hunsrückisch Brasileiro” (HrBr): mudanças no <i>status</i> e no <i>corpus</i>	30
1.1.3 Matriz de origem do Hunsrückisch ou o “Hunsrückisch da Alemanha” (HrDt).....	32
1.1.4 Relações entre fala e escrita.....	38
1.1.5 Consequências para o trabalho lexicográfico.....	40
1.2 Aspectos lexicográficos e lexicológicos.....	41
1.2.1 Macroestrutura.....	44
1.2.2 Medioestrutura.....	46
1.2.3 Microestrutura.....	46
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	49
2.1 Do <i>corpus</i> ao dicionário.....	49
2.2 Banco de dados do ALMA-H.....	52
2.3 Análise e transcrição de dados.....	57
3 ANÁLISE DE DICIONÁRIOS.....	64
3.1 Lexicografia dialetal da matriz de origem.....	64
3.2 Lexicografia das línguas de imigração no Brasil.....	68
3.3 Outras obras de referência.....	78
4 ANÁLISE E APLICAÇÃO DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	80
4.1 Usuários e finalidades.....	81
4.2 Dicionário bilíngue ou trlíngue?.....	83
4.3 Aspectos macroestruturais.....	87
4.3.1 <i>Front matter</i>	87

4.3.2	Entrada do verbete.....	90
4.3.3	Anexos ou <i>back matter</i>	94
4.4	Aspectos medioestruturais.....	96
4.5	Aspectos microestruturais.....	97
4.5.1	Indicação de gênero.....	97
4.5.2	Indicação de número.....	99
4.5.3	Demais classes de palavras.....	102
4.5.4	Transcrição fonética.....	103
4.5.5	Princípios que orientam a definição do verbete.....	104
4.5.5.1	Incorporação de figuras.....	106
4.5.5.2	Dados de etimologia.....	106
4.5.5.3	Contextualização do verbete.....	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
	ANEXOS	

LISTA DE ABREVIATURAS

ADDU	Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALGR	Atlas Lingüístico Guarani-Románico
ALiB	Atlas Lingüístico do Brasil
ALMA	Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata
Cap.	Capítulo
cf.	conforme
DaF	Deutsch als Fremdsprache
Dic.	Dicionário
Dt.	Deutsch
ESCRITHU	Grupo de Estudos da Escrita do Hunsrückisch
esp.	espanhol
Fig.	Figura
fr.	francês
Hdt.	Hochdeutsch
HrBr	Hunsrückisch Brasileiro
HrDt	Hunsrückisch da Alemanha
HrRS	Hunsrückisch Riograndense
HrSC	Hunsrückisch do Leste Catarinense
Hrs.	Hunsrückisch
i.e.	isto é
lat.	Latim
LE	Língua Estrangeira
MRhSA	Mittelrheinischer Sprachatlas
p.ex.	por exemplo
PfWb	Pfälzisches Wörterbuch
ptg.	português
RhWb	Rheinisches Wörterbuch
RS	Rio Grande do Sul

Tab.

v.

var.

Tabela

Ver

varia com

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1	Relações entre sistemas: estrutura interna - formas distintas para valores distintos.	27
Fig. 2	Relações entre sistemas: estrutura externa - formas idênticas para valores distintos e formas distintas para valores idênticos.	28
Fig. 3	Representação de localidades de fala.	29
Fig. 4	Esquema representativo da estrutura <i>substandard</i> .	30
Fig. 5	Esquema representativo do contínuo de variação basilectal do Hunsrückisch.	32
Fig. 6	Áreas dialetais do alemão, segundo Wiesinger (1983).	34
Fig. 7	Migrações para o leste europeu, segundo Frings (1932).	35
Fig. 8	As migrações para o leste europeu na Idade Média, conforme Schwarz (1950).	35
Fig. 9	Mapa adaptado da região do Hunsrück na Alemanha.	36
Fig. 10	Esquema representativo da macro- e microestrutura.	45
Fig. 11	Macroestruturas, segundo Schlaefer (2002).	46
Fig. 12	Mapa da tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul, segundo Altenhofen (1996).	51
Fig. 13	Localização dos 38 pontos de pesquisa do Projeto ALMA-H e estágio da coleta de dados em 10.04.2010	55
Fig. 14	Perfil dos informantes selecionados para as entrevistas do Projeto nas dimensões diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GII e GI).	57
Fig. 15	Exemplo do verbete <i>Gaul</i> no <i>RhWb</i> , versão eletrônica.	65
Fig. 16	Exemplo do verbete <i>Gaul</i> no <i>Hunsrücker Wörterbuch</i> .	67
Fig. 17	Ex. de definição enciclopédica no Dic. de Tressmann (2006).	70
Fig. 18	Exemplos de ilustrações no Dic. de Tressmann (2006).	72
Fig. 19	Exemplo de um dic. para aprendizes de alemão como LE.	73

Fig. 20	Exemplo extraído do <i>Dissionàrio Talian Portoghese</i> - 75 <i>Dicionário Talian Português</i> de Luzzatto (2000).	
Fig. 21	Exemplo extraído do Dic. trilingue <i>Dicionário / Dizionario</i> 77 <i>Vêneto-Português-Italiano</i> de Stawinski (1995).	
Fig. 22	O regionalismo do HrDt <i>Fixfeier</i> na Alemanha.	85
Fig. 23	O regionalismo do HrDt <i>Gaul</i> na Alemanha.	85
Fig. 24	O regionalismo do HrBr <i>Fixfeier</i> no Rio Grande do Sul, segundo 86 Altenhofen (1996).	
Fig. 25	Declinação do HrBr – artigo indefinido.	89
Fig. 26	Declinação do HrBr – artigo definido.	89
Fig. 27	Declinação do HrBr – comparativo.	90

LISTA DE TABELAS

Tab. 1	Registros escritos em Hdt. por falantes de Hunsrückisch.	40
Tab. 2	Tabela de dimensões consideradas no ALMA-H.	53
Tab. 3	Divergência de gênero entre Hrs., Ptg. e Hdt.	99

INTRODUÇÃO

A presente Dissertação trata dos fundamentos teórico-metodológicos que orientam a elaboração de um dicionário para a língua de imigração alemã conhecida, no Brasil, como Hunsrückisch. Por *Hunsrückisch*, ou hunsriqueano, entende-se o dialeto enquanto subsistema do alemão-padrão (*Hochdeutsch*) falado pelos teuto-brasileiros (cf. Altenhofen, 2010; Meyer, 2009).

Este estudo insere-se no âmbito de estudos do projeto *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H, ver www.ufrgs.br/projalma/), em elaboração no Instituto de Letras/UFRGS, em parceria com a Universidade de Kiel – Alemanha. Mais detalhes sobre os pressupostos teóricos e a metodologia de coleta de dados do Projeto serão apresentados e explicitados no Cap. 2. Vale ressaltar que se trata de um macroprojeto que, a partir dos pressupostos da dialetologia pluridimensional e contatual (v. Ratke & Thun, 1996; Thun, 2005), descreve o Hunsrückisch falado em uma rede de 38 pontos distribuídos pelos estados do Rio Grande do Sul (matriz de onde se difundiu essa variedade¹), Santa Catarina, Paraná (sudoeste), assim como também em Misiones (Argentina) e no sudeste do Paraguay (v. fig. 13).

Como ponto de partida para este estudo, especificamente, cabe perguntar o que implica a elaboração de um dicionário que registra o léxico de uma língua de imigração, como é o caso do Hunsrückisch. E mais: qual a função de um dicionário dessa natureza, considerando os interesses e a consciência linguística (*language awareness*) dos usuários dessa língua, bem como seu uso na comunidade de fala?

¹ Por isso, é corrente já, na Alemanha, a denominação *Riograndenser Hunsrückisch*. Levantamentos recentes do ALMA-H apontam o predomínio dessa base rio-grandense. Paralelamente, porém, como observa Altenhofen (2010) (no prelo), há que distinguir ainda o *Ost-Catarinenser Hunsrückisch* (no leste catarinense, a partir de São Pedro de Alcântara), que se desenvolveu independentemente e à margem do hunsriqueano rio-grandense.

De modo geral, um dicionário constitui-se em uma obra de referência e de consulta que, por suas características e funções, lhe conferem um papel singular na promoção da língua do grupo. Este instrumento de consulta lista lexemas de uma ou mais línguas, usualmente em ordem alfabética, acompanhados de informações sobre sua escrita, pronúncia, classe gramatical, definição e muitas vezes também informações etimológicas, uso, etc. No entanto, não há unanimidade para classificar essas obras. Como defende Landau (2001, p. 7), “dictionaries can be classified by many criteria, some of them obvious to everyone, such as size, but there is no standard, agreed-upon taxonomy for dictionaries.”² A classificação a que se refere o autor tem a ver com as funções e a organização da obra, mas, mesmo com as diferentes funções que o dicionário pode exercer, a estrutura, numa forma geral, tende a ser sempre a mesma: “se compone, por lo general, de las siguientes partes: parte introductoria, cuerpo del diccionario e anexos” (HAENSCH, 1982, p. 457).

Quando tratamos de dicionários, usamos a designação de macroestrutura e microestrutura para abordar a parte introdutória e o corpo da obra, respectivamente. Bugueño (2002-2003, p. 99) diz que “los parámetros mínimos para la construcción de un diccionario son tres: macro-micro y medioestructura”, com isso mostra os três principais segmentos de uma obra dicionarística. Entretanto, cada um desses segmentos possui uma série de subelementos. A macroestrutura é definida por Rey-Debove (1971, p. 21) como “o conjunto das entradas” do dicionário. A microestrutura é entendida como “la disposición interna de cada artículo léxico” (BUGUEÑO, 2002-2003, p. 101). Conforme o mesmo autor, cada artigo léxico possui um conjunto de elementos constituintes da “estrutura esquelética” do verbete, tais como: informação fonológica, morfossintática, semântica e índice de registro. Entretanto, somente esses itens não dão conta das informações que devem conter um verbete, havendo informações complementares como etimologia, datação e “extención de uso”, entre outras.

² Tradução: “Dicionários podem ser classificados usando diversos critérios, alguns deles óbvios para qualquer um, como por exemplo tamanho, mas não há um padrão decisivo no que diz respeito a taxonomia dos dicionários.” (LANDAU, 2001, p. 7)

Vale lembrar que este trabalho não é um estudo lexicográfico *per se*, mas sim um estudo envolvendo o uso de uma língua minoritária de imigração (de existência essencialmente oral, portanto ágrafa) em contexto social de contato com o português, no Brasil. A Dissertação aborda, neste sentido, aspectos de ordem dialetal e de variação interna do Hunsrückisch. Não existe para essa língua de imigração, até aonde se sabe, um dicionário prévio. O que existe até o momento são glossários, ou seja, listas de vocabulário desenvolvidas por autores como Müller (1981), Diener (1971) ou Fausel (1959), que analisa exclusivamente a questão dos empréstimos do Hunsrückisch, além de Koch (1974), que elabora um glossário etnográfico sobre a moenda da cana-de-açúcar, no modelo *Wörter und Sachen* ‘palavras e coisas’.

Pretende-se disponibilizar os resultados do presente estudo à comunidade acadêmica em geral para que sejam aproveitados por professores e pesquisadores da área de linguística em futuros estudos, podendo, assim, aperfeiçoar seus conhecimentos no ramo da dialetologia ou mesmo da lexicografia. Além disso, a partir da presente pesquisa, de ordem teórico-metodológica, espera-se que novos estudos possam ser organizados, ampliando a compreensão e visibilidade dessa língua.

Espera-se que o dicionário seja um instrumento de consulta ao falante e um registro escrito do Hunsrückisch. A presente Dissertação e o futuro Dicionário beneficiam os moradores de comunidades que possuem em sua maioria falantes de Hunsrückisch e demais variantes da língua alemã. Este trabalho contribuirá também diretamente a diversos projetos desenvolvidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e demais Universidades que pesquisam na área da dialetologia, em especial as línguas de imigração alemã. Existe, o projeto ALMA-H, no qual se insere a presente Dissertação, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que busca, segundo Altenhofen (2004, p. 137), fornecer uma visão regional mais ampla da variação do Hunsrückisch falado no Brasil. Dentro do projeto ALMA-H, surgiu um sub-projeto que recebe o nome de ESCRITHU. Tal

sub-projeto refere-se à escrita do Hunsrückisch, ou seja, como escrever essa variante alemã, sendo que até o momento a produção escrita pelos falantes é escassa. Poucos falantes escrevem Hunsrückisch, em outras palavras, o dialeto ainda é bastante falado, mas a produção escrita em relação a esses falantes é pouca.

O Hunsrückisch, por ter sua origem na Alemanha e ter como língua-teto o alemão, ao tratá-lo, faz-se necessário conhecer a região alemã onde esse dialeto era e, até hoje, é falado. Por isso, caracterizações geográficas, históricas e etimológicas do *Hunsrück*, região que se localiza no sudoeste alemão, também serão feitas. Essa região situa-se entre os rios Reno e Mosela. Muitos imigrantes alemães que chegaram ao Brasil a partir de 1824 são, principalmente, provenientes dessa região. “As pessoas migram, e com elas migra também a língua” (ALTENHOFEN, 2004). Diversos dialetos eram falados na Alemanha e que, por números maiores ou menores de falantes, são representados no Brasil. Como acentua Altenhofen (2004), pode-se dizer que a história da colonização alemã no Sul do Brasil é também a história da língua trazida pelos imigrantes. Na verdade, o termo *Hunsrückisch* surge para representar a língua trazida pelos imigrantes alemães do sudoeste alemão (v. Cap. 1).

Em suma, o que prevalece nesta definição é a noção de um contínuo. Essa base dialetal envolve traços [+moselanos] e [+renanos], mais dialetal [+*Deutsch*] e mais padrão [+*Deutsch*] e, por fim, [+alemão] e [+português] (v. Meyer, 2009; Altenhofen, 2010). Esse contínuo pode ser visualizado na fig. 1 do Cap.1.

A partir desta definição, reconhecem-se no Hunsrückisch especificidades que lhe conferem um *status* particular de língua de imigração e que colocam uma série de desafios ao trabalho lexicográfico, a saber, conforme Altenhofen (1997, p. 19):

a) trata-se, em suma, de uma variedade essencialmente falada – Hunsrückisch = língua não escrita, apesar de haver propostas como a do ESCRITHU,³ subprojeto do ALMA-H;

b) é uma língua minoritária em situação de contato linguístico com o português, ou seja, o Hunsrückisch apresenta elementos endógenos (intralinguais) e influências exógenas que incluem contatos interlinguais mais antigos, p.ex. com o latim e o francês, na Renânia, até o contato mais recente e saliente com o português falado no sul do Brasil, que moldou de tal forma essa variedade, a ponto de se reconhecer com frequência processos de lusitanização, no novo meio social (cf. Horst, 2009).

c) é uma língua em movimento (no espaço geográfico), isto é, apresenta na sua história o deslocamento de uma matriz de origem, de onde provém o basileto francônio moselano e renano, para um novo meio, com novos condicionamentos e necessidades lexicais (p.ex. para a fauna e a flora distintas, ou para inovações tecnológicas que foram surgindo ao longo do tempo). Ou seja, a variabilidade da região de partida do Hunsrückisch é transportada para um novo meio, no caso o sul do Brasil, onde recebe novos insumos e marcas linguísticas.

A língua representa as características do grupo étnico e social que a usa, sejam elas históricas, políticas, geográficas ou culturais. O falante vive num meio social, e tudo que o cerca chega a ele, de uma forma ou outra, através da língua. Diz Carvalho (1989, p. 23): “Uma língua, através do vocabulário que a liga ao mundo exterior, reflete a cultura da sociedade à qual serve de meio de expressão”. E é dessa forma que surge a preocupação, também, com o Hunsrückisch.

³ Ver Altenhofen *et al.* (2007), In: Revista Contingentia (www.revistacontingentia.com), v. 2 (nov.).

Até o momento, a única língua de imigração alemã no Brasil, até onde se tem conhecimento, para a qual existe um dicionário é o pomerano⁴. O *Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português* foi publicado em 2006 por Tressmann e se apresenta, como o próprio nome já diz, na forma enciclopédica, isto é, traz não apenas a classe gramatical e a definição do verbete, mas também informações histórico-geográficas, fotos, ilustrações, etc. Além do pomerano como língua de imigração alemã, pelo menos no nosso entender, também o *talian*, ou vêneto rio-grandense, língua de imigração italiana falada no Brasil, conta com dicionário, neste caso o *Dicionário Vêneto Sul-Rio-Grandense – Português*, publicado pelo Frei Alberto Vitor Stawinski em 1987, e o *Dissionàrio Talian Portoghese - Dicionário Talian Português*, publicado em 2000 por Darcy Loss Luzzatto.

O interesse na organização e promoção social de línguas de imigração faladas no Brasil, tal como já acontecia com as línguas indígenas, únicas línguas de adstrato ao português citadas nominalmente na Constituição, tem crescido no bojo das discussões em torno da criação de um *Livro das Línguas Brasileiras*, promovidas a partir de 2006 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – www.iphan.gov.br) em parceria com o IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas – www.ipol.org.br). Esse tema também é abordado por Altenhofen *et al.* (2007, p.1):

“Com as discussões em torno da criação, no âmbito do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), de um Livro das Línguas Brasileiras, tem crescido o interesse na organização social das cerca de 180 línguas indígenas e aproximadamente 30 línguas de imigração faladas ao lado do português, no Brasil. Como uma dessas línguas do tipo alóctone ou de imigração mais em evidência, ainda recai sobre o Hunsrückisch uma série de tarefas. Uma dessas tarefas advém justamente da sua condição de variedade dialetal essencialmente falada que não dispõe de uma prática e registro escrito sistematizados, função que até hoje tem sido

⁴ É interessante lembrar que Tressmann (2006) não reconhece o pomerano como “subsistema do alemão”. Já para Altenhofen (1996), o pomerano é, sim, derivado historicamente do macrossistema do alemão como língua-teto. Isso não impede de reconhecer nele um desenvolvimento distinto, no Brasil, que o habilita à designação de *língua brasileira*, nos termos em que a define Oliveira (2009), In: Livro das Línguas (<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=281>).

coberta pelas normas cultas do Hochdeutsch e do português. Entende-se, assim, por que o falante de Hunsrückisch, apesar de ser esta sua língua materna, sempre cogitou exclusivamente do português ou do alemão-padrão para a função da escrita, uma vez inexistindo a necessidade de escrever em Hunsrückisch, a não ser como forma de expressão da identidade e da cultura local, prioritariamente de cunho humorístico. Um exemplo que ilustra essa ausência sistemática da escrita da variedade dialetal do imigrante são os *Wandschoner* (panos para proteger parede), dos quais não temos conhecimento de exemplar que apresente uma frase ou ditado no dialeto local.”

Diante do exposto, fica evidente a relevância de um dicionário para a língua de imigração alemã Hunsrückisch, no contexto social e de pesquisa em que se situa. Assim, o **objetivo central** que se coloca, no estágio atual da pesquisa, é o estudo dos fundamentos teórico-metodológicos para a criação desse Dicionário para o Hunsrückisch, como subsídio à pesquisa desenvolvida pelo projeto ALMA-H. Tal propósito implica, em outras palavras:

- a) definir critérios para a sistematização da **microestrutura** de apresentação do léxico da língua-alvo no Dicionário, considerando suas finalidades, possíveis usuários e especificidades do Hunsrückisch tanto como língua de imigração em contato com o português, quanto variedade dialetal vinculada à língua-teto, o Hochdeutsch;
- b) discutir o papel do Dicionário como obra de referência e instrumento de **normatização** que fixa um padrão de escrita para a língua oral, o Hunsrückisch efetivamente falado (impacto sobre a língua, considerando seu *status* e *corpus*);
- c) avaliar as implicações do Dicionário para a sua **utilização** no ensino e aprendizagem de línguas (língua alemã e portuguesa), nas ações de promoção da língua (*language awareness* e conhecimento da língua), assim como também na pesquisa de modo geral (como obra de auxílio em diferentes áreas).

Cabe, portanto, encontrar respostas às seguintes perguntas ligadas ao trabalho lexicográfico da língua-alvo em questão:

1. Qual ou quais os usuários a considerar na elaboração do dicionário?
2. E qual o papel do dicionário para os diferentes usuários? Em suma, o que se pretende com o Dicionário?
3. Quais as línguas a serem consideradas (Hunsrückisch, Português, Alemão - bilíngue ou trilingue) e qual sua ordem de apresentação (p. ex.: Hunsrückisch–Português–Alemão ou Hunsrückisch–Alemão–Português)?
4. Que critérios orientam a seleção de verbetes para as entradas no Dicionário?
5. Quais as regras de registro das entradas do Dicionário (critério etimológico ou fonético)?
6. Quais itens devem compor a microestrutura do Dicionário, considerando:
 - a. gênero;
 - b. transcrição fonética/indicação de pronúncia;
 - c. variantes lexicais e fonéticas;
 - d. fraseologias ligadas ao verbete;
 - e. etimologia;
 - f. imagens/figuras ilustrativas;
7. O Dicionário deverá ter caráter enciclopédico?
8. Há a possibilidade de inclusão de mapas linguísticos produzidos no âmbito do ALMA-H, tal como ocorre no *Rheinisches Wörterbuch*? Qual seria sua função?
9. Qual a forma de publicação do Dicionário, impressa ou eletrônica?

Para responder a estas perguntas, estruturou-se a Dissertação da seguinte forma: como um dos objetivos deste trabalho é abordar a arte da feitura de dicionários, nos deteremos no Cap. 1 na observação geral da macroestrutura, da medioestrutura e da microestrutura - lexicografia e lexicologia, o Hunsrückisch e sua origem, concepção de *língua*, relação entre fala e escrita, questões terminológicas: *língua*, *dialeto* ou *variante*? O Cap. 2, apresenta os aspectos metodológicos do trabalho, ou seja, a relação desta Dissertação com outros projetos em andamento, sistema de escrita e transcrição. O Cap. 3 é dedicado à análise e apresentação de dicionários dialetais existentes e o tratamento lexicográfico dado à língua-alvo. O Cap. 4, por fim, discute item por item os pressupostos teóricos que subjazem a cada uma das questões apresentadas acima, nos diferentes níveis de análise, desde a microestrutura até a medio- e macroestrutura. As considerações finais deverão sumariar as principais conclusões do trabalho em forma de sugestões para o futuro Dicionário do Projeto.

Capítulo 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No presente capítulo, pretende-se observar alguns aspectos históricos do Hunsrückisch, quanto a sua origem e onde é falado. Ao se tratar de línguas, percebe-se a necessidade de buscar informações não só linguísticas, mas também abordar dados geográficos. No caso desta Dissertação, é necessário precisar quais são as variantes alemãs, onde são faladas, ou seja, quais são suas fronteiras, pois estamos tratando de uma língua de imigração, cuja matriz de origem se encontra na Alemanha. O Hunsrückisch é uma língua, um dialeto ou uma variedade? Essas questões terminológicas serão discutidas em mais detalhes a seguir. Pretende-se caracterizar o *corpus* dessa língua de imigração e falar sobre sua condição social, melhor dizendo, seu *status*. Também as relações entre fala e escrita do Hunsrückisch, bem como os aspectos lexicográficos e lexicológicos envolvidos, recebem especial atenção, já que se pretende registrar o seu léxico em um dicionário.

1.1 Particularidades da língua-alvo: o que engloba o Hunsrückisch?

1.1.1 Língua, dialeto ou variedade?

O Hunsrückisch é uma língua de imigração, minoritária, provinda de uma matriz original, onde constituía uma variedade da língua alemã, um dialeto poderíamos dizer que entra em contato com o português, num novo contexto. Vejamos a seguir alguns apontamentos teóricos sobre *língua, dialeto e variedade* para compreender melhor o que engloba o Hunsrückisch.

Segundo Saussure (1972, p. 17), a **língua** “é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Ela é parte determinante da linguagem. Dacanal (1987, p. 15) diz que língua “é, por natureza e por evidência, uma convenção, um acordo entre os membros componentes de um grupo”. O mesmo autor complementa que integram a base

dessa convenção “a capacidade de emitir e captar sons e a capacidade de organizá-los e ordená-los como símbolos, isto é, referi-los à realidade, seja esta o próprio fenômeno humano, seja o mundo real empírico externo ao homem e sobre o qual este age.”

Dialeto é, segundo Coseriu (1982, p. 10), um modo interindividual de falar. E, intrinsecamente, um dialeto é simplesmente uma língua, que possui um sistema fônico, gramatical e léxico.

“... un modo común y tradicional de hablar es un sistema de isoglosas realizable en el hablar mismo; y un sistema de isoglosas “completo”, o sea, realizable – directa o indirectamente – como actividad lingüística, es una *lengua*. En efecto, el concepto general de “lengua” es el de “sistema de isoglosas comprobadas en una actividad lingüística completa, es decir, que consiente el hablar y el entender de varios individuos de acuerdo con una tradición pueden ser diversos, según los casos considerados, y hasta pueden establecerse convencional y ocasionalmente. Así, podemos hablar de la lengua de una familia, de un barrio, de una ciudad, de una región, de la lengua literaria española del Siglo de Oro, etcétera; todo sistema que pueda funcionar en el hablar (o se deduzca de su funcionamiento en la actividad lingüística) es una “lengua”. (COSERIU, 1982, p. 10)

Ainda conforme Coseriu (1982, p. 10), o termo *dialeto*, contrariamente a uma opinião muito difundida, não significa nada mais nada menos do que *língua*. Diz ainda que, todo dialeto é uma língua, porém nem toda língua é um dialeto. Rector (1975, p. 33) é da mesma opinião que Coseriu (1982) e diz que a língua é “um sistema de intercâmbio intelectual humano, produto de um grupo social que tem a cultura como base de sua comunidade. Quando as raças alcançam uma comunidade de cultura, formam uma comunidade linguística.”

Outros autores, citados por Rector (1975, p. 35), como Charles Ferguson e John Gumperz, dizem que *dialeto* é qualquer variedade de língua não padronizada, ou ainda, tratam o dialeto como uma língua inferior de alguma espécie.

Coseriu (1982, p. 11) diz ainda que subordinamos os dialetos a determinadas línguas, ou seja, tanto no uso corrente como na Linguística, falamos de “dialectos de una lengua”, por exemplo, dialetos do espanhol, do português, do italiano, etc. Em todos os casos, trata-se de um conceito particular de língua.

“En este sentido – que es, precisamente, el sentido en que estos términos se emplean en la dialectología – hay, entre “lengua” y “dialecto”, diferencia de estatus histórico (real o atribuido): un “dialecto”, sin dejar de ser intrínsecamente una “lengua”, se considera como subordinado a otra “lengua”, de orden superior.” (COSERIU, 1982, p. 11)

Nesse sentido, o termo dialeto, quando oposto a língua, designa uma língua menor distinta, segundo Coseriu (1982, p. 12), dentro de uma língua maior, que é chamada de língua histórica. Uma língua histórica, conforme o mesmo autor, não é um modo de falar único, mas sim, uma “família” histórica de modos de falar e os dialetos são membros dessa família e constituem famílias menores dentro de famílias maiores.

Ainda Dacanal (1987) diz que a *língua* é o resultado prático do exercício da capacidade humana, denominada de *linguagem*. Linguagem é entendida pelo autor como a capacidade de organizar e/ou dominar uma língua, ou seja, a capacidade de emitir e captar sons e a de ordená-los como símbolos. Saussure (1972) também fala sobre a ordenação e classificação da língua:

“Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação.” (SAUSSURE, 1972, p. 17)

Para Saussure (1972, p. 18), a faculdade de constituir uma língua seria natural ao homem, embora seja ela própria uma convenção. Ele ainda afirma que a língua é um sistema de signos lingüísticos, no qual, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”.

Saussure (1972) também explica a assimilação da língua pelos diversos grupos sociais:

“A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários.” (SAUSSURE 1972, p.27).

A partir dessas afirmações, pode-se entender por que Saussure afirma que os sujeitos, individualmente, não podem criar uma língua, ou mesmo modificar uma já existente. “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (SAUSSURE 1972, p. 22). A língua é, portanto, um fato social.

Toda língua muda ininterruptamente. Se ela muda, como nos entendemos? Porque a língua varia. Há neste paradoxo da variação uma verdade inerente: os membros das comunidades bilíngues de imigrantes tiveram que conviver, ao longo da história, com variantes diversas; o contato linguístico entre as diferentes variantes e variedades do alemão e o português implicou certamente uma série de processos de acomodação e de nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*). Vale lembrar que, sem a forma escrita, a língua encontra dificuldades maiores no seu desenvolvimento, podendo até, com facilidade, desaparecer; como é o caso das diferentes variantes e variedades do alemão. Schwarz (1950, p. 186) confirma isso quando diz: “Gewiß hat man niemals in der Mundart geschrieben, aber über die engere Landschaft hat sich die Schreibsprache oft nicht erhoben, abgesehen von den großen Dichtern der

Blütezeit und den Epigonen⁵”. O processo do desaparecimento de variantes, segundo Schwarz (1950, p. 182 – 186) já era comum na Alemanha nos séculos XIV, XV e XVI. Algumas eram mais fortes e resistiam e outras não, mas, enquanto umas desapareciam, novas surgiam.

A grande área que estuda os dialetos é conhecida como *Dialetologia*. Entende-se por *Dialetologia*, segundo Bellmann (1986), o estudo e a sistematização dos traços linguísticos dos dialetos. Estuda, também, a língua popular que guarda formas que a linguagem oficial literária não registrou e nem registra. Em contraponto, Schmidt (2005) e Lenz (2005) defendem que também as variantes *standard* são foco de interesse da dialetologia.

Saussure (1972, p. 116) trata a língua através da linguística sincrônica e da linguística diacrônica. A *sincronia* “se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva” e a *diacronia* “estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si”. Isso remete ao que diz Coseriu (1980, p. 121), quando fala da estrutura interna e externa e das relações entre sistemas diferentes dentro de uma língua histórica. A estrutura interna trata de oposições funcionais do tipo “llama-rama”, ou seja, de formas (F) distintas para valores (V) distintos:



Fig. 1 – Relações entre sistemas: estrutura interna - formas distintas para valores distintos. (COSERIU, 1980)

⁵ Tradução: “É certo que jamais se escreveu em dialeto, todavia a língua escrita frequentemente não ultrapassou as mais estreitas fronteiras regionais, à exceção dos grandes poetas clássicos e dos epígonos.” (SCHWARZ, 1950, p. 186)

Já na estrutura externa, se trata de correspondências ou equivalências, ou seja, de formas idênticas para valores distintos e de formas distintas para valores idênticos:



Fig. 2 - Relações entre sistemas: estrutura externa - formas idênticas para valores distintos e formas distintas para valores idênticos. (COSERIU, 1980)

Temos aqui relações entre modos de fala diferentes. Essas relações, segundo Coseriu (1980, p. 121), são exatamente do mesmo tipo das encontradas entre línguas distintas, por exemplo, na tradução de uma língua para a outra ou no caso de palavras que designam objetos próprios de um determinado dialeto.

Conforme Saussure (1972, p. 233), os dialetos são “tipos linguísticos perfeitamente determinados, circunscritos em todos os sentidos e cobrindo, no mapa, territórios justapostos e distintos”. Existem apenas caracteres naturais, não existem dialetos naturais, ou seja, “existem tantos dialetos quanto localidades”, como pode ser visto na Fig. 3. Daí um aspecto importante a ser observado na dicionarização do Hunsrückisch Brasileiro (HrBr), pois existem inúmeras comunidades de fala e se cada qual possui um dialeto, o lexicógrafo provavelmente se deparará com formas distintas. Ou seja, considerando a grande variação interna, o trabalho lexicográfico será dificultado.

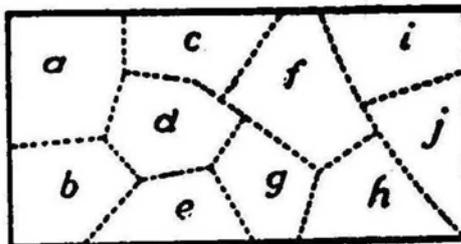


Fig. 3 - Representação de localidades de fala. (SAUSSURE, 1972)

Já Bellmann (1986, p. 3) define *dialeto* a partir da teoria dialetológica bidimensional, ou seja, a partir da dimensão horizontal (dimensão local) e da dimensão vertical (dimensão social, cultural):

1. *dialeto* é uma variedade da língua geral;
2. *dialeto* é adquirido através da língua materna vernacular;
3. *dialeto* possui uma função não-*standard*;
4. *dialeto* apresenta um contraste local com a sua “vizinhança” (dimensão horizontal);
5. *dialeto* apresenta um contraste cultural, com aspectos sociodialetais (dimensão vertical).

Câmara (1968, p. 117) diz que dialetos são línguas regionais apresentando entre si uma coincidência de traços linguísticos fundamentais. Etimologicamente, conforme o *Dicionário Morfossemântico* (2006), a palavra *dialeto* vem do grego *διάλεκτος* (*diálektos*) e pelo latim *dialectu* significando ‘conversa, o modo de falar, linguagem’.

Outros autores como Lenz (2005) e Schmidt (2005) preferem falar de *variedades linguísticas* ao invés de *dialetos*, porque o termo se popularizou de tal forma, que carrega muitas conotações subjetivas que o desabilitam como termo técnico com um significado claro e preciso. A terminologia científica sempre busca a neutralidade e a clareza. Um termo não pode evocar vários

significados e conotações ao mesmo tempo, isto é, ser ambíguo. Ele tem que significar exatamente o que se quer que signifique dentro de um escopo teórico, e não mais de um significado. Schmidt (2005, p. 66) define *variedade* como *parole* de um determinado grupo social. Lenz (2005, p. 229), com base em Bellmann (1983), define a dinâmica das variedades e apresenta um contínuo entre aspectos linguísticos e sociolinguísticos, que é nomeado de “*substandard*”.

“Substandard wird definiert als sprechsprachlicher Gesamtbereich unterhalb der nominierten Standardsprache einschließlich seiner sozialen Verteilung, seiner sozio-pragmatischen Steuerungsfaktoren und der Bewertungsstrukturen seiner Sprecher.“ (LENZ, 2005, p. 229)⁶

A autora representa a estrutura *substandard*, baseada em Bellmann (1983), através do seguinte esquema:

Língua-padrão falada	
Novo subpadrão (âmbito intermediário)	S u b p a d r ã o
Dialetos-base	

Fig. 4 - Esquema representativo da estrutura *substandard*, baseado em BELLMANN (1983) – v. LENZ (2005).⁷

Com base no que foi dito acima, podemos concluir que a língua é um sistema de regras, que apresenta uma variação interna, inclusive o português. Se tomarmos o Hunsrückisch como “sistema de normas”, não há entre *língua* e

⁶ Tradução: “Define-se como *subpadrão* o âmbito total da língua falada abaixo da norma padrão, incluindo sua distribuição social, seus fatores de controle sócio-pragmáticos e o sistema de avaliação de seus falantes“. (LENZ, 2005, p. 229)

⁷ Tradução nossa.

dialeto nenhuma diferença, pois ambos implicam uma gramática e regras de uso, como afirma Coseriu (1982). Mesmo sendo a atitude dos falantes de Hunsrückisch basicamente depreciativa em relação à língua que falam, concluímos que dever-se-ia preferir o termo *variedade* a *dialeto* quando se trata do Hunsrückisch. A visão do Hunsrückisch na proposta de dicionário é a de uma língua de imigração que carrega traços particulares devidos à mudança de contexto e aos diversos contatos com o português e outras variedades do alemão, incluindo o *Hochdeutsch*. Isso torna a tarefa desse dicionário diferente. São essas características peculiares – a) *status* social minoritário, b) história particular, c) língua de contato, d) de existência essencialmente oral, e) sem tradição escrita, f) de uso restrito às funções informais do dia-a-dia, além de, g) marca identitária de um grupo étnico e social, que devem ser levadas em conta na elaboração do dicionário e, conseqüentemente, das respectivas micro-, médio- e macroestruturas, como se irá discutir no Cap. 4.

1.1.2 Contínuo dialetal do “Hunsrückisch Brasileiro” (HrBr): mudanças no *status* e no *corpus*

No Brasil, o Hunsrückisch possui o *status* de língua de imigração. Além do Hunsrückisch, diversas outras variedades do alemão, como já foi mencionado anteriormente, estão representadas no Brasil. São, no entanto, diversas variedades em contato. Segundo Thun & Radtke (1999), há uma variação “diatópica” ou “areal”, com a qual se tem preocupado a geografia linguística, e que em outras palavras, pode resultar no plurilinguismo, principalmente no meio rural. Na verdade, esta seção coloca, em termos lexicográficos, a pergunta crucial sobre a seleção do que deveria entrar no Dicionário, ou seja, quais os verbetes a compor as entradas. Por isso, definir o Hunsrückisch e reconhecer sua constituição interna (ver abaixo) é condição *sine qua non* para essa discussão. A isso vão somar-se outros critérios, como se verá mais adiante, que envolvem p.ex. questões como a frequência de uso das diferentes variantes e sua relevância cultural e histórica para a comunidade de fala.

O léxico a ser incorporado ao dicionário, diante do que foi posto acima, observando o histórico de contatos a que foi submetido o Hunsrückisch na sua trajetória no Brasil desde 1824 até o presente momento, coloca uma série de aspectos a serem considerados no trabalho lexicográfico. Como já foi mencionado anteriormente, essa base dialetal envolve traços [+ moselanos] e [+ renanos], [+ dialetal, + Deitsch] e [+ padrão, + Deutsch] e, por fim, [+ alemão] e [+ português]. Tal contínuo de variação do Hunsrückisch também é abordado por Meyer (2009) e pode ser representado e visualizado melhor da seguinte forma:

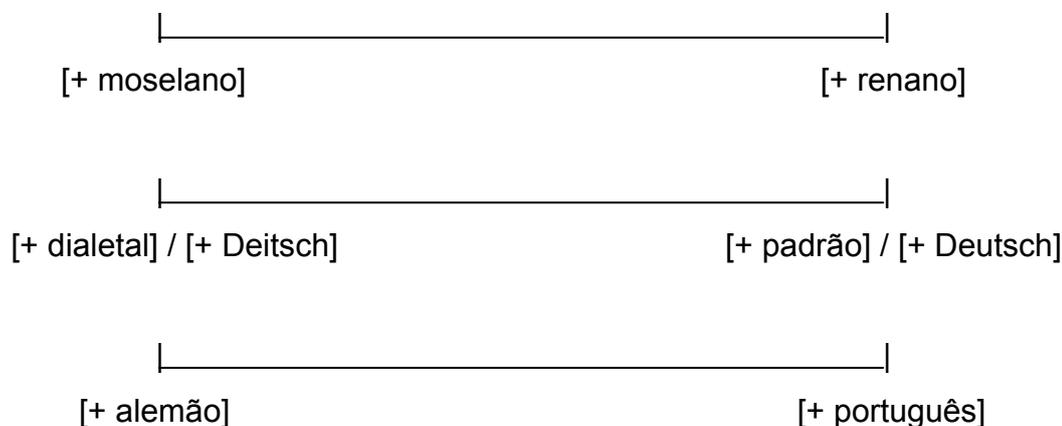


Fig. 5 - Esquema representativo do contínuo de variação basilectal do Hunsrückisch.

Segundo Altenhofen (1996, p. 26), somam-se a esse contínuo, no entanto, constituído pela base mais germânica do Hunsrückisch, uma série de elementos oriundos de línguas/variedades em contato por onde os falantes têm passado:

1. base renana e moselana;
2. latinismos oriundos da fase antiga do contato romano-germânico;
 - *Kroone*⁸ ‘torneira’ – do lat. *corona*;

⁸ Para a escrita, orientamo-nos nas regras do ESCRITHU, que serão explicitadas no Cap. 3.

- *Keenel* ‘calha’ – do lat. *canalis*;
3. galicismos;
- *retour* ‘de volta’ – do fr. *retour*;
4. empréstimos do português (brasileirismo de segunda mão);
- *Caçula* – do ptg. *caçula* (africanismo);
 - *Guri* – do ptg. *guri* e este por sua vez tem origem no tupi;
5. hispanismos presentes em pontos de contato com o espanhol, como em Misiones, em muitos casos envolvendo processos de relexificação⁹:
- hisp. *Remera* var. *Camiseta*;
 - hisp. *Pañal* var. *Winnel* var. *Fralda*;
 - *Calçong*¹⁰ var. *Schorr* em esp. (ing.: *short?*);
6. influências de outras variedades do alemão (p. ex. Hochdeutsch)
- *Gaul* var. *Fead* ‘cavalo’ (<Hdt. Pferd);
 - *Pesch* var. *Fiesich* ‘pêssego’ (<Hdt. Pfirsich).¹¹

No que se refere ao conjunto de elementos do item 6. acima, é preciso levar em conta a influência da Igreja (religião), do letramento (aulas em alemão-padrão) e de ditados populares em língua alemã-padrão. Esses e outros aspectos veremos mais adiante na seção 1.1.4, que trata da fala e da escrita.

1.1.3 Matriz de origem do Hunsrückisch ou o “Hunsrückisch da Alemanha” (HrDt)

O Hunsrückisch, como pode ser visto no *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA), de Bellmann, Herrgen & Schmidt (1989), tem a sua matriz de origem

⁹ Ou seja, a substituição do lusismo, normalmente os empréstimos em fase de integração ao Hrs. ou, como denomina Altenhofen (1996, p. 26), envolvendo os *integranda* (*integrandum* = empréstimos em fase de integração e, portanto, mais suscetíveis à substituição por outra forma alternativa).

¹⁰ Convém lembrar que significa ‘cueca’ em esp. (var. *Unnerhoss*).

¹¹ Observe-se, aqui, que as variantes de identificação com o Hochdeutsch não coincidem exatamente com a forma padrão; seguem, isso sim, outros critérios, mas são efetivamente vistas como [+ corretas] ou [+ cultas]. Nestes exemplos, a pronúncia /f/ em lugar da forma /pf/ faz parte do processo de normatização “de baixo para cima”, a partir do uso oral do padrão em construção ao longo do séc. XIX, o qual evoluiu de /pf/ para /f/.

na Alemanha, mais precisamente na região da Renânia Central. O mapa a seguir (Fig. 6), elaborado por Wiesinger (1983), apresenta uma delimitação aproximada das principais áreas dialetais do alemão na Europa Central. Note-se que Wiesinger entende os limites interdialetais (as *isoglossas*, como se denominam na geolinguística as linhas que separam uma área e outra) não como abruptos, mas representados por uma área de transição em forma de *gradatum*, isto é, de intersecção de traços de ambas as áreas em contato e gradativa transição para uma área e outra.

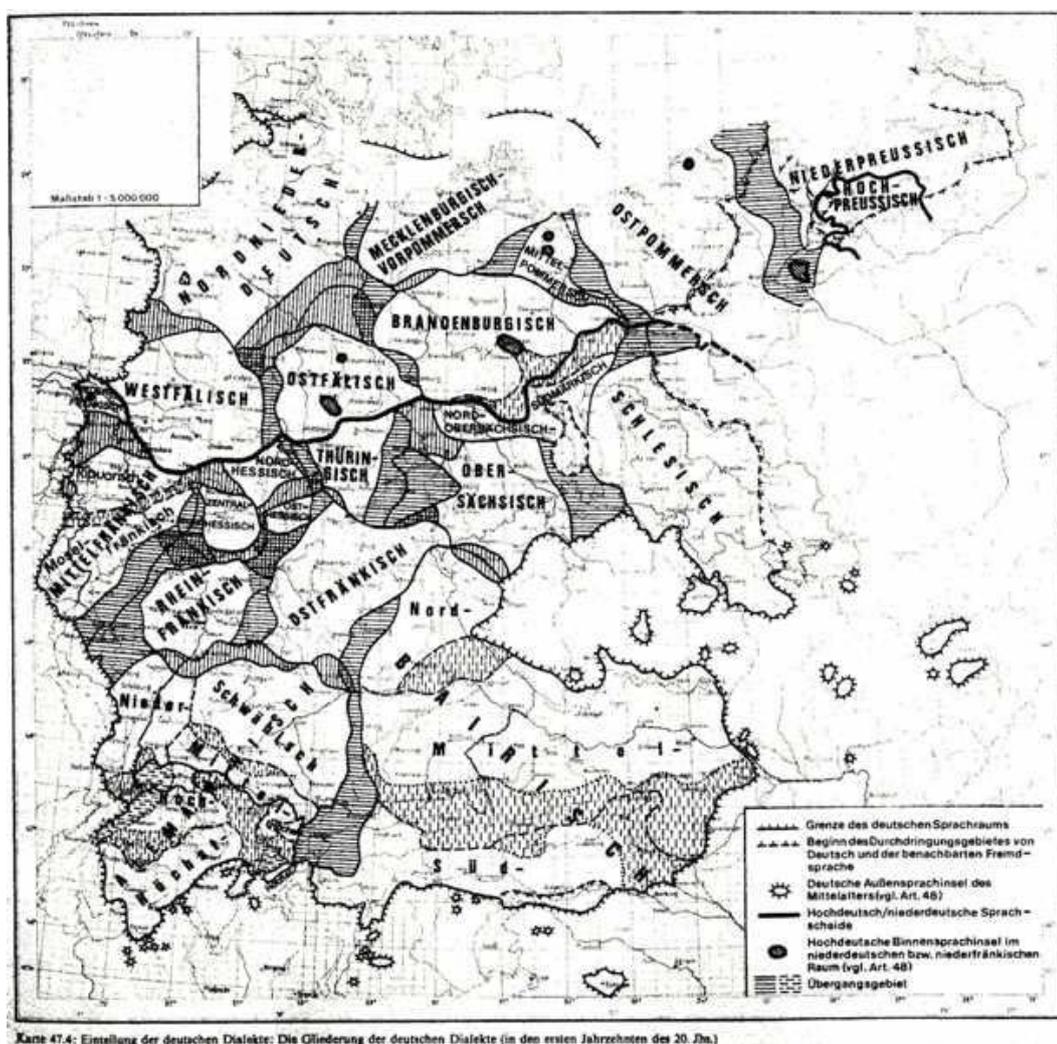


Fig. 6 - Áreas dialetais do alemão, segundo Wiesinger (1983, p. 831) *apud* Altenhofen (1996, p. 18).

Segundo Frings (1932, p. 34), era comum, por causa das migrações, um grupo ser influenciado por outro, tanto nos costumes quanto na linguagem. As

migrações na Idade Média eram comuns na Europa; esses movimentos podem ser observados melhor no mapa de Frings (1932) (Fig. 7) e no mapa de Schwarz (1950) (Fig. 8).

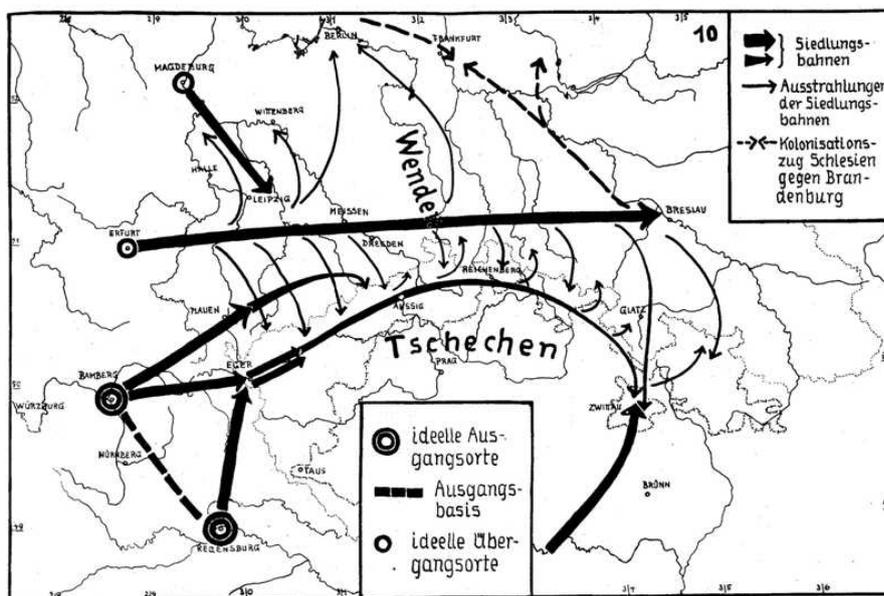


Fig. 7 - Migrações para o leste europeu, segundo Frings (1932).

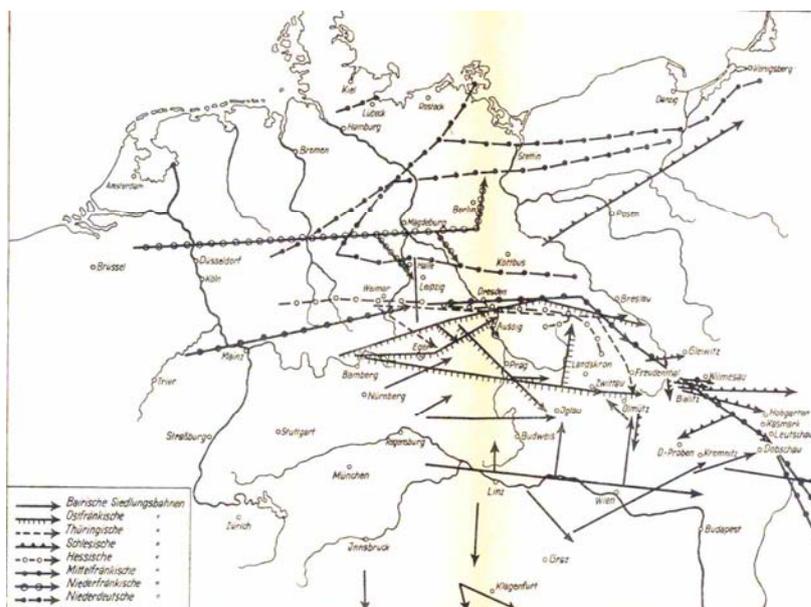


Fig. 8 - As migrações para o leste europeu na Idade Média, conforme Schwarz (1950, p. 195).

Entre todas as variedades faladas na Alemanha, a que veio para o Brasil com maior força e que aqui se desenvolveu, sendo falada ainda até hoje, é o Hunsrückisch. Grande parte dos imigrantes alemães que entrou no Brasil e que colonizou, principalmente, o Rio Grande do Sul provinha da região sudoeste da Alemanha, do *Hunsrück* e imediações.

O *Hunsrück* situa-se dentro da região franco-renana e é cercado pelos rios *Mosela*, *Nahe*, *Reno* e *Saar* (Fig. 9). Por ser cercado de rios, e as margens desses oferecerem terras férteis, o *Hunsrück* é povoado principalmente nos vales por onde os rios correm. É interessante lembrar que a região é bastante acentuada, há muitos morros e rochas. Por isso, cultivam-se principalmente uvas e produz-se, também, bastante vinho. Acredita-se que esse aspecto geográfico do *Hunsrück* tenha favorecido a instalação e a adequação dos imigrantes no Rio Grande do Sul.



Fig. 9 - Mapa adaptado da região do Hunsrück, na Alemanha.

Fonte: http://www.vg-herrstein.de/tourismus/anreise_herrstein/herrstein_im_hunsrueck/index.html (Acesso: 19.10.2009)

Sobre as origens do nome *Hunsrück*, as opiniões são bastante controversas. Alguns autores dizem, como explica Altenhofen (1996, p. 8), que a origem se deve à região montanhosa que se assemelha às costas de um cachorro. Portanto, *Huns* ‘cachorro’ e *rück* (derivado da palavra *Rücken*) ‘costas’. Outra tese corrente mencionada por Altenhofen (1996) é a que remete a palavra aos povos hunos, em alemão *Hunnen*, que chegaram à região e tiveram que retornar (*zurück*). A estas explicações soma-se a interpretação que vê no nome a expressão: *hoher Rücken* ‘costas altas’, em alusão às características montanhosas da região. Como pode ser observado, a controvérsia etimológica é vasta.

Discussões acerca do nome do dialeto também são recorrentes. É correto dizer *Hunsrück* ou *Hunsrückisch*? Ou ainda *Hunsbucklisch*? Todas são autodenominações mais ou menos correntes na comunidade de fala. A relação entre origem e uso de determinada variedade, no entanto, não coincide necessariamente. Ou seja, não se pode afirmar que quem fala HrBr é originário do Hunsrück. O que houve é a difusão dessa coine como uma variedade que, por suas características mais próximas do *Hochdeutsch*, se impôs no uso oral, muito provavelmente ocupando o lugar do *Hochdeutsch* em virtude da falta deste (a lacuna da *Dachsprache* – língua-teto, segundo Altenhofen, 2010, no prelo), pelo menos na primeira metade do séc. XIX, como os dados do Projeto ALMA-H estão sugerindo. Posteriormente, foi-se introduzindo o alemão-padrão ou uma variedade mais próxima, através de novos imigrantes que já vinham com mais conhecimentos do *Deutsch*, e do ensino de alemão (segunda fase; cf. em Altenhofen (1996), periodização da história do contato HrRS-ptg.). É importante lembrar que, na dialetologia alemã, costuma-se empregar denominações como *Moselfränkisch*, *Rheinfränkisch* e *Pfälzisch*. Em terras brasileiras, as denominações *Hunsrückisch* e *Hunsbucklisch* se impuseram na literatura a partir da autodenominação *in vivo* na comunidade de fala, em especial em localidades das antigas colônias alemãs do RS, por isso conhecido como *Riograndenser Hunsrückisch*¹². O critério da autodenominação é visto,

¹² Nem na Alemanha são denominações populares, com exceção talvez do *Pfälzisch*. *Rhein-* e *Moselfränkisch* são termos técnicos da dialetologia alemã, surgidos a partir dos estudos do *Deutscher Sprachatlas* iniciado por Georg Wenker.

assim, como planificação *in vivo*, na política linguística (cf. Calvet, 2007). O grupo dos *Hunsrücker*, por ser grande e forte, através das migrações dos grupos de imigrantes, enfraqueceu ou eliminou as demais variedades, criando, assim, uma língua “única”. Essa ideia está de acordo com o que diz Fausel (1959, p. 7): “Das in Brasilien gesprochene Hunsrückisch: es enthält den Niederschlag aller im Hunsrück gesprochenen Mundartformen”¹³. Porém, os estudos do Projeto ALMA-H mostram que o Hunsrückisch não pode ser visto como uma variedade homogênea, pelo contrário, apresenta uma variação interna, como qualquer língua, principalmente quando não normatizada ou cultivada pela escrita.

O correto seria, então, falar de *Hunsrückisch* quando nos referimos à língua, já que, *Hunsrück* é o nome dado à região donde provinham os *Hunsrücker*. Mas o nome *Hunsrück* é igualmente muito usado pelos falantes quando se referem à língua. Esse uso fez com que essa expressão se tornasse uma variante de *Hunsrückisch*. O termo *Hunsrückisch*, por sua vez, acentua sua vinculação como variedade da língua alemã, uma vez que temos o sufixo – *isch* na maioria das designações de línguas, como em: *Pommerisch*, *Schwäbisch*, *Westfälisch*, etc. Atualmente, no âmbito do Projeto ALMA-H, está se propondo também o termo aportuguesado, ou seja, *hunsriqueano*.

A língua alemã no Rio Grande do Sul oferece campo amplo para estudos e pesquisas dialetológicas. Segundo Fausel (1959, p. 7), inúmeros “dialetos” alemães estão representados no Brasil. Esse fato mostra a importância da pesquisa nessa área, pois só o Hunsrückisch já apresenta uma diversidade linguística considerável.

Além dos falantes do *Moselfränkisch*, *Rheinfränkisch* e *Pfälzisch* aparecem no Brasil os falantes de *Pommerisch*, que vêm do nordeste alemão. Esses imigrantes se estabeleceram, principalmente, no Espírito Santo, em Santa Catarina e no sul do Rio Grande do Sul. Um terceiro grupo de imigrantes alemães são os que falavam o *Westfälisches Platt*. Esse é, até hoje, falado na

¹³ Tradução: O Hunsrückisch falado no Brasil contém aspectos de todos os dialetos falados no *Hunsrück*.

região do Vale do Taquari e é conhecido aqui, no Brasil, como “*sapato-de-pau*”. A matriz de origem na Alemanha, situa-se no noroeste, na região onde fica o estado de *Nordrhein-Westfalen* (cf. FAUSEL, 1959).

Outros grupos como os *Wolhynische Deutsche* e *Wolgadeutsche* ‘alemães do Wolga’, que falavam dialetos derivados dos francos, e os boêmios, que, naturalmente, falavam *Böhmisch*, aparecem, segundo Fausel (1959, p. 8), em grupos menores. Conforme Fausel (1959, p. 9), apenas algumas pessoas ou famílias falavam esses dialetos. Por serem grupos muito pequenos e, por isso, mais fracos, praticamente desapareceram com o decorrer dos anos. Aqui entra a questão do grupo dos *Hunsrucker*, por ser um grupo grande e, conseqüentemente, forte; através das migrações dos povos entre as colônias, acontece a eliminação, ou melhor, o enfraquecimento das demais variantes.

Já que o surgimento de novas colônias no Rio Grande do Sul favorecia a migração dos grupos de imigrantes e seus descendentes e, conseqüentemente, a mistura entre os falares, acreditava-se no surgimento de uma nova língua. Essa seria uma língua que uniu e pegou características de todos os dialetos falados no Sul do Brasil (cf. FAUSEL, 1959), uma língua coiné. O termo coiné tem suas raízes nos gregos: *koiné diálektos* ‘língua comum’ e é o resultado do contato entre idiomas muito próximos, ou entre subsistemas de um mesmo idioma. Atualmente, também se discute até que ponto podemos chamar o HrBr de coiné, dada grande a influência da língua portuguesa. Além disso, em contraponto com o que afirma Fausel (1959), temos Koch (1974) que realizou inúmeras pesquisas envolvendo o Hunsrückisch e que constatou “que os dialetos importados não se dissolveram completamente numa coiné teuto-rio-grandense uniforme, mas que, pelo contrário, persistem acentuadas variações regionais” (KOCH, 1974, p. 13).

1.1.4 Relações entre fala e escrita

O Hunsrückisch é uma variante essencialmente falada. Em princípio, quando os falantes da comunidade “hunsriqueana” escrevem, valem-se do Hdt. Veja a seguir alguns exemplos que retratam essa realidade:



Wandschoner 'protetor de parede'



Inscrições em sepulturas



Receita de Waffer



Inscrições

Tab. 1 - Registros escritos em Hdt. por falantes de Hunsrückisch. Fonte: Acervo ALMA-H.

A produção escrita em Hunsrückisch existe, porém em número reduzido e em funções específicas, normalmente vinculadas ao humor e à identidade

dos falantes. Trata-se, no entanto, de exemplos localizados e não de uma prática corriqueira do conjunto da comunidade de fala. A produção poética abrange escritos de autores como Pe. Rambo, Pastor Hunsche, Alfredo Gross e Lily Clara Koetz, etc. e, também, alguns jornais de cunho humorístico.

O que precisa ficar claro na relação entre fala e escrita é a distinção entre duas realidades de produção escrita em Hunsrückisch:

- a) de um lado, a consideração de uma certa tradição representada por alguns autores como Rambo, Hunsche, Gross e Koetz;
- b) de outro lado, a conscientização dos falantes para uma escrita uniforme, ou seja, apresentar regras de escrita bem definidas e com um embasamento teórico-etimológico.

As regras de escrita já foram estabelecidas pelo grupo ESCRITHU, vinculado ao Projeto ALMA. Resta definir a ideia e a proposta de uma escrita mais ou menos padronizada junto aos usuários da língua e iniciar a feitura de um dicionário do Hunsrückisch para fixar graficamente o léxico. As propostas do ESCRITHU serão aprofundadas no Cap. 2, no qual são apresentados os Aspectos Metodológicos.

1.1.5 Consequências para o trabalho lexicográfico

Tendo em vista tudo o que foi dito anteriormente, o HrBr apresenta aspectos importantíssimos a serem observados no trabalho lexicográfico. É uma língua de imigração alemã no Brasil com origem germânica e que, aqui no Brasil, por sua vez, entra em contato com o português e com outras línguas de imigração alemã. A língua, como é sabido, está em constante mudança, em diferentes contextos sociais. Na confecção de um dicionário, a língua como a entendemos aqui coloca alguns obstáculos a transpor no trabalho lexicográfico, a saber:

- a) o problema da variação interna;

- b) o problema dos contatos linguísticos;
- c) o problema dos empréstimos linguísticos;
- d) o problema do registro escrito das entradas: língua essencialmente falada, sem escrita sistemática de domínio dos falantes, que por isso necessita de uma sistematização para a entrada dos verbetes, a qual, como veremos, é discutida pelo grupo ESCRITHU, no âmbito do Proj. ALMA-H.

Com base nisso, quer-se apresentar a seguir aspectos lexicográficos e lexicológicos para, a partir daí, pensar a criação de um dicionário para o HrBr, que pretende legitimizar o léxico dessa língua de imigração alemã.

1.2 Aspectos lexicográficos e lexicológicos

Entre os séculos XVI e XVII, conforme Bevilacqua (1993, p. 18), aparecem os primeiros dicionários. Dicionários de modismos, de arcaísmos, de gírias e de determinadas áreas do conhecimento, são os primeiros a surgir. Na mesma época, aparecem os grandes dicionários monolíngües ou bilíngües, geralmente no latim e mais uma outra língua.

Como pode ser visto, a lexicografia – a técnica da feitura dos dicionários – é uma arte muito antiga. Segundo Bevilacqua (1993, p. 17), a lexicografia nasce a partir da necessidade de explicar o sentido das palavras. Com a cultura renascentista e o aparecimento da imprensa, a lexicografia recebe um grande impulso no seu desenvolvimento. Surgem assim, os primeiros dicionários bilíngües e multilíngües, isso, por necessidade do aumento da integração entre os povos. Ainda de acordo com Bevilacqua (1993, p. 18), as primeiras obras lexicográficas eram denominadas com o termo *vocabulário*, por exemplo, o *Universal Vocabulario* de Antonio de Palencia (1490). Mais tarde aparece o termo *dicionário*, que tinha sentido diferente do uso latino, seu objetivo era agrupar locuções e expressões, por exemplo, o *Dictionarium latino-gallicum* de Robert Estienne (1539).

Os primeiros dicionaristas da língua portuguesa são Antônio de Morais Silva com seu *Dicionário da Língua Portuguesa* em 1789 e, antes dele, Padre Raphael Bluteau editou, entre 1712 e 1728, o *Vocabulário Português-Latino*.

Conforme já citado, na língua portuguesa, a primeira obra também surge com o termo *vocabulário* (1712 – 1728) e depois aparece o termo *dicionário* (1789).

Dicionário é, segundo Krieger (1993, p. 15), um lugar de representação do bem-dizer, ou seja, no momento em que um vocábulo está registrado (dicionarizado) ele adquire legitimidade, podendo assim, ser utilizado sem causar contravenções linguísticas. A legitimação do léxico e a consagração do significado atribuem ao dicionário um certo *status* (poder). Esse poder faz com que os dicionários se revelem obras dinâmicas, ou melhor, se tornem dinâmicos, pois a língua está em constante mudança.

O próprio termo *dicionário*, no lat. *dictionarium*, em sua etimologia, através do sufixo *-arium*, significa 'lugar para guardar, depósito'. Conforme Krieger (1993, p. 9), "neste caso, o elemento fundamental do dizer: as palavras."

A Lexicografia está bastante ligada a Lexicologia, pois ambas tratam e estudam o léxico. Diferem-se, no entanto, nas suas práticas e nos seus métodos. Enquanto a Lexicografia se ocupa com a feitura de dicionários, glossários, vocabulários, etc., a Lexicologia trata do léxico em si, ou seja, descreve o léxico, sua estrutura e suas relações. Alguns autores (p. ex. HAENSCH *et al.*, 1982, p. 259; LUTZEIER, 1995, p. 9) comentam que ainda não há, ou parece não haver, uma ponte entre a Lexicologia e a Lexicografia, uma vez que não são utilizados os modelos de análise, ou melhor, os resultados de estudos teóricos em Lexicologia para a criação de dicionários. Assim, podemos entender que um dicionário é, na maioria, criado/construído sem critérios científicos.

Um dicionário serve para consultar e responder questionamentos dos usuários. Esses questionamentos podem estar relacionados simplesmente à morfologia (forma) ou também à semântica (significado). Haensch (1982, p.95-187), Hartmann (2001, p. 148), Souza (1995, p. 116-117) e Engelberg e Lemnitzer (2004) mostram que há diversos tipos de dicionários, porém neste trabalho somente nos interessam os dicionários monolíngues e bilíngues, gerais e enciclopédicos.

Um dicionário geral de língua pode ser definido como um “dicionário de palavras”, ou seja, nele predominam as informações linguísticas; ele é intensional. Já um dicionário enciclopédico se preocupa com o referente e pode ser considerado um “dicionário de coisas”; ele é extensional e incorporativo. Em outras palavras, um trata do conhecimento de língua (*Sprachwissen*) e o outro trata do conhecimento das coisas (*Sachwissen*). Porém, é interessante mencionar que não há uma separação bem definida (rígida), pois muitas vezes as informações nos verbetes de dicionários se misturam. Os dicionários gerais acabam fazendo o papel dos dicionários enciclopédicos, pois nas suas definições são muito extensos. Num dicionário geral, a definição deve ser sintética (breve). Krieger (1983) comenta a respeito das definições:

“... definir lexicograficamente é fazer corresponder a uma unidade lexical todos os sentidos que a recobrem. É desenvolver uma descrição semântica do lexema definido. Em termos de dicionário, uma descrição semântica equivale ao conjunto de acepções que compõem o verbete.” (KRIEGER, 1983, p. 65)

As informações que compõem um dicionário devem ser organizadas seguindo alguns critérios definidos previamente, como objetivos e público-alvo do dicionário. Quando se trata da estrutura de um dicionário, está-se pensando na **macroestrutura** e quando nos referimos à parte interna de cada verbete está-se tratando da **microestrutura**. Além da macro- e microestruturas, ainda temos a **medioestrutura**, que está inserida na microestrutura e na macroestrutura. Vejamos a seguir mais detalhadamente cada uma dessas estruturas.

1.2.1 Macroestrutura

Da *macroestrutura* fazem parte não apenas toda a listagem de verbetes, mas também a introdução, a lista de abreviações e símbolos, as instruções de uso, as informações sobre a gramática da língua em questão e indicação da bibliografia. Essas são partes indispensáveis de um dicionário, pois precisamos delas para ler e entender a obra, apesar de, como acentua Wiegand (1989, p. 498), em muitos dicionários não haver a preocupação com a macro- e a microestrutura.

É responsabilidade da macroestrutura organizar e ordenar os lemas. O que aparece após o verbete é parte integrante da microestrutura. Veja o esquema ilustrativo a seguir:

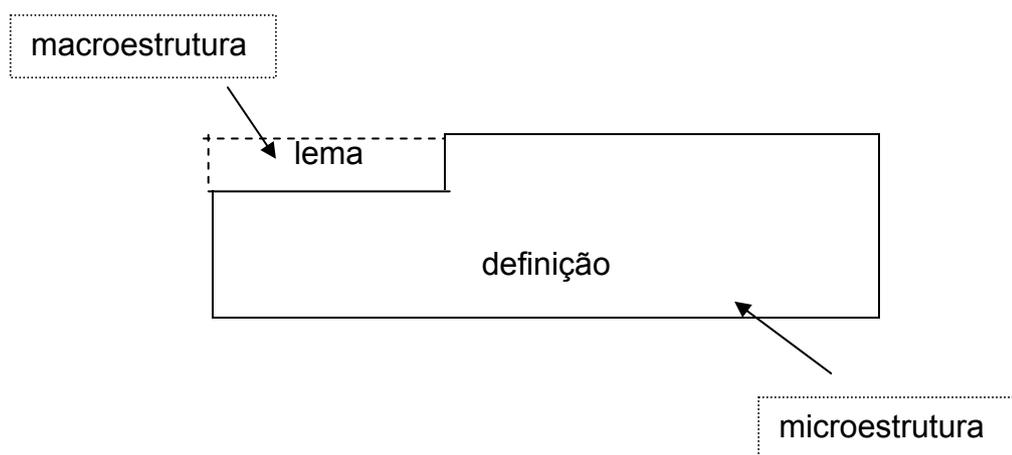


Fig. 10 - Esquema representativo da macro- e microestrutura.

Tem-se na macroestrutura, conforme Schlaefter (2002, p. 89), quatro formas principais de organização alfabética dos lemas: *Lemmareihe glattalphabetisch* 'estrutura lisa', *Lemmareihe nischenalphabetisch* 'nicho léxico', *Lemmareihe nestalphabetisch* 'nicho léxico "em rede"' e *Lemmareihe rückläufig alphabetisch* 'estrutura inversa'¹⁴. A terceira forma se difere da estrutura lisa e do nicho léxico por apresentar na sua estrutura grupos morfológicamente ligados e a última forma é organizada através do final da

¹⁴ Palavras do autor deste trabalho.

palavra, muitas vezes por sufixos. Para melhor entender essas estruturas veja a seguir os exemplos¹⁵ extraídos de Schlaefer (2002, p. 89-90):

Flöte, flöten, Flötenbläser, flötengehen, Flötenkonzert, Flötenmusik, Flötenspiel, Flötenspieler, Flötenton, Flötenwerk, flotieren, Flötist, flott, Flott, flottbekommen, Flotte, Flottenabkommen (...)	Flöte, flöten, Flötenbläser, flötengehen, Flötenkon-zert, Flötenmusik, Flötenspiel, Flötenspieler, Flötenton, Flötenwerk flotieren, Flötist, flott, Flott, flottbekommen, Flotte, Flottenabkommen (...)	Erle Brand- Ruess- Schwarz- Drues- Erli erlin Êrli Erilig Erlibacher erlibacheren Orleander > orlen Orle ⁿ > Orli Örlig(er)> Urlet>	tektonisch architektonisch plutonisch embryonisch Harnisch Allermannsharnisch kalifornisch saturnisch bosnisch estnisch faunisch launisch
(1)	(2)	(3)	(4)

1 – estrutura lisa

2 – nicho léxico

3 – nicho léxico em rede

4 – estrutura inversa

Fig. 11 – Macroestruturas, segundo Schlaefer (2002, p. 89-90).

Fogem dessas 4 estruturas os dicionários ilustrativos que, segundo Schlaefer (2002, p. 91), são organizados por temas, e assim agrupados. Apresentam inúmeras imagens, figuras e/ou fotos.

Relacionada à macroestrutura está também a medioestrutura que liga um determinado verbete a outro(s) verbete(s). Vejamos a seguir o que caracteriza a medioestrutura.

¹⁵ Schlaefer (2002) tomou os exemplos ilustrativos do Schweizerisches Idiotikon (B/1881ff.).

1.2.2 Medioestrutura

A *medioestrutura*, como já foi dito anteriormente, está inserida na microestrutura e na macroestrutura e o seu papel, segundo Schlaefler (2002, p. 92), é interligar a microestrutura e a macroestrutura, ou seja, remeter a outros verbetes do dicionário e estabelecer relações. Bugueño (2002-2003, p. 99) afirma que um dicionário sempre deve ter uma medioestrutura. Poupar tempo e espaço são os principais objetivos da medioestrutura, isso quer dizer que: o usuário ganha tempo quando num determinado verbete é informado onde encontrar mais informações e o dicionário ganha espaço, pois o dicionarista não precisa reescrever o que já foi dito em outro momento na obra.

Muitas vezes a medioestrutura ou *Verweise* ('indicações'), como é chamada por Schlaefler (2002), é identificada simplesmente pelo seguinte sinal: ↑. Também reconhece-se a medioestrutura principalmente de formas como as seguintes:

- a) na língua portuguesa:¹⁶
 - **V.** = veja
 - **q. v.** = queira ver
- b) na língua alemã:¹⁷
 - **s.** = siehe
 - **s. d.** = siehe dies, siehe dort
 - **s. o.** = siehe oben
 - **s. u.** = siehe unten

1.2.3 Microestrutura

Quando se fala em *microestrutura*, refere-se à parte interna de cada verbete, ou seja, trata-se de cada verbete individualmente e das suas

¹⁶ Segundo o Dicionário Aurélio.

¹⁷ Segundo o Duden - *Deutsch Universalwörterbuch*.

definições. Schlaefer (2002, p. 84) lembra da importância da coerência entre os artigos léxicos, ou seja, as informações e a organização do texto na microestrutura devem ser coerentes no decorrer de toda a obra lexicográfica.

As figuras e/ou ilustrações são parte integrante da microestrutura. As ilustrações nos remetem, num primeiro momento, a dicionários enciclopédicos, mas também podem ser encontradas em dicionários bilíngues e/ou em dicionários para aprendizes de uma língua estrangeira, para esclarecer eventuais dúvidas de significado.

Os dicionários bilíngues ou plurilíngues têm muitos elementos em comum com os dicionários monolíngues.

“La lexicografía plurilingüe tiene muchos elementos en común con la monolingüe: lema, indicación de variantes ortográficas y fonéticas, indicaciones gramaticales, acotaciones de uso, etc. Se distingue esencialmente de la monolingüe en que no da (salvo casos excepcionales) definiciones de las unidades léxicas en la misma lengua, sino uno o varios equivalentes del lema en otra u otras lenguas. En el fondo, da sinónimos pertenecientes a otro sistema lingüístico. (...) Los diccionarios generales multilingües son, por regla general, muy poco satisfactorios.” (HAENSCH, 1982, p. 512)

Como pode ser visto na citação acima, os dicionários plurilíngues são geralmente insatisfatórios, ou seja, o usuário não consegue responder os questionamentos que o levaram ao dicionário. Vejamos a seguir o que diz Carvalho (2001) acerca dos dicionários bilíngues e suas estruturas:

“Para uma melhor compreensão dos componentes do dicionário bilíngue, os lexicógrafos costumam subdividi-lo em macro e microestruturas. A primeira refere-se ao lema e a segunda corresponde à estrutura interna do verbete. Juntas, estas estruturas formam um texto lexicográfico.” (CARVALHO, 2001, p. 64)

“A estrutura interna do bilíngue é a parte em que são organizadas todas as informações a serem mencionadas acerca do lema, o qual, por sua vez, funciona como a entrada principal. Como núcleo da estrutura interna estão as equivalências, elementos obrigatórios que desempenham papel fundamental para o usuário, uma vez que é a procura delas que ele vai, ao consultar um dicionário bilíngue. Pode-se dizer que os outros componentes giram em torno da relação lema-equivalência(s), que constitui a base do bilíngue.” (CARVALHO, 2001, p. 65)

Entretanto, a questão não é tão simples quanto parece, pois os dicionários, na prática, nem sempre possuem essa noção do problema e muito menos critérios para inclusão desse léxico marcado por um dos eixos (p. ex. diatópico e diafásicos), na seleção macroestrutural, muito menos na marcação interna dos mesmos nos verbetes.

Com base no que foi dito acima, cabe apresentar e analisar no Cap. 3 alguns dicionários dialetais. O objetivo é apresentar e analisar brevemente as suas estruturas para pensar bases para a elaboração do dicionário do Hunsrückisch. Tal intento serve de base para o estudo a criação do dicionário do Hunsrückisch, um dos objetivos do projeto ALMA-H. Os objetivos do projeto ALMA-H e seus subprojetos serão apresentados logo a seguir no Cap. 2.

Capítulo 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A partir dos problemas enumerados em 1.1.5 como obstáculos a serem superados pelo lexicógrafo, coloca-se a pergunta sobre a metodologia de coleta e tratamento dos dados no dicionário. Esta questão antecede o registro dos dados do mesmo modo como a preparação de uma aula precede a sua implementação em sala de aula. Sua relevância, como se mostra a seguir, é incontestável, mas depende da forma como se estrutura o projeto de pesquisa como um todo.

2.1 Do *Corpus* ao Dicionário

As pesquisas no âmbito do HrBr são variadas. Uma das mais detalhadas é encontrada em Altenhofen (1996) e, por meio dos 77 mapas linguísticos apresentados, tem servido de base para a elaboração do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H). Nesta e em outras pesquisas, realizadas por autores como Fausel (1959) – que analisa a questão dos empréstimos do português no Hunsrückisch, Müller (1981) e Koch (1974) – que elabora um glossário etnográfico sobre a moenda da cana, no modelo *Wörter und Sachen*, ‘palavras e coisas’, é observada a grande variabilidade interna do Hunsrückisch, como já referido no capítulo anterior.

A tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul, sugerida por Altenhofen (1996), apresenta principalmente aspectos das variantes do contínuo dialetal francônio moselano – francônio renano. Vejamos no mapa a seguir o contínuo renano-moselano do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul.

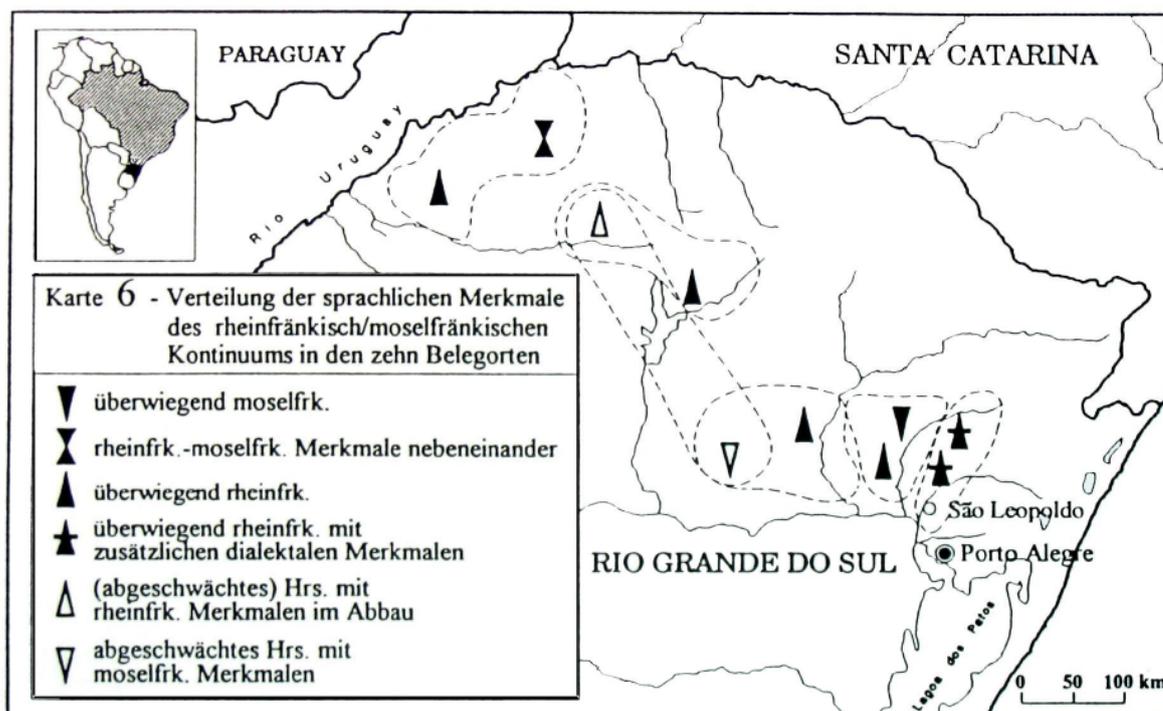


Fig. 12 - Mapa da tipologia do Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul, segundo Altenhofen (1996, mapa 6).

Retomando Bellmann (1983, *apud* Lenz 2005), podemos visualizar melhor o que está representado no mapa acima. O autor sugere um contínuo, onde se situam as diversas variantes dialetais ordenadas conforme o grau de dialetalidade. Essas variantes dialetais estão dispostas entre a variedade *standard* e a base dialetal, estruturando, assim, variedades *substandards*. Olhando pelo grau de dialetalidade, é possível ordená-las ao longo de um contínuo dialetal. Conforme pode ser visto no mapa acima (Fig. 7), a variedade *standard* do contínuo dialetal francônio moselano – francônio renano corresponde ao tipo com traços [+renano].

Para a elaboração do Dicionário do HrBr, todos os aspectos mencionados acima serão de grande relevância. Schmidt (2005) fala da delimitação das variedades (*Varietätenabgrenzung*) e sua variação interna. Traços [+renanos], [+moselanos] e [+padrão] já foram constatados por Altenhofen (1996). E, atualmente, em estudos prévios do ALMA-H, segundo Meyer (2009, p. 4), pode-se constatar duas grandes áreas dialetais:

- a) a do tipo *Deutsch*, “com traços mais próximos à variedade-padrão do alemão” (p. ex. *Bein* ‘perna’, *Hahn* ‘galo’, *veliere* ‘perder’);
- b) a do tipo *Deutsch*, “com traços mais distantes do *Hochdeutsch* (p. ex. *Been* ‘perna”, *Hoohn* ‘galo’, *veleere* ‘perder’).

Segundo Meyer (2009, p. 4), é interessante lembrar que a área dialetal do tipo *Deutsch* “corresponde à área das colônias de imigrantes mais tardios, em oposição a outra, dos imigrantes pioneiros, que apresentam variantes do tipo *Deutsch*”.

Na confecção de um dicionário, tais aspectos linguísticos devem ser observados, mas como registrá-los? Ou melhor, qual a variante a integrar as entradas do Dicionário do HrBr? Estas e outras perguntas serão respondidas no Cap. 4.

2.2 Banco de Dados do ALMA-H

O Projeto ALMA-H elabora o Atlas Linguístico no Instituto de Letras/UFRGS em parceria com a Universidade de Kiel – Alemanha. É coordenado pelo Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (Brasil) e pelo Prof. Dr. Harald Thun (Alemanha) e conta com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt.

O objetivo geral do Projeto é a elaboração de um atlas linguístico-contatual do Hunsrückisch falado na região da Bacia do Prata, que abrange o sul do Brasil, parte da Argentina e parte do Paraguay. O ALMA-H pretende descrever a variação do HrBr no espaço pluridimensional e quer analisar e comparar os dados através de uma série de dimensões, a saber:

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Topostático (informantes com domicílio fixo)	38 pontos de inquérito
Diatópico-cinética	Topodinâmico (domicílio fixo e mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, também relação entre colônias velhas e novas (colônia-mãe e colônia-filha)
Diastrática	Ca = „classe (socioculturalmente) alta” Cb = „classe (socioculturalmente) baixa”	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
Diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
Diassexual	Homens vs. mulheres	
Dialingual	Hunsrückisch vs. Português vs. Alemão- Padrão	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas lingüísticos do Português (ALERS e ALiB)
Diafásica	Respostas ao questionário vs. leitura vs. conversa livre	Três estilos de uso da língua
Diarreferencial	Língua-objeto vs. metalingua incluindo língua apresentada	“técnica de entrevista em três tempos” (Thun, ADDU): perguntar (resposta espontânea) – insistir - sugerir
Diarreligioso	Católico vs. Evangélico-Luterano	

Tab. 2 - Tabela de dimensões consideradas no ALMA-H.
Fonte: <http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/dimensoes.html>
(Acesso: 10.04.2010)

Outros projetos, como o ALGR (*Atlas Linguístico Guarani-Românico*), o ADDU (*Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*) e o ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*), também focam e descrevem a variação no espaço pluridimensional, como detalhado acima. Vale lembrar ainda que, no caso do Projeto ALMA-H, constituir um atlas linguístico-contatual, no âmbito da dimensão dialingual, adquire relevância, pois não só o Hunsrückisch está em

jogo, mas também o português e o espanhol, pois são, igualmente, línguas faladas na região que corresponde à Bacia do Prata.

Os 38 pontos que compõem a rede do Projeto ALMA-H correspondem às localidades colonizadas por imigrantes alemães situadas em três estados brasileiros (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e sudoeste do Paraná), na Argentina (Misiones) e no sudeste do Paraguai. Ver fig. 13 com a localização dos pontos da pesquisa. Os movimentos migratórios dos imigrantes alemães e seus descendentes e a ocupação do espaço desempenharam papel determinante na escolha dos pontos de inquérito. Os pontos compreendem as chamadas *Mutterkolonien* 'colônias velhas' (pontos RS01 a RS16) e as *Tochterkolonien* 'colônias novas'. As *Tochterkolonien* estão localizadas principalmente no noroeste gaúcho e no oeste catarinense e paranaense. Os descendentes dos imigrantes das colônias velhas fundaram as colônias novas e, de lá, se estenderam para o interior da Argentina e do Paraguai, fundando novamente colônias-filhas (*Tochterkolonien*).

Para a coleta de dados, o Projeto ALMA-H utiliza um questionário que inclui perguntas de ordem sociológica e linguística. Além disso, são realizadas gravações em áudio e vídeo de etnotextos sobre aspectos da cultura e história da comunidade. Completam o *corpus* do Projeto, materiais iconográficos (publicações, fotografias, panfletos da cidade e/ou localidade, placas, etc.). O questionário para a coleta de dados comparáveis e representativos é elaborado a partir dos modelos de questionários e técnicas de entrevista empregadas nos atlas linguísticos pluridimensionais ADDU e ALGR, coordenados por Harald Thun, e que formam a trilogia “rio-platense” juntamente com o ALMA-H. Este questionário, de uma forma mais detalhada, é estruturado do seguinte modo, como esclarece Altenhofen (2009):

- A. Identificação sociolinguística dos informantes (37 perguntas)
- B. Características da localidade: breve descrição (4 perguntas)
- C. Parte linguística (401 perguntas), subdividida em:
 - 1. Lexical (246 perguntas)
 - 2. Fonético-fonológica (93 perguntas – técnica de entrevista: pergunta em português e resposta com tradução para o Hunsrückisch)
 - 3. Gramatical I (42 perguntas – técnica de entrevista: tradução das frases de Wenker (*Wenker-Sätze*) do alemão-padrão para o Hunsrückisch)
 - 4. Gramatical II (morfossintaxe; 17 perguntas complementares às frases de Wenker – técnica de entrevista: tradução de frases do português para o Hunsrückisch)
 - 5. Gramatical III (competência linguística em alemão-padrão; 11 perguntas – técnica de entrevista: tradução do português para o alemão-padrão)
- D. Leituras da parábola “O filho pródigo” em alemão-padrão e português.

Além disso, como já mencionado acima, integram o *corpus*:

- E. Enotextos
- F. Material iconográfico

Tem-se assim *corpus* amplo que serve de base para a cartografia do Atlas e para o tratamento lexicográfico para o Dicionário. Sua análise, como já se assinalou, segue o modelo da dialetologia pluridimensional e contatual. Consideram-se, na coleta e constituição do *corpus* do Projeto, além das

conversas livres, quatro entrevistas básicas com os quatro grupos de informantes a seguir:

<p style="text-align: center;">CaGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>	<p style="text-align: center;">CaGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>
<p style="text-align: center;">CbGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2° grau incompleto) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>	<p style="text-align: center;">CbGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2° grau completo) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>

Fig. 14 – Perfil dos informantes selecionados para as entrevistas do Projeto nas dimensões diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GII e GI) - cf. Projeto ALMA-H (www.ufrgs.br/projalma/).

Vale ressaltar que as entrevistas se dão com pluralidade simultânea e/ou sucessiva dos dados, envolvendo homens e mulheres (dimensão diagenérica). Com isso, pretende-se um controle maior dos dados e uma incursão em outras dimensões (p. ex. diafásica e diarreferencial), além de abranger um repertório maior de variantes.

2.3 Análise e transcrição de dados

Para a análise e transliteração dos dados, em especial os etnotextos, o Projeto ALMA-H segue as regras estabelecidas pelo ESCRITHU (cf. Altenhofen *et al.*, 2007). Tal escrita orienta-se por princípios que possibilitam uma ligação com a tradição escrita preexistente em Hunsrückisch e *Hochdeutsch*. Essa

concepção de escrita, que toma a língua como convenção e considera sua relação com a língua de origem (relação etimológica), é decisivo p. ex. para a definição das entradas no Dicionário, como veremos no Cap. 4. Numa escrita baseada meramente na fonética, um verbete como *Bower* ‘abóbora’ apareceria ou na letra B ou P (como *Power*), o que é terreno, digamos mais “arenoso”, pois cada falante acaba por ter uma imagem acústica particular, neste caso muitas vezes não distinguindo claramente o traço de sonoridade na oposição entre /b/ e /p/.

O grupo ESCRITHU é constituído em sua maioria por falantes de Hunsrückisch e também pesquisadores dessa variedade. O objetivo do Grupo não é apenas criar um sistema de escrita, “mas também refletir e fomentar o estudo e a educação linguísticas dessa variedade que, segundo estimativas de pesquisas, conta com cerca de 500.000 falantes só no Rio Grande do Sul” (ALTENHOFEN *et al.*, 2007, p. 74).

“A ideia de fixar, ou melhor, normatizar uma escrita para o Hunsrückisch tem, portanto, fundamento no próprio papel que a escrita exerce enquanto forma de expressão e segue, como tal, princípios próprios observáveis, por exemplo, na história de todas as grandes línguas internacionais. Todas essas línguas tiveram, em seus diversos estágios, especialmente os iniciais, variações muito grandes da grafia de uma mesma palavra ou lexema e, só com a prática e o trabalho de sistematização de estudiosos, foram estabelecendo sua norma escrita como a conhecemos hoje.” (ALTENHOFEN *et al.*, 2007, p. 74)

Para orientar e dar sentido à escrita do Hunsrückisch, o grupo ESCRITHU reflete e se pergunta sobre os objetivos a que se destina tal escrita. A partir dessa reflexão, o Grupo destaca alguns dilemas, como pode ser conferido em Altenhofen *et al.* (2007, p. 74-75):

- 1.º) o dilema entre “o ideal fonográfico (uma escrita que refletisse regularmente uma forma idealizada de pronunciar) e o princípio ideográfico (que opta por manter a etimologia, a notação das palavras em sua língua original)” (MORAIS, 2003, p. 11);
- 2.º) o dilema entre considerar a vinculação histórica com a matriz linguística original e o desejo de se afastar e diferenciar dessa origem, em virtude de uma identidade nova;
- 3.º) finalidades de leitura (receptiva) e de produção escrita (autora);
- 4.º) a finalidade estritamente comunicativa e prática *versus* o propósito didático-pedagógico, com o intuito de desenvolver a reflexão e educação sobre a língua;

5.º) definição de um público-alvo fechado e restrito aos usuários da língua grafada membros da comunidade linguística ou público-alvo aberto a não-falantes ou membros de outras comunidades linguísticas.

A proposta do grupo ESCRITHU é fixar “normas ortográficas” para a sistematização da escrita do Hunsrückisch. Segundo o Grupo, a legitimação das normas de grafia se dará através da prática de escrita e leitura pelos falantes e demais interessados e recepção pelos usuários. Conforme Altenhofen *et al.* (2007, p. 75-76), o grupo ESCRITHU fixa os seguintes critérios e objetivos:

- a) Entende-se a escrita, acima de tudo, como convenção e regra sistemática que, como qualquer sistema novo que se fixe, por mais simples que seja, precisa ser aprendida (neste sentido, importa o resultado que a leitura de um segmento produz oralmente; p.ex. se fixarmos que *Johr* ‘ano’ se lê como *Rohr* ‘cano’, a representação grafemática do segmento é lida como tal, e não de outra forma, seguindo outro paradigma).
- b) A proposta não se direciona apenas a falantes de Hunsrückisch, mas pretende ser compreensível também a membros falantes de outras variedades do alemão (uma escrita puramente fonética baseada no português excluiria o público não-falante nativo e aumentaria o vácuo entre o Hunsrückisch e o Hochdeutsch, não permitindo por exemplo que um professor de alemão fizesse comparações relevantes, para fins didáticos).
- c) Distingue-se entre as habilidades de escrita e de leitura de textos produzidos de acordo com as normas fixadas (a primeira certamente exige um grau de letramento e portanto de familiaridade maior com o alemão escrito).
- d) Vale ressaltar que o Hunsrückisch é entendido como “língua” distinta do Hochdeutsch (alemão-padrão), embora se vincule a ele historicamente e por semelhança linguística. Quando se adota no Hunsrückisch traços da escrita semelhantes à do Hochdeutsch, não se está de modo algum adequando ou adaptando a forma, mas sim apenas adotando uma convenção que atesta uma coincidência de formas independentes, apesar da semelhança.
- e) Não se considera que o pré-conhecimento de elementos gráficos do Hochdeutsch esteja totalmente ausente. Pelo contrário, partimos do princípio de que os falantes de Hunsrückisch possuem, naturalmente em grau variado, alguma noção prévia de convenções da escrita do alemão, desde sobrenomes (*Schneider, Müller, Neumann, Käfer, etc.*) ou inscrições de topônimos ou festas observáveis no meio social, até o acesso a publicações locais em alemão (*Familien-Kalender, Sankt-Paulus-Blatt, etc.*).
- f) A proposta tem por isso objetivo didático, no sentido de que visa não somente a instrumentalizar o falante e a nós próprios (os integrantes do ESCRITHU) para o registro do Hunsrückisch, como também fomentar a educação linguística dos falantes sobre o papel e funcionamento de sua língua materna e de uma língua de modo geral.
- g) Reconhecem-se pelo menos três grandes variantes do Hunsrückisch, partindo da tipologia de Altenhofen (1996, mapa 6), a saber:
 1. Hunsrückisch com traços [+ moselanos] (o tipo com maior número de traços dialetais que o distanciam do Hochdeutsch): p.ex. falantes de *dat/wat* (predomina na maioria dos autores,

- como RAMBO [1937-1961] e BRUMMBÄR-KALENDER [1931-1935]);
2. Hunsrückisch com traços [+ renanos] (segundo o estudo de Altenhofen (1996), o tipo mais falado): p.ex. falantes de *das/was* (mais comum em SPOHR [vários] e em GROSS 2001);
 3. Hunsrückisch atenuado, com traços mais próximos do padrão: p.ex. falantes de /ai/ em lugar de /e:/, como em *Bein*, (mais comum em FLACH 2004). O ESCRITHU respeita cada uma dessas variantes como legítimas e toma como regra que cada autor utilize a sua variante materna, porém com as mesmas normas de escrita de cada som específico.
- h) A proposta destina-se inicialmente às finalidades internas do Grupo, mas, conforme já se disse, será sua prática e utilização externa, através de uma série de testes e atividades que, eventualmente, podem ser realizadas (p.ex. *workshops*, publicação de textos etc.), que lhe conferirá a eficácia desejada.
- i) É uma das intenções do ESCRITHU elaborar posteriormente um *Dicionário trilingue Hunsrückisch-Hochdeutsch-Brasilianisch* (compreende-se o dicionário igualmente como instrumento de auxílio para consulta de dúvidas sobre grafia, como comumente fazemos até mesmo no português e no alemão-padrão).
- j) A escrita proposta servirá de base para a transliteração de dados, sobretudo etnotextos, coletados pelo ALMA-H na rede de pontos do projeto (ao todo, 38).
- k) A presente proposta de escrita considera a tradição pré-existente e a vinculação histórica e linguística ao alemão, de onde proveio (critério genético). Do ponto de vista da **gestão da língua** pela comunidade de fala, ao contrário, reconhece-se o *status* de brasilidade da língua de imigração Hunsrückisch, com língua brasileira que adquiriu sua autonomia e traços particulares no novo meio. (ALTENHOFEN *et al.* 2007, p. 75-76)

A proposta de escrita do Hunsrückisch, elaborada pelo Grupo ESCRITHU, e conforme pode ser vista em Altenhofen *et al.* (2007, p. 82–84), é resumida pelo próprio Grupo da seguinte forma:

⇒ ASPECTOS TIPOGRÁFICOS:

- **substantivos com inicial maiúscula:** *das Fest* ‘a festa’ (compare-se *fest* ‘preso, fixo’), *de Brige* ‘briga’ (compare-se *brige* ‘brigar’)
- **palavras compostas escritas junto:** *Blitzlamp* ‘lanterna’, *Dickkopp* ‘cabeçudo’
- **escrita dos estrangeirismos como na língua-fonte:** *die Calçada* ‘a calçada’, *de Milho* ‘o milho’, *de Show* ‘o show’, *de Jorge* ‘o Jorge’, *di Corrupção* ‘a corrupção’
- **empréstimos integrados seguindo as regras do Hunsrückisch:** *die Kalsoode* ‘a calçada’, *de Miljekolwe* ‘a espiga de milho’, *de Schosch* ‘o Jorge’ (cf. francês *Georg*), *die Korruption* ‘a corrupção’

⇒ VOGAIS BREVES:

- **vogal diante de duas consoantes:** *kalt* 'frio', *holl* 'pega', *Stenn* 'estrela, testa', *Land* 'terra', *Stross* 'garganta', *Fest* 'festa', *lenne* 'aprender', *bringe* 'trazer', *krinse* 'resmungar'
- **duplicação da consoante em contextos de adição de vogal epentética :** *Millich* 'leite', *Berrich* 'morro'
- **<-er> em final de palavra:** *immer* 'sempre', *Kinner* 'crianças', *Menner* 'homens', *Fenster* 'janela', *Lehrer* 'professor', *Wasser* 'água', *Lewwer* 'fígado', *scheener* 'mais bonito', *hetter* 'mais alto, mais duro'

⇒ VOGAIS LONGAS:

- **vogal diante de consoante simples** pronuncia-se longa: *gros* 'grande', *Stros* 'rua', *ruwe* 'chamar', *Lewe* 'vida', *Bower* 'abóbora', *Buwe* 'rapazes', *Assude* 'açude', *blumich* 'floreado', *brige* 'brigar'
- **vogal diante de <h>** pronuncia-se longa: *hohl* 'oco', *stehn* 'estar em pé', *Kuhstall* 'estábulo', *Schuhbennel* 'cadarço do sapato'
- **<u> diante de <ch>:** *Kuche* 'cuca', *kluch* 'inteligente', *Kuchel* 'bola'
- **<o> fechado diante de <ch>:** *Vochel* 'pássaro'
- **<ie>** (/i/ longo) *lieb* 'querido', *Spiel* 'jogo', *mied* 'cansado', *Lied* 'canção', *schmiere* 'passar em algo, esfregar', *telefoniere* 'telefonar'
- **<ee>** (/e/ longo) *kleen* 'pequeno', *scheen* 'bonito', *Reen* var. *Reeche* 'chuva', *schmeere* 'esfregar', *telefoneere* 'telefonar'
- **<oo>** (/o/ longo aberto) *Goode* 'jardim', *Froo* 'mulher', *Tooch* 'dia', *woorem* 'quente', *Groos* 'grama', *soohn* 'dizer' (exceção: prefixo *on-*, *onmache* 'ligar', *onbinne* 'amarrar')
- **<aa>** (/a/ longo) *Gaade* 'jardim', *Fraa* 'mulher', *Taach* 'dia'

⇒ DITONGOS:

- **<ei>** *Schneider* 'alfaiate', *fein* 'fino', *heit* 'hoje', *Leit* 'pessoas', *Ei* var. *Eu* 'ovo', *Feier* 'fogo'
- **<eu>** *Neumann* 'um sobrenome conhecido', *neun* var. *nein* 'nove', *Eu* var. *Ei* 'ovo', *zweu* var. *zwei* 'dois', *Meu* 'visita', *heut* 'hoje', *Leut* 'pessoas'
- **<au>** *Haus* 'casa', *Maus* 'camundongo', *raus* 'para fora', *Haut* 'pele', *Maul* 'boca', *haue* 'bater'
- **<ui>** *Teekui* 'cuia de chimarrão', *Lui* 'abreviatura de *Luís*'
- **<ea> em sílaba tônica:** *Weat* 'valor', *mea* 'nós', *Tea* 'porta', *Schea* 'tesoura' (exceções: *leer* 'vazio', *Meer* 'mar', *Lehr* 'ensinamento')
- **<-ohr, -or> com pronúncia de /oa/:** *Rohr* 'cano, mangueira', *wohr* 'verdadeiro', *Johr* 'ano', *Ohr* 'orelha', *Hohr* 'cabelo', também *vor* 'antes'
- **<-uhr, -ur> com pronúncia de /ua/:** *Uhr* 'relógio, hora', *Fuhr* 'carreiro ao arar', também *pur* 'puro', *Natur* 'natureza'.

⇒ CONSOANTES:

- <j> *jedes Johr* 'todos os anos', *Jacke* 'casaco', *Jookob* 'Jakob', *Griensje* 'salsinha', *Bliesje* 'blusinha', *Miljehitt* 'paiol'
- <z> (em sílaba tônica) *Zeitung* 'jornal', *Zimmer* 'quarto', *Zeich* 'roupa', *Zucker* 'açúcar', *zackre* 'arar', *vezehle* 'conversar', *zurick* 'de volta', *zwerich* 'diagonal, mal-educado', *Zwiwwel* 'cebola'
- <tz> (em posição pós-tônica) *Katz* 'gato', *Hetz* 'coração', *Kotz* 'vômito', *spritze* 'respingar, vacinar', *kitzlich* 'coceguento', *putze* 'limpar'
- <s> *sauwer* 'limpo', *Kees* 'queijo', *Kuss* 'beijo', *sammle* 'coleccionar, juntar', *passeere* 'acontecer', *glense* 'brilhar'
- <w> *Wasser* 'água', *Worrem* 'verme', *lewe* 'viver', *Wowwo* 'vovô', *Wowwe* 'vovó', *Wunner* 'admiração', *Winter* 'inverno', *Woose* 'vaso'
- <v> *Vater* 'pai', *Vohl* var. *Vocheh* 'pássaro', *vekoofe* 'vender', *vebreche* 'quebrar', *vorgehn* 'avançar', *vorrich Johr* 'ano passado', *vonne* 'na frente'
- <f> *Faulenser* 'preguiçoso', *finne* 'achar', *Fehler* 'erro', *fakoofe* 'vender', *fabreche* 'quebrar'
- <p> (por tradição + com aspiração): *Pans* 'barriga', *Pooter* 'padre', *Patt* 'padrinho', *petze* 'beliscar', *vespeet* 'atrasado', *planse* 'plantar'
- (sem aspiração): *bettle* 'pedir esmola', *babble* 'tagarelar', *Bock* 'bode', *Bicher* 'livros', *Gebet* 'oração', *brille* 'chorar'
- <t> (por tradição + com aspiração): *Teiweh* 'diabo', *Tinte* 'tinta', *traurich* 'triste', *toofe* 'batizar', *teier* 'caro', *Tante* 'tia', *tausend unn tante* 'mil e tantos'
- <d> (sem aspiração): *dumm* 'bobo', *denke* 'pensar', *dummle* 'apressar-se', *Deckel* 'tampa', *de best* 'o melhor'
- <g> *gut*, *Gaul* 'cavalo', *gewinne* 'ganhar', *Glick* 'sorte', *gille*, *gewwe* 'dar', *Guri* 'guri', *Goode* 'jardim, horta', *brige* 'brigar', *Bricke* 'pontes', *de greest* 'o maior'
- <ng> *bang* 'com medo', *lang* 'por muito tempo' (exceção: *lank* /lank/ 'longo'), *Finger* 'dedo', *lenger* 'mais longo', *angle* 'pescar', *Engel* 'anjo', *Springersaleb* 'unguento Springer', *onfange* 'começar', *Jung* 'rapaz', *jinger* (exceção: *jung* /junk/ 'jovem')
- <nk> *Bank* 'banco', *Benk* 'bancos', *lank* 'longo', *krank* 'doente', *lenke* 'guiar', *Lenk*, *flink* 'hábil', *Onkel* 'tio'
- <ck> *Mick* 'mosca', *verrickt* 'louco', *Brick*, *Wecker* 'despertador', *Becker* 'padeiro', *packe* 'consequir', *backe* 'assar', *Backe* 'bochecha', *Seckel* 'bolso'
- <k> *kaputt* 'estragado', *Kunne* 'cliente, cara', *koofe* 'comprar', *Kui* 'cuia', *Kisse* 'travesseiro', *Kanecker* 'caneca', *Kerrich* 'igreja'
- <sp> *vespreche* 'prometer', *Spinneweb* 'teia de aranha', *spassich* 'estranho, engraçado', *gesproch* 'falado'
- <st> *Steier* 'imposto', *Stros* 'estrada', *Gestank* 'fedor', *ufsteie* 'levantar', *vestehn* 'compreender', *Stihl* 'cadeiras', *Stimm* 'voz, voto'

- <sch> *Schul* 'escola', *fosch* 'forte', *veschreiwe* 'receitar', *schneide* 'cortar', *Schmea* var. *Schmier* 'marmelada, doce para passar no pão, chimia'
- <ch> *ich* 'eu', *richtich* 'correto', *schlecht* 'ruim', *noch* 'ainda', *Tischtuch* 'toalha de mesa', *jachte* 'caçar', *Hietche* 'chapéuzinho' (compare-se *Hittche* 'cabaninha')
- <m> *mechtich* 'muito', *mim* 'com o' (compare-se *mit'dem*), *om Enn* 'no fim', *amenn* 'talvez', *brumme* 'rosnar', *Teebumb* 'bomba de chimarrão', *Boddem* var. *Bodem* var. *Borrem* 'chão'
- <n> *Schreibnoome* 'sobrenome', *Wand* 'parede', *onnanner* 'um ao outro', *Indruck* 'impressão'

Uma análise mais detalhada e a discussão de diversos aspectos relacionados à sistematização de uma escrita do Hunsrückisch podem ser encontradas em Altenhofen *et al.* (2007, p. 76-82).

Como já foi mencionado anteriormente, a principal intenção do ESCRITHU é sistematizar a escrita e, a partir daí, elaborar um dicionário para o Hunsrückisch falado no Brasil. Cabe aqui, neste trabalho, portanto, apresentar e analisar brevemente algumas obras lexicográficas que servirão de base e comparação para estruturar o Dic. do HrBr. Vejamos essa análise logo a seguir no Cap. 3 e, a partir dela, no Cap. 4, encontraremos algumas discussões importantes a serem observadas, futuramente, na estruturação do Dic. do HrBr.

Capítulo 3

ANÁLISE DE DICIONÁRIOS

Após apresentar a base teórica e o projeto no qual se insere a Dissertação, cabe fazer uma breve análise de alguns dicionários dialetais existentes. O presente capítulo está, assim, estruturado da seguinte forma: análise e apresentação de dicionários da matriz de origem, dicionários das línguas de imigração no Brasil e outras obras de referência. Uma lista dos dicionários dialetais e de referência para o estudo e lexicografia do HrBr encontra-se no *site* do Projeto ALMA (<http://www.ufrgs.br/projalma/bibliografia>).

3.1 Lexicografia dialetal da matriz de origem

Para a análise e comparação do HrDt, selecionou-se, na matriz de origem, um dicionário na versão eletrônica (*RhWb = Rheinisches Wörterbuch* de MÜLLER *et al.*, 1931-1971) e um impresso (*Hunsrücker Wörterbuch* de DIENER, 1971). O Dicionário RhWb pode ser encontrado no *site* da Universidade de Trier (Uni-Trier), na Alemanha, sob o seguinte endereço: <http://gemazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/woerterbuecher/rhwb/wbgui> .

Os 9 volumes do RhWb surgem por incumbência da *Preußische Akademie der Wissenschaften* (Academia Prussiana de Ciências), da *Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde* (Sociedade de História Renana) e da *Provinzialverband der Rheinprovinz* (Associação da Província do Reno) no ensejo da compilação iniciada por Johannes Franck e apoiada por todos os círculos da população renana, organizada e editada por Josef Müller, Heinrich Dittmaier, Rudolf Schützeichel e Mattias Zender, de 1931-1971.

O Dicionário apresenta as entradas em negrito, seguidas por informações fonéticas breves, ou seja, mostra apenas detalhes fonéticos da palavra e nem sempre a reescreve por inteiro, porém marca alguns detalhes

em vermelho. Mais detalhes fonéticos são apresentados no meio da definição, na sua microestrutura. A marcação de número aparece logo no início da microestrutura e a classe gramatical a que pertencem os verbetes geralmente é apresentada logo após o verbete de entrada, mas no caso do RhWb, ela vem ao final ou no meio da microestrutura. Tomemos como exemplo o verbete *Gaul* 'cavalo':

Gaul *gaul, ou-*, Pl. *-ai-, -ei-* herrscht anstatt *Perd* im Hunsr zwischen Nastädten u. Bernk bis einschl. Simm-Bell Castellaun Leideneck Völkenr Hasselb Cappel Reich Neuerk Külz Ebschd Bub, Goar-Laudert Dommershsn OGondershsn NGondershsn Manneb Heyw Uhler Roth Gödenr Basselschd Dörth Liesenf Carb Holzf Bickenb Norath Hausbay Pfalz Biebernh Urbar Damschd Niederbg OWesel Dellhf Mermuth Ney Kratzenbg Halsenb, Zell-Würrich Rödelhshn Büchenbeuren Bärenb Reckershsn Heinzenb, Simm-Biebern Unzenbg Nannhsn Ohlw [Zell-Löffelschd Altersküz, Goar-Herschwiesen, Simm-Tiefenb, Zell-NSohren Lautzenhsn haben *G.* u. *Perd*; Birkf heute *G.* mehr verächtl., das gewöhnliche Wort ist *P.*]; n. dieser L. im Mosfrk bis zur *au/ü-L.* in RA. u. in verächtl. Sinne; Siegld nur in der; Zs. *Karrngül* u. uWupp 1870, Gumbb *jül* (verächtl.); Eusk-Stdt *jül* in der RA. *da's G. öm G.*; Dür-Froitzh *ene verfresse jül* Vielfrass; Köln-Stdt *jül* Wasserstrahl m.:

1. Pferd; *e schwerer G., leichter G.; de G. halgert* wiehert; *de G. is dämpig (verhitzt)* Allg. im Kerngeb. RA.: *Schaffe wie e G.; Knoche hon wie e G.; so stark sein wie e G.* Allg. im Kerngeb.; *en Orsch wie e Brabander G.* Trier; *e Kerk wie e G. Wend-Weierb; der is so mutwillig wie e G. Wend-Merzw; der drickt wie e G. Kreuzn-Oberhsn; de guckt wie so e scheeler G. Simm-Ebschd; der dämpt* (ist kurzatmig) *wie e G. Kreuzn-Seesb; der kloppt doher wie e G. Zell-Raversbeuren; der stolbert iwer sei eiane Knoche wie en alder G. Simm; de dappt of wie e alder G. Allg.; de kimmt eran wie en welle G. Kobl; er is so steif in de Knoche wie en alder G.* Allg. im Kerngeb.; *er geht dran wie e G. in't Messer Simm-Schlierschd; fresse wie e gepander*

Bd. 2, Sp. 1057

(gepfändeter) *G. Rhfrk; er schnappt, wie e G. nickt* Simm-Schlierschd; *de spitzt wie e G. gibt* Acht Kreuzn-Gebr; *de leit (lügt) su schwier, wei e G. zieht* Westerw; *de lit (lügt) so schnell, wie e G. guckt (läft läuft)* Kreuzn-Münster. *E gure (guter) G. brauch kä Spor* Simm-Dichtelb. *De gure Gedanke an de lahm Geil komme hinneno* (hintennach) Kreuzn. *En aulen (alter) G. kann wall den Weg wisen* uWupp 1870. *Von zo vill Arbeide verecken de beste Geil* Allg. *Heirore es kei G. verkaft* (verkauft) ist keine leichte Sache Simm. *En Bauer es en G., en G. es en Schimnoz* (Schindaas) Simm-Buch. *Schuhmachers Weiwer un Schmieds Geil misse bärwes gehn* Simm, Kreuzn. *Dau bischt dummer als wie Millersch G., un der hot Esel gehäss* (geheissen) Kreuzn. *Et vertritt sich och alt emol en G. möt ver paar Bänen* Westerw. *Et läft (läuft) in de Keller, un zehn Geil ziehen et nit ruf* den Garnknäuel Rhfrk. *Do hert de G. uf!* da hört aber alles auf Rhfrk. *Enem geschenke G. kuckt mer nit in't Maul* Rhfrk, auch Kobl, Bitb, Trier, Neuw-Dierd Unkel. *Dem G. hon se de Hawer hoch gelet* (gelegt); *dem sei G. kriet de Hawersack hoch gehängt* Rhfrk. *De G. kriet lang Hawer Schläge* Rhfrk. *Morge gihn mer Hawer dresche, muss dot Geilche Spitze fresse* Westerw. *De G., wo de Hawer verdient hot, grier en nit* Simm, Birkf. *De G. han mer nomme* (nur), *vor die Kläre* (Kleider) *dran se hänge* von einem mageren Pferde Kreuzn-Münchwald. *Äm* (einem) *e blenne* (blinden) *G. opschwätzen* ihn betrügen Merz-Saarhölzb. *De hot de Zam* (Zaum), *awer nit de G. ihm fehlt die Hauptsache* Simm-Laub. *Gross un faul schind de G., klän un wacker baut de Acker* Simm, Wend. *Mach mer de G. nit schei!* übertreibe nicht allzuviel Rhfrk, auch Mosfrk bis Eusk. – *Korze Geil on lange Renner, vill Weiwer on winnig Kenner get reiche Männer* Goar-Morshsn. *Weiwersterwe ke Verderwe, Geilfrecke, dat brengt Schrecke* Kreuzn, Simm. *Bei Weiwer soll mer vorne, bei Geil hinne devun bleiwe* Kreuzn. – *Er sitzt uf em G. un siehr* (sieht) *en nit* Simm-Horn. *Sech uf den hohen G. setze stolz sein* Rhfrk. *De setzt of dem G. wie e Steck Botter of er heisse Quellgromber* Kreuzn, – *e Aff of em Päckelche Tuwak* Birkf. *So gross wie e Reiter, wenn er uf em G. hockt* uNahe. *Der is yum G. uf de Esel komme* Kreuzn. *Da's Jul öm J.* das kommt auf dasselbe hinaus Eusk-Stdt (nur in dieser RA.). – *Kinderreime. Pere, wo stehre? Im Stall. Wat duhre? Er git de Geil Fure. Wat noch meh? Er git de Geil Klee. Wat noch? Er butzt de Geil det Loch* Simm-Laub, Birkf. *Willste'n Appel? Geh uf Kappel, do steh*

Bd. 2, Sp. 1058

en G., de scheisst der äne uf et Maul! ebd. *Reire, r., Geilche, alle Stunn en Meilche; alle St. en Bäckerhaus, breng dem Kind en Weck eraus!* ebd. *Uf de Heh wachst de Klee, Fure vor mei Geilche; wann mei Vadder in't Wertshaus geht, da nicht mei Mudder en Meilche, wann se awer Kaffi drinkt, dann peift se wie en Distelfink* ebd. – *Geilches spillen* Kindersp. Rhfrk. –

2. übertr.

a. *ene verfresse Gul* Vielfrass Dür-Froitzh. –

b. *halwer G.* krauser Ampfer, *rumex obtusifolius* Kreuzn, Goar, Simm, Bernk (Hunsr); *rore G.* dass. Goar-Perschd.

c. *alden G.* Ackergauchheil, *anagallis arvensis* Zell-Rödelhshn; *Gaulhaul* Neuw-Isenbg. –

d. *jül* Wasserstrahl Köln-Stdt.

Fig. 15 - Exemplo do verbete *Gaul* no *RhWb*, versão eletrônica.

Como pode ser observado no exemplo acima, o RhWb pode ser considerado, de um lado, um dicionário sincrônico, uma vez que apresenta formas de determinada época e região e, de outro, diacrônico, pois mostra formas históricas e antigas. É principalmente sincrônico, pois mostra de uma forma detalhada todas as regiões onde o verbete *Gaul* é utilizado; além disso, ainda apresenta uma lista considerável de exemplos para contextualização de seu uso. Pensando no usuário do Dicionário e considerando a complexidade de sua estrutura de apresentação, pode-se dizer que, a obra serve principalmente aos interesses de estudiosos da língua, pois traz em sua estrutura um detalhamento com preocupações excessivamente lingüísticas e variacionais. Para um usuário, p.ex. um simples morador de uma comunidade de fala, que tem por objetivo uma consulta rápida a fim de solucionar uma dúvida sobre o significado de determinada palavra, essas informações detalhadas e complexas podem confundi-lo.

Ao contrário do RhWb, o *Hunsrücker Wörterbuch* de Diener (1971) apresenta uma microestrutura resumida, ou seja, definições curtas. O Dicionário traz as entradas em letras maiúsculas e sem negrito, acompanhadas da marcação de gênero e número. Vejamos a seguir o mesmo verbete (*Gaul* 'cavalo') como é apresentado por Diener (1971):

GÄÄST, GÄÄSCHD (H,m), Mz.: Gääster, Gääschder – Geist (R 338)

GAUB (H,w) – Dachfenster

GAUBLOCH (H,s) – kleines Dachfenster

GAUDZE (Z) – bellen, schimpfen (R 197)

GAUKSE (Z) – bellen -KI-

GAUL (H,m), Mz: Geil, Geile – Pferd (R 231, 322)

„Weiersteerwe is kä Vedeerwe,

awer GEILFREGGE (Tod e. Pferdes), dat brengt Schrecke”

„de GAUL kriecht lang Hawwer” = d. Pferd wird geschlagen

„Dä hodd de Tzaam, aber nit de GAUL” = Nebensächliches ist da, aber die Hauptsache fehlt

KINDERREIM:

„Reire, reire, GEILCHE

alle Schdunn en Meilche

alle Schdunn e Beggerhaus;

bring dem Kind en Weck eraus!”

GEILSBAUER (H,m) – Bauer, der (statt mit Kühen oder Ochsen) mit Pferden aufs Feld fährt, oft wohlhabenderer Bauer. Heute durch die technische Entwicklung der Landwirtschaft fast „überholter” Begriff

GEILSDOKDER (H,m) – Roßarzt

GEILSGESCHERR (H,s) – Pferdegeschirr

GEILSKNIDDELLE, GEILSKNUDELLE (H,w,Mz) – Pferdemit

GEILSMIST (H,m) – Kot vom Pferd

GEILSSCHDALL (H,m) – Pferdestall

GAUSCHEL, GOUSCHEL (H) – Büschel von Haaren (R 267)

GAAWELL (H,w) – Gabel

GAWELLE (Z) – mit e. Gabel aufladen (z.B.Heu), Heuwenden -Ch-

GEBÄHN (H,w,Mz) – Gebeine (R 191)

GEBATSCHHEL (H,s) – Geschwätz (R 161) -Br-

Fig. 16 - Exemplo do verbete *Gaul* no *Hunsrückler Wörterbuch*. (DIENER, 1971).

Como se vê, trata-se igualmente de um dicionário sincrônico que aonde acrescenta na microestrutura, informações de interesse etnográfico, como versos e cantigas. O seu *front matter* não é muito extenso, porém não apresenta um manual ao usuário. Há apenas informações sobre a história do Hunsrück e sua língua, referências bibliográficas e uma lista de abreviaturas. Em seu *back matter*, encontramos exemplos de alguns textos em Hunsrückisch com informações de cada autor.

Em suma, podemos dizer que se trata de duas obras bastante distintas, uma dirigida principalmente a estudiosos da língua (RhWb), com informações extensas e muito técnicas, e a outra com informações breves e resumidas. São, portanto, Dicionários direcionados a públicos/usuários bem distintos. Aliás, tal distinção, é curioso notar, encontra-se, no caso do PfWb (*Pfälzisches Wörterbuch*), em um mesmo projeto/obra. Há uma versão detalhada de interesse para o estudo da língua-alvo e uma versão popular destinada a um público leigo, usuário da língua (v. POST, 2007).

Vejamos a seguir, para termos um contraponto, algumas obras lexicográficas das línguas de imigração no Brasil, que colocam ainda outros desafios.

3.2 Lexicografia das línguas de imigração no Brasil

Na análise a seguir, está em questão a obra enciclopédica intitulada *Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português* (2006), de Ismael Tressmann e de dois dicionários do *talian*.

O Dicionário Pomerano-Português é uma obra bilíngue, enciclopédica e editada no Brasil. É composto de cerca de 16 mil verbetes em ordem alfabética distribuídos em 563 páginas. Trata-se de um vocabulário geral da língua pomerana falada no Brasil. O objetivo da obra não é apenas fornecer aspectos de ordem linguística, mas também aspectos cotidianos como piadas, provérbios ou ditos, brincadeiras infanto-juvenis, cantos, etc. Além desses aspectos, encontra-se informações de ordem gramatical, etnográfica, histórica, geográfica e etimológica. Também aparecem outras indicações como: transcrição fonética, classe gramatical, plurais, resumos gramaticais, palavras derivadas, classificação dos animais e das plantas, sinônimos, antônimos, cognatos, etimologia e conjugação. Todos esses aspectos numa mesma obra lexicográfica a tornam enciclopédica.

O público-alvo a quem a obra se destina são as comunidades pomeranas brasileiras e todos aqueles que buscam informações sobre a língua pomerana. No *front matter* também pode ser encontrada uma descrição do alfabeto no pomerano, da pronúncia pomerana e abreviaturas, siglas e símbolos utilizados. Apesar de apresentar apenas detalhes importantes e breves¹⁸ no *front matter*, sente-se falta de alguns exemplos para ilustrar o funcionamento do dicionário. Exemplos facilitam o entendimento e são mais práticos.

Em termos gerais o Dicionário apresenta uma estrutura lisa: as entradas aparecem em negrito, seguidas de transcrição fonética (embora nem sempre apresentada) e da indicação de classe gramatical a que pertencem. Pode-se considerar a obra um dicionário ao mesmo tempo, sincrônico e diacrônico, pois mostra formas de determinada época e região e formas históricas e antigas. Vejamos a seguir alguns exemplos para ilustrar o que foi dito acima.

¹⁸ O *front matter* deve ser breve, pois o usuário quer resolver seus questionamentos e não ler inúmeras páginas de explicações sobre o funcionamento e estrutura do dicionário para depois procurar o significado da palavra que o levou a consultar a obra.

área cinza-esbranquiçada. As partes inferiores são brancas e o papo pardacento. Alimenta-se principalmente de carniça e filhotes de pássaros. Captura andorinhões adultos em pleno voo, e mocós nas encostas das serras. No Brasil, pode ser encontrada em Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Piauí e Rio Grande do Norte, São Paulo e Rio Grande do Sul. Não ocorre na Amazônia. V. hãwê.



chiljner /ʃ/ m/f. chileno/a. [Alem: Chilene. Hol: Chileen. Sue: chilenare.]

chilginisch /ʃ/ adj. chileno/a. [Alem: chilenisch. Hol: Chilens. Sue: chilensk.]

China /ʃ/ n. China (Ásia). [Hol., Sue., Alem: China. Sue: Kina.]

chingis /ʃ/ m/f. 1 chinês, chinesa. Habitante da China. [Hol: Chineses. Alem: Chinese. Sue: kines. F: chinóis.] • f. Bot. 2 inhame-chinês. Erva da família das dioscoreáceas (*Dioscorea esculenta*), muito empregado na alimentação. [Sin: chineisajames. V. james.]

chingisa james /ʃ/ f. Bot. Sin. de chineis (2).

chingisa koul /ʃ/ m. Bot. couve-chinesa, repolho-chinês. Planta anual, da família das crucíferas (*Brassica pekinensis* e *B. chinensis*). Cresce entre 30 e 40 cm de altura, com folhas enrugadas, ovais e compridas, que formam uma cabeça. As folhas externas possuem uma cor mais escura; as internas são de um verde bem claro e mostram uma suculenta nervura central de cor branco-amarelada. Prefere temperaturas amenas e frias, entre 15 e 20° C. Originária da Ásia, esta hortaliça foi introduzida no Brasil no início do século XX. V. chinês (2).

chingisa sup /ʃ/ f. Cul. sopa de inhame-chinês.

chingisich /ʃ/ adj. chinês, chinesa. [Alem: chinesisich. Hol: Chineses. Sue: kinesisk.]

chokolade f. chocolate. (a) chocolate caseiro. O doce de chocolate em pedaços, feito dos grãos do cacauero, depois de torrados e moídos. (b) chocolate industrializado; chocolate em pó. ain *chijw chokolade* uma barra de chocolate. [Alem: Schokolade. Hol., Ingl: chocolate. Sue: choklad. Esp: chocolate < Nahuatl: chocolath "bebida preparada com cacau".]

DICIONÁRIO POMERANO-PORTUGUÊS Ismael Tressmann

chokolade eig n. (pl: -et) ovo de chocolate.

chokolade kuuchen m. Cul. bolo de chocolate.

chuchu f. chuchu, o fruto desta planta, chuchubusch. Chuchu is seir wat gaures taum ceten O chuchu é um legume muito gostoso. [Ingl: chayote, christophina. Alem: Chayote. F: antilhano chou-chou. Asteca: chayotl.]

chuchglauw m. plantação de chuchu.



chuchgbusch m. Bot. chuchu. Trepadeira herbácea, da família das cucurbitáceas (*Sechium edule* Sw.). Caule ramificado, folhas cordiformes, presas a ramos que atingem até 15 m de comprimento. Nas ramos há fortes gavinhas, com as quais a planta se sustenta e por onde trepa. Flores masculinas e femininas. O fruto verde, revestido de espinhos inermes, é comestível. Planta originária da América Central e México.

cidra apel m. Bot. 1 cidra. O fruto da cidreira. 2 cidrão. Variedade de cidra (1) de casca grossa, cujas cascas são aproveitadas em culinária. [Lat: citrea.]



cidra busch m. Bot. cidreira. Arbusto da família das rutáceas (*Citrus medica*), de folhas aromáticas e flores brancas.

cigar f. (pl: -a) cigarro. Ik wil mij ain cigar málka Primeiramente, quero fazer um cigarro. *stroocigar*

77

Definição enciclopédica:
couve-chinesa – informações sobre as folhas externas e internas, cores, altura, preferência de temperatura, origem e época de introdução no Brasil etc.

Fig. 17 – Exemplo de definição enciclopédica no Dic. de Tressmann (2006, p. 77).

A definição de *couve-chinesa* serve para exemplificar uma definição enciclopédica, pois apresenta inúmeras informações que podem ser classificadas como informações adicionais, pois vão além da simples e breve definição que um dicionário geral apresenta. Nos exemplos a seguir mantém-se o padrão de apresentação: as entradas em **negrito**, organizadas numa estrutura lisa e complementadas com ilustrações.

DICIONÁRIO POMERANO-PORTUGUÊS Ismael Tressmann

madeira ou bambu e lona, que servem de refetórios, cozinhas e, às vezes, sala de baile. ♦ A tarefa de erigir barracas para a festa de casamento cabe aos copeiros, que iniciam os trabalhos duas semanas antes da festa. [Cf. dag, barrak. Hol: dak. Sue: tak. Ingl: thatch, "telhado de sapê", "telhado de colmo". Alem: Dach. Cognato com Lat. tegere, Gr: tegos; Gaélico, Irlandês: tigh, "casa".]



(1)

dakboum *n.* Constr. cumeeira.

dakfåge /x/ *m.* Ornit. pardal. Ave da família dos fringídeos (*Passer domesticus*), de coloração brunomarda com tonalidades ferrugíneas. Alimenta-se de grãos e sementes de gramíneas. Introduzida no Brasil no início do século XX, esta ave adaptou-se bem nas cidades e vilas, não sendo, porém, encontrada em ambiente rural. [Alem: Haussperling. Ingl: sparrow.]

dakkerer *f.* escada de mão longa.



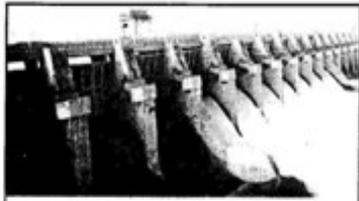
dakluuk *f.* trapeira. Janela ou abertura sobre o telhado; clarabóia.

daklån *f.* Constr. canaleta, bica. Meia-cana por onde corre e cai água. [Alem: Dachrinne. Ingl: gutter.]

daktaigel /x/ *m.* (pl: -s) telha de barro cozido. rundtaigel telha colonial.

dal *n.* vale. [Angl: dale. Hol., Sue: dal. Ingl: dale. Alem: Tal.]

dam *m.* represa; barragem. [Cf. dijk. Hol., Ingl: dam. Sue., Alem: damm.]



damaspeelen *n.* jogo de damas. [Sue: damspel.]

dåmesadel *m.* (pl: -s) Selar. Hist. silhão. Sela grande, com estribo apenas em um dos lados, especial para mulheres cavalgarem de saia.



damp *m.* vapor. [Cf. duns. Ingl., Din: damp. Alem: Dampf, Dunst. Hol: stoom.]

dampa *v.i.* evaporar, fumejar. Dai kafa damp t in dai blekkan, wat up dem heird steit O café fumeja dentro do bule que está sobre o fogão à lenha. V. fordampa.

dampa låta *v.t.* 1 abafar (com tampa). 2 fazer nebulização. Ik mud mij damp låta Preciso mandar fazer nebulização.

dampschif *n.* (pl: -a) navio a vapor. [Alem: Dampfschiff. Ingl: steamer.]

Dånemark *n.* Dinamarca (Escandinávia, Europa). [Alem: Dånemark. Hol: Denemarken. Sue: Danmark.]

dånisch *adj.* 1 dinamarquês. [Alem: dånisch. Ingl: Danish. Hol: Deens. Sue: dansk.] ♦ *n.* Ling. 2 Dinamarquês. Língua falada na Dinamarca. [Com maiúscula, nesta acepção.]

dank *m.* (pl: -a) 1 agradecimento, gratidão. ♦ *prep.* 2 graças a. Dank for sijn klaukheit graças à sua sabedoria [dele/a].

danka *v.i.* e *v.t.* agradecer, mostrar gratidão. Danka schön obrigado, agradecido. Feel mål danka schön Muitíssimo obrigado. [Hol., Alem: danken. Ingl: thank. Sue: tacka.]

Fig. 18 – Exemplos de ilustrações no Dic. de Tressmann (2006, p. 80).

Como pode ser visto nos exemplos acima, a incorporação de ilustrações constitui uma das características do dicionário enciclopédico. Isso não quer dizer, porém, que toda e qualquer gravura, quando inserida no dicionário, faz com que se torne uma obra enciclopédica. Num dicionário bilíngue e/ou num dicionário para aprendizes de uma determinada língua estrangeira, as imagens,

muitas vezes, se fazem necessárias. Veja-se o exemplo a seguir de um dicionário para aprendizes de alemão como língua estrangeira:



Fig. 19 – Exemplo de um dicionário para aprendizes de alemão como LE (Langenscheidt: *Großwörterbuch DaF*, 2003, p. 968).

Diferenciar *Stapel* ‘pilha/monte’ (arrumado) de *Haufen* ‘pilha/monte’ aqui se faz necessário, pois o usuário poderia vir a confundir facilmente as duas

palavras e usá-las de forma incorreta. É, portanto, uma ilustração que ajuda na definição do verbete e não meramente ilustrativa como pode ser visto na fig. 18. Tressmann (2006, p. 80 – fig. 18) ilustra as palavras *dam* ‘represa, barragem’ e *daklerer* ‘escada de mão longa’ sem necessidade, ou seja, o usuário chegaria à compreensão do verbete claramente e apenas pela sua definição. Na mesma página, o autor ilustra o vocábulo *damesadel* ‘sela, silhão’ com a foto de uma mulher montada em um cavalo. Nesse caso, a ilustração ajuda o usuário a entender que se trata de uma sela destinada apenas para as mulheres, mostrando também como é sua posição no momento em que estão montando um cavalo.

É interessante mencionar que o Dicionário Pomerano-Português também apresenta na sua estrutura um *back matter* com informações como: os meses do ano, os dias da semana, números cardinais, números ordinais, as horas, hidronímia pomerana (capixaba) e toponímia pomerana. Todas essas informações aparecem nas duas línguas do Dicionário.

Como já mencionado anteriormente, além do pomerano como língua de imigração alemã, até onde se sabe, também o *talian*, ou vêneto rio-grandense, língua de imigração italiana falada no Brasil, conta com obras lexicográficas, neste caso o *Dicionário Vêneto Sul-Rio-Grandense – Português*, publicado pelo Frei Alberto Vitor Stawinski em 1987, e o *Dissionàrio Talian Portoghese - Dicionário Talian Português*, publicado em 2000 por Darcy Loss Luzzatto. A obra de Luzzatto (2000) é bilíngue e é direcionada ao público em geral, ou seja, a todos os falantes de *talian* e interessados na língua. Como pode ser visto no exemplo a seguir, as entradas também são apresentadas em negrito e, além das entradas, os equivalentes em português também aparecem em negrito e, além disso, estão em itálico para diferenciar da entrada.

Profession • Pròpio

Profession. [professiòn] *s.f.* **Profissão religiosa.** *Ntel fin del ano, le suore le rinova la profession de fede.* No final do ano, as freiras renovam a profissão de fé (votos religiosos).

Professo. [proféssò] *adj.* e *s.m.* **Professo, pessoa com votos religiosos.** *Toni, de Luigi, deromai el ze professo anca lu.* Antônio, filho do Luiz, também já fez os votos religiosos.

Professor. [professòr] *s.m.* **Professor.** *Go fato el professor anca mi, par squasi vinti ani.* Eu também fui professor, por quase vinte anos.

Profeta. [proféta] *s.m.* **Profeta.** *El voleva farse passar par profeta.* Ele queria fazer-se passar por profeta.

Profil. [profil] *s.m.* **Perfil.** *El ga el profil de una persona sèria.* Ele tem o perfil de uma pessoa séria. Variação: **profilo.**

Profilo. [profilò] *s.m.* Ver **profil.**

Profission. [profissiòn] *s.f.* **Profissão.** – *Che profission galo el fiol de Carleto?* – Qual é a profissão do filho do Carleto (Carlitos)?

Profissional. [profissionál] *s.m.* **Profissional.** *El ze un profissional de prima qualità.* É um profissional de primeira linha (qualidade).

Profitar. [profitár] *v.* **Aproveitar.** *Profito l'ocasion par desiderarte un Bon Nadal e un Bon Principio.* Aproveito a oportunidade para desejar-te um Bom Natal e Bom Início de Ano (Ano Novo). Variação: **aprofitar.**

Profondità. [profondità] *s.f.* **Profundidade.** *El ze un lago de granda profundità.* É um lago de grande profundidade.

Profondo. [profòndo] *adj.* **Profundo.** *Stà atento, che qua l'agua la ze profonda.* Cuidado, pois aqui a água é profunda.

Profumar. [profumár] *v.* **Perfumar.** *Tuti sti fiori i profumeva l'ària.* Essas flores todas perfumavam o ar.

Profumo. [profúmo] *s.m.* **Perfume.** *Senti che profumo che'l ga sto fior!* Sente o perfume desta flor! Variação: **parfum.**

Progetar. [progetár] *v.* **Projetar.** *Mi no savaria mia dirte chi che ga progetà la ciesa dela Pinta.* Eu não saberia dizer-te quem projetou a igreja de Pinto Bandeira.

Progeto. [prodgèto] *s.m.* **Projeto.** *Go sentisto dir che'l progeto l'è vegnesto d'Itàlia.* Dizem que o projeto veio da Itália.

Progredir. [progredír] *v.* **Progredir.** *El paese el ga progredio solche nte i ùltimi ani.* O país (cidade, vila) progrediu apenas nos últimos anos.

Progresso. [progrèssò] *s.m.* **Progresso.** *Si si, el ze vero, nte i ùltimi ani gavemo buo un grande progresso!* Sim, sim, é verdade, nos últimos anos tivemos um grande progresso!

Proibido. [proibído] *adj.* **Proibido.** – *Te lo gonti*

mia dito che qua l'è proibido fumar? – Eu não te avisei que aqui é proibido fumar? Variação: **proibito.**

Proibir. [proibir] *v.* **Proibir.** *El dottor el ghe ga proibì fumar e beber, ma lu el fuma e el beve lo stesso.* O médico proibiu-o de fumar e de beber, mas ele fuma e bebe assim mesmo.

Proibito. [proibíto] *adj.* Ver **proibido.**

Prolongar. [prolongár] *v.* **Prolongar.** – *No stà prolongarla, finissela de una volta!* – Não fique prolongando, termine de uma vez!

Promessa. [proméssa] *s.f.* **Promessa.** *El ga fato una promessa a Sant'Antoni.* Ele fez uma promessa a Santo Antônio. Variação: **impromessa.**

Promesso(a). [proméssò(a)] *adj.* **Prometido.** *La tera promessa dei ebrei.* A terra prometida dos judeus.

Promesso(a) sposo(a). [proméssò(a) spòso(a)] *s.m. /f.* **Noivo(a).** *I ze promessi sposi.* São noivos.

Prometar. [promètar] *v.* Ver **prometer.**

Prometer. [promèter] *v.* **Prometer.** *El ne ga promesso che'l vegneva, ma, come sempre, no'l ze vegnesto.* Ele nos prometeu que viria, mas, como sempre, não veio. Variações: **imprometer, prometer.**

Promission. [promissiòn] 1. *s.f.* **Noivado.** *I ga fato un pranzo festivo, parquela dela promission de so fiola, la Maria.* Fizaram um almoço festivo, por causa do noivado da filha deles, a Maria.

Promission. [promissiòn] 2. *s.f.* **Promissão.** *Secondo lori, la Palestina la ze la Tera dela Promission.* Segundo eles, a Palestina é a Terra da Promissão.

Pront. [prònt] *adj.* e *adv.* Ver **pronto.**

Prontar. [prontár] *v.* **Aprontar, preparar, arrumar.** *El se ga prontà bonora, parché el ga prèssia de partir.* Ele se aprontou cedo, pois está com pressa de partir.

Pronto. [prònto] *adj.* e *adv.* **Pronto, preparado, arrumado.** – *Sito pronto, si o nò?* – Estás ou não estás pronto? *Pena ciamà, el ze vegnesto zo pronto par ndar via.* Logo que o chamei, ele desceu pronto para sair (partir). Variação: **pront.**

Propietà. [propietà] *s.f.* **Propriedade.** *El ga tirà su na bela propietà.* Ele construiu (conseguiu) uma linda propriedade. *Questa la ze una propietà particular.* Esta é uma propriedade particular. Variação: **proprietà.**

Proprietàrio. [proprietàrio] *s.m.* **Proprietário.** – *Chi zelo el proprietàrio de tuta sta tera?* – Quem é o proprietário de toda esta terra? Variação: **proprietàrio.**

Pròpio(a). [pròpio(a)] 1. *adj.* **Próprio(a).** *El stà nte na casa pròpia, sua de lu!* Ele mora em casa própria, dele mesmo! Variação: **pròprio.**

Pròpio. [pròpio] 2. *adv.* **Realmente, deveras.** *L'è stato pròpio lu.* Foi ele, realmente. – *Zelo prò-*

Fig. 20 – Exemplo extraído do *Dissionàrio Talian Portoghese - Dicionário Talian Português* de Luzzatto, 2000.

Um aspecto interessante na obra de Luzzatto é a transcrição fonética. Luzzatto (2000) apresenta uma pronúncia figurada para todas as entradas do Dicionário, ou seja, é uma transcrição adaptada com o intuito de facilitar a pronúncia ao usuário. Seguida da pronúncia figurada, aparece a indicação de gênero e classe gramatical. A indicação de número é ignorada pelo autor.

Luzzatto (2000) também insere na sua microestrutura expressões idiomáticas, máximas, provérbios, fatos históricos, pequenas anedotas, citações de autores consagrados, estrofes de poesias e de canções populares. Em seu *front matter*, traz uma vasta apresentação com dados linguístico-históricos sobre a língua, no caso, o *talian*. Também apresenta algumas noções de gramática e lista de abreviaturas, porém não traz um manual ao usuário.

Outro dicionário que tem como objeto uma língua de imigração de origem italiana é o de Stawinski, que possui dois Dicionários de sua autoria - o primeiro na versão bilíngue (1987) e o segundo na versão trilingue (1995). As entradas em ambas as edições são em negrito seguidas da marcação de gênero e classe gramatical. Stawinski não apresenta uma transcrição fonética e poucas vezes traz a marcação de número. Vejamos a seguir um exemplo da versão trilingue de Stawinski:

abatimento.

■ Scónto, abbattimento. *Egli ha acquistato un vestito con un bello sconto. / Spero che questo negoziante mi faccia un bello sconto.*

Scontrarse, *v.* encontrar-se, topar com. *El se gá scontra con na vécia.* Ele topa com uma velha (NP). *Sti dô compári i se scontra sempre te la bodega.* Estes dois compadres encontram-se sempre na bodega.

■ Scontrarsi, incontrarsi, imbattersi in. *Egli si imbatte in una vecchia. / Questi due compari si incontrano sempre in osteria.*

Sconvolgítivo, *adj.* convulsivo, laxante. *Sto rimédio el fá un efêto sconvolgítivo.* Este remédio é de efeito laxativo. *L'óio de rissino el ze massa sconvolgítivo.* O óleo de rícino é demais purgativo.

■ Convulsivo, lassativo. *Questa medicina ha un effetto lassativo. / L'olio di ricino è troppo lassativo.*

Scopélo, *s.m.* formão, escarpelo. *Var. scarpél ou scarpelo. Sto marangôn el fá bei laôri col scopelo.* Este carpinteiro faz belos trabalhos com o formão. *Anca el dotôr el gá el sô scarpélo.* Também o médico cirurgião tem o seu escarpelo.

■ Scalpèllo, scalpello da falegname. *Questo falegname fa dei bei lavori con lo scalpèllo. / Anche il chirurgo ha il suo scalpèllo.*

Scopelotare, *v.* esbofetear, esmurraçar, esmurrar. *I lo gá scopelotá, parché el volea barufar.* Eles o esbofetearam, porque queria brigar. *Ghe voria scopelotar sto mascalsôn.* Precisaria esmurrar este patife.

■ Scappellottare, schiaffeggiare, prendere a pugno. *Lo hanno schiaffeggiato perché voleva litigare. / Bisognerebbe dare una lezione a questo mascalzone.*

Scopelóto, *s.m.* bofetão, soco, murro. *Var. scopelôn, scopeláso. Tázi! vútu próprio ciapar un scopelóto? Cala a boca! queres mesmo apanhar um bofetão? Ghe staria ben un scopelóto.* Assentar-lhe-ia bem uma bofetada.

■ Scappellotto (piccolo schiaffo sulla nuca o sul collo), schiaffo, pugno. *Taci! vuoi proprio prendere uno schiaffo? / Gli starebbe bene uno schiaffo (si meriterebbe uno schiaffo).*

Scopiáre, *v.* explodir, rebentar, eclodir. *Semo persi, se scópia la güera.* Estamos perdidos, se

rebentar a guerra. *Varda che sta bomba la pol scopiar! Cuidado, que está bomba pode explodir! Vid s-ciopare.*

■ Scoppiare, esplòdere. *Siamo perduti, se scoppia la guerra. / Attento che questa bomba può scoppiare!*

Scópola, *s.f.* tapa, bofetada. *Sin. s-ciáfa. El ghe gá molá na scópola da sgiaventárla par tera.* Ele largou-lhe uma tapa de derrubá-lo no chão. *Co na scópola i gá pará via el ciuchetôn.* Com um murro tocaram embora o beberão.

■ Schiaffo, sbèrla, ceffone. *Gli ha mollato un ceffone tale da scaraventarlo a terra. / Con una sberla gli ha fatto passare la sbòrnia.*

Scopríre, *v.* descobrir, achar, dar com. *Par ché l'vóia scoprir la luna.* Parece que ele queira descobrir a lua. *Setu chi che ze stá a scoprir el Brazíle? Mi sí, ehe.* Sabes quem descobriu o Brasil? Sei, sim.

■ Scoprire, trovare. *Sembra che voglia scoprire la luna. / Sai chi è stato a scoprire il Brasile? Sì, lo so.*

Scorêza, *s.f.* traque, peido, pum. *El gá molá na scorêza.* Ele largou um traque. *Sto lazagnôn nol val na scorêza.* Este fanfarrão não vale um traque. *Na volta na nota de mile cruzéri la savea da bon e desso la sá de scoreze.* Uma vez uma nota de mil cruzeiros cheirava a perfume e hoje cheira a traques. *Dim. scorezêta. Aum. scorezôna. Sin. scoreda.*

■ Scoréggia, péto. *Egli ha mollato una scoréggia. / Questo fanfarone non vale una scoréggia. / Una volta una banconôta da mille cruzeiros era profumata, e ora odora di scorégge.*

Scorezáre, *v.* traquer, peidar. *I fazôie e le patate dolse le fá scorezar.* O feijão e a batata-doce provocam flatulência. *Serta zente nó la sá far altro che scorezar.* Certos sujeitos não sabem fazer outra coisa senão traquear.

■ Scoreggiare, tirar péti. *I fagiòli e le patate americane fanno scoreggiare. / Certa gente non sa far altro che scoreggiare.*

Scorezôn, *adj. e s.m.* peidorreiro, nojento, federonto. *Sto tózo el ze un scorezôn e gnente altro.* Este rapaz é um peidorreiro e nada mais. *Sto scorezôn el volea éssar nó só cossa.* Este fedorento queria ser não sei o quê.

■ Scoreggióne, persona volgare, sbracata, nauseante. *Questo ragazzo è una persona vol-*

Fig. 21 – Exemplo extraído do Dic. trilingue *Dizionario / Dicionario Vêneto-Português-Italiano* de Stawinski, 1995.

Em Stawinski chama a atenção a fatura de exemplos de contextualização do verbete. Além disso, a separação das línguas, já que se trata de um dicionário trilingue; a solução foi a utilização de um sinal iconográfico ■, mais econômico e claro. No exemplo acima (Fig. 21) podemos identificar facilmente as três línguas do Dicionário. A entrada aparece em vêneto, seguida do português e por fim aparece o italiano, que é marcado e separado das demais línguas pelo sinal iconográfico ■, como pode ser conferido na fig. 21.

As obras de Stawinski também se direcionam ao público em geral, ou seja, a todos os falantes de *talian* e interessados na língua. Porém, em sua segunda versão, a trilingue, insere o italiano, pensando em estender a amplitude de uso. Daí os inúmeros exemplos de contextualização do uso dos verbetes. Stawinski (1987, 1995) também traz em seu *front matter* uma ampla explanação sobre o vêneto, além de uma extensa explicação gramatical da língua. Traz também uma lista de abreviaturas, mas não apresenta um manual de usuário.

Os dicionários, como aborda Krieger (1993), são legitimadores do léxico, mas também os atlas linguísticos registram a língua e se tornam obras de referência que, aliás, se tornam apoio ao lexicógrafo no ato da feitura de um dicionário, como no caso para o HrBr que, segundo Altenhofen (1996), apresenta uma grande variação interna. Vejamos a seguir algumas dessas obras de referência.

3.3 Outras obras de referências

Os atlas linguísticos podem servir de apoio ao lexicógrafo no momento da feitura de um dicionário e se tornam, portanto, obras de referência. Eles registram a língua na sua variação diatópica, podendo considerar, no modelo da dialetologia pluridimensional, uma série de outras dimensões, como se viu no Cap. 2: dimensão diageracional (considerando gerações diferentes, velhos e

jovens), diassexual (homens e mulheres), dialingual (fala de bilíngues e monolíngues), diastrática (estratos sociais), diareligiosa (p. ex. entre católicos e luteranos), diafásica (cf. estilos de uso, p. ex. oral e escrito) e diarreferencial (referência a fala de outros) - (cf. THUN, 2005; RADTKE & THUN, 1999; MEYER, 2009).

Na confecção do Dicionário para o HrBr, vale ressaltar, entram em consideração os seguintes atlas linguísticos:

- **ALMA-H** = Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch;
- **DiWA** = *Digitaler Wenker-Atlas*. Georg Wenkers „Sprachatlas des Deutschen Reichs“;
- **DSA** = *Deutscher Sprachatlas. Auf Grund des Sprachatlas des Deutschen Reichs*;
- **DWA** = Deutscher Wortatlas;
- DRENDA, Georg. *Kleiner linksrheinischer Dialektatlas: Sprache in Rheinland-Pfalz und im Saarland*;
- **MRhSA** = *Mittelrheinischer Sprachatlas (MrhSA)*.

Os atlas servem de apoio principalmente quando há uma variação interna muito grande, conforme o caso do HrBr (cf. ALTENHOFEN, 1996; ALTENHOFEN, 2010), como já foi tratado no Cap. 1. Definir a variante que deverá compor as entradas do Dic. do HrBr é uma questão que merece atenção. Nesse caso, os atlas ajudam na decisão, uma vez que fornecem informações sobre a área de ocorrência e a frequência de uso das variantes. Além disso, pode-se apresentar mapas linguísticos para esclarecer eventuais dúvidas ou para dar uma visão geral do verbete em questão. Entram aqui, também, os demais Atlas que tratam e registram o Hunsrückisch, p.ex. os Atlas na matriz de origem. Voltaremos nessa questão no Cap. 4, discutindo a sua função no dicionário e critérios de inclusão de um mapa linguístico.

Capítulo 4

ANÁLISE E APLICAÇÃO DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Após abordar a teoria que envolve o objeto de estudo, no caso o HrBr, e a arte da feitura de dicionários (a lexicografia), além de apresentar os projetos ALMA-H e ESCRITHU aos quais este trabalho se relaciona, bem como analisar brevemente alguns dicionários dialetais existentes, cabe neste capítulo fazer a aplicação dos pressupostos teóricos, ou seja, o que deve ser levado em conta na feitura do Dicionário para o HrBr. Convém reiterar que o objetivo deste estudo não é definir um produto final, mas fornecer subsídios para as futuras decisões em relação à confecção do Dicionário.

Inicialmente, vale relembrar os aspectos centrais a serem considerados no trabalho lexicográfico, conforme algumas questões de pesquisa apresentadas na introdução:

- a) seleção dos verbetes para as entradas do dicionário, as quais constituem a macroestrutura do Dicionário;
- b) apresentação em formato bilíngue ou trlíngue;
- c) características dos possíveis usuários do Dicionário;
- d) finalidades em vista com o Dicionário;
- e) aspectos de nível microestrutural, tais como: informação fonológica, morfossintática, semântica e, também, etimologia, datação e extensão de uso, etc.;
- f) introdução do Dicionário, i.e., seu *front matter*;
- g) inserção de mapas¹⁹ linguísticos;
- h) inclusão de anexos, i.e., seu *back matter*.

A seguir, passamos à discussão desses aspectos em particular. Para tanto, será relevante considerar os prós e contras em jogo nas diferentes

¹⁹ Neste estudo, ignoramos a distinção, comum na área da geografia, entre *cartas* e *mapas*, optando pela forma mais popular e clara para o público-alvo que se tem em vista.

opções de acordo com a teoria lexicográfica, assim como também suas implicações para as finalidades do Dicionário, no contexto em que se insere.

4.1 Usuário e finalidades

A questão dos usuários e finalidades do futuro Dic.-HrBr pode ser vista como idêntica aos argumentos levantados pelo ESCRITHU (v. Altenhofen *et al.*, 2007 - <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3867>) para a definição de critérios para a proposta de escrita do HrBr. Na sua opção por critérios mais etimológicos vinculados à língua-teto *Hochdeutsch*, o ESCRITHU segue uma perspectiva didático-pedagógica de inclusão de diferentes segmentos sociais que considera uma tradição de letramento, ou biletamento pré-existente, ligada à língua alemã escrita e que contribui para uma aprendizagem adicional e mais eficaz do *Hochdeutsch* por falantes de Hunsrückisch, bem como a aprendizagem de Hunsrückisch por não falantes, afinal a língua do vizinho, do cliente, do paciente, enfim, falantes inseridos em diferentes contextos. Em suma, trata-se de uma proposta inclusiva de cunho político-linguístico na qual o Dicionário é visto “como instrumento de auxílio para consulta de dúvidas sobre grafia, como comumente fazemos até mesmo no português e no alemão-padrão” (Altenhofen *et al.*, 2007, p. 76). Além disso, é visto principalmente como obra para consulta/busca de significado.

A partir dessa proposta, pode-se imaginar todo tipo de usuário e contexto, desde o familiar até o mais institucionalizado, como p.ex. uma sala de aula de língua alemã ou mesmo de outra disciplina, envolvendo uma atividade inter- ou transdisciplinar. Se entendemos o Dicionário como uma ferramenta de auxílio e de reflexão sobre a língua (cf. Krieger, 1993) e a cultura da comunidade de fala em estudo, a questão do usuário e das finalidades do Dicionário assumem um papel determinante no trabalho lexicográfico.

Em primeiro plano, está evidentemente a pessoa **do falante e da comunidade de fala** como um todo. Nem sempre a figura mitológica do “colono” agricultor representa a comunidade de fala. Como mostram os

levantamentos prévios do ALMA-H (v. www.ufrgs.br/projalma/metodologia/pontos.html) existem, por outro lado, muitos jovens universitários que falam HrBr. Contudo, é certo que ainda predomina o falante do meio rural (no caso do ALMA-H, o grupo *Cb*), que numericamente é mais representativo. Este grupo tem a peculiaridade de se identificar com a língua apresentada no Dicionário e de se ver representado. O interesse desse grupo reside primordialmente na identidade linguística dos usuários.

Por fim, não se pode perder de vista aquela parcela de descendentes em processo de perda linguística, e também bilíngues passivos, ou seja, aqueles que compreenderão o conteúdo do Dicionário, ou ao menos grande parte, apesar de apresentarem dificuldades de produzirem ativamente enunciados completos sem auxílio, no caso, de uma ferramenta como o Dicionário. Tem-se, portanto, um grupo de usuários muito forte potencialmente para a difusão de atitudes de revitalização da língua minoritária (cf. FISHMAN, 2006).

Um segundo grupo de usuários a ser considerado, dentro da perspectiva didático-pedagógica colocada pelo ESCRITHU, é representado pelos **profissionais** da língua, incluindo professores, sobretudo de alemão, ou mesmo estudiosos da língua, como linguistas e tradutores. A estes se somam outros interessados, para os quais a língua constitui um meio, como no caso de um estudo historiográfico ou de atividades profissionais diretamente confrontadas com a língua de imigração e seus falantes (pense-se em médicos, dentistas, advogados, assim como também, profissionais do ramo comercial, tais como balconistas, vendedores, bancários, etc.).

Por fim, não se pode esquecer da função do Dicionário como ferramenta poderosa de apoio à gestão da língua ou *status*, como acentua Krieger (1993, p. 15). Além de legitimar e de certo modo normatizar determinada grafia, o Dicionário contribui, enquanto obra de consulta para conferir maior visibilidade a uma língua que anteriormente estava restrita, como se diria popularmente, “às grotas”. Em outras palavras, ao conferir uma dimensão escrita a algo até então de existência ágrafa, o Dicionário intervém não apenas no *corpus*, como

também no *status* da língua minoritária, incluindo-a no rol das línguas para as quais existe, digamos, material escrito. Vale lembrar que a função de escrita aparece restrita, no comportamento dos falantes de Hunsrückisch dessas comunidades, ao português e menos frequentemente ao *Hochdeutsch*. Pense-se novamente nos *Wandschoner*, que via de regra trazem ditados em *Hochdeutsch* ou em português, muito raramente em uma variedade dialetal.

A partir do exposto, pode-se concluir que a seleção do conteúdo (o que entra no Dicionário) assim como também a forma da entrada no Dicionário, enfim, tanto sua macro- e microestrutura dependem substancialmente de uma definição clara de quem são os destinatários/usuários. Nas próximas seções, em especial na seção 4.3, tratamos das entradas mais especificamente.

4.2 Dicionário bilíngue ou trilíngue?

Nos dicionários contatuais, como poderia-se chamar os dicionários de línguas de imigração em contato com uma língua majoritária local, um dos poucos dicionários trilíngues emergiu de uma versão bilíngue (v. Dic. trilíngue: Stawinski, 1995 e versão bilíngue 1987). Os demais, até onde se sabe são bilíngues. Como pode ser visto em Haensch (1982) e como já foi tratado no Cap. 1, os dicionários plurilíngues são geralmente insatisfatórios. Evidentemente é de se supor que o formato de um dic. trilíngue reveste-se de uma complexidade maior, que inclui:

- a) quantidade de informação que aumenta consideravelmente o volume do dic.;
- b) separação clara das línguas;
- c) ordenação das línguas, entre outros aspectos.

Por esta razão fica a pergunta: fazer um dic. trilíngue ou desmembrá-lo em dois bilíngues: HrBr – Ptg. e HrBr – Hdt.? Porém, não é possível separar essas línguas, visto que fazem parte de um sistema de relações, ou seja, um sistema de contatos. Digamos um empréstimo HrBr como *Bower* ‘abóbora’,

nesse caso, é inevitável fazer a referência ao ptg. *abóbora*. Por outro lado, se pensarmos na expressão do HrBr *Heiliche Geist* ‘Espírito Santo’, somos induzidos a marcar a influência do Hdt. *Heilige Geist* ‘Espírito Santo’, através das práticas religiosas. Ou seja, a opção por um dic. trilingue impõem-se pelo próprio contexto de uso do Hunsrückisch em situação de contato linguístico.

Tal constatação acentua-se ainda mais quando se pensa nos tipos *Deutsch* e *Deitsch* do Hunsrückisch, que conforme vimos no Cap. 1, muitas vezes não apresentam limites claros e definidos, e sim convivem lado a lado na mesma comunidade (v. Altenhofen, 2010; Meyer, 2009).

Para esta questão, valem também os mesmos aspectos levantados na seção 4.1. Tenhamos como exemplo uma sala de aula de DaF que tenha entre seus alunos falantes de HrBr, que na produção de um texto em Hdt. não encontram um equivalente para uma palavra como *Calçoode* ‘calçada’. Neste caso o dicionário cumpre a função de ferramenta de apoio na aprendizagem da respectiva língua-teto. Do mesmo modo, pode-se enumerar diversas razões que justificam a opção pelo Dic. trilingue e que tem a ver tanto com os diferentes tipos de usuários de que se falou acima (profissionais, como historiadores) quanto com a praticidade de um volume único e não separado.

Mais complexa é a questão da integração de informações do HrDt, no sentido de um dicionário contrastivo entre o Hunsrückisch brasileiro e o Hunsrückisch na região do Hunsrück, na Alemanha, visto que isso exigiria uma pesquisa adicional e que sobrecarrega o Dicionário. Uma possível solução seria pensar em um volume bilíngue HrBr – HrDt, que incluía uma seleção do vocabulário básico. Isso não impede de apresentar no Dic. trilingue, em determinados casos para os quais se tenha informações relevantes, dados sobre o HrDt. Isso se torna mais viável numa proposta de um dic. enciclopédico. Um exemplo para este caso seria a ocorrência na matriz de origem do Hrs. de determinados regionalismos, como *Fixfeier* ‘fósforo’ (Hdt. *Streichholz*) ou *Gaul* ‘cavalo’ (Hdt. *Pferd*), para os quais existem mapas como pode ser visto abaixo:

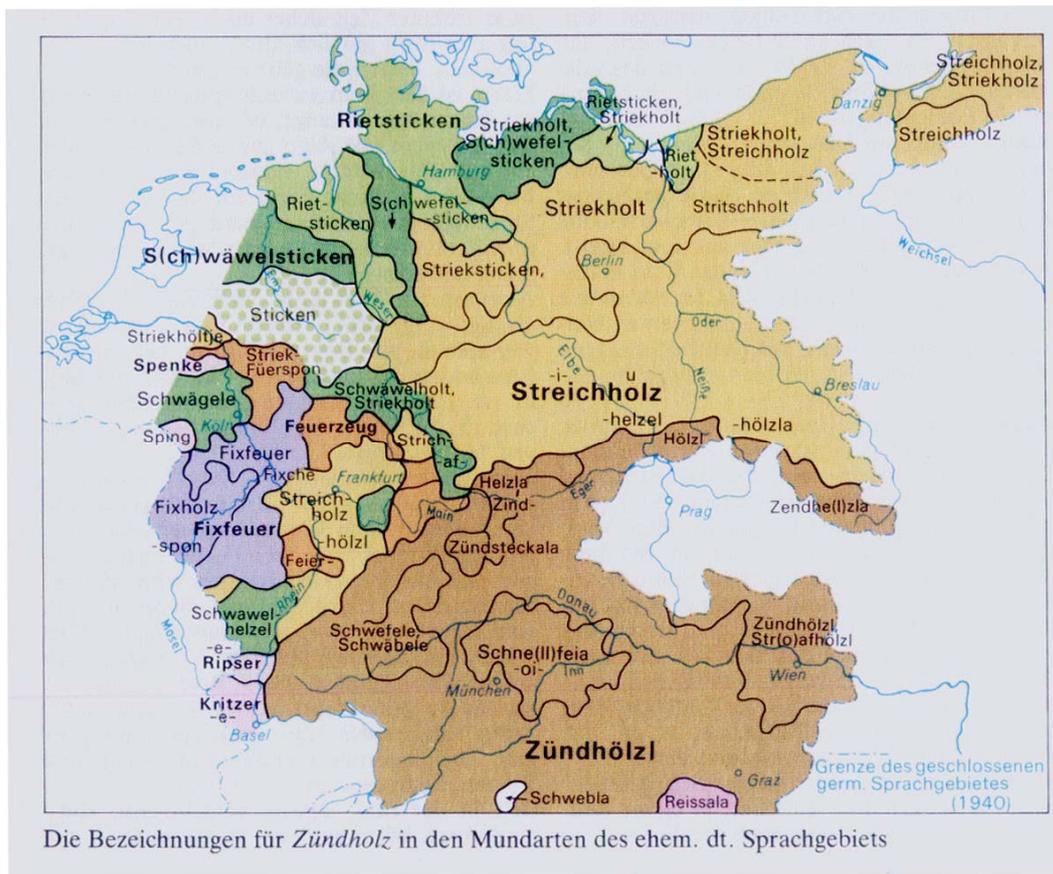


Fig. 22 – O regionalismo do HrDt *Fixfeuer* na Alemanha. (*Dtv-Atlas zur deutschen Sprache* - 1985).

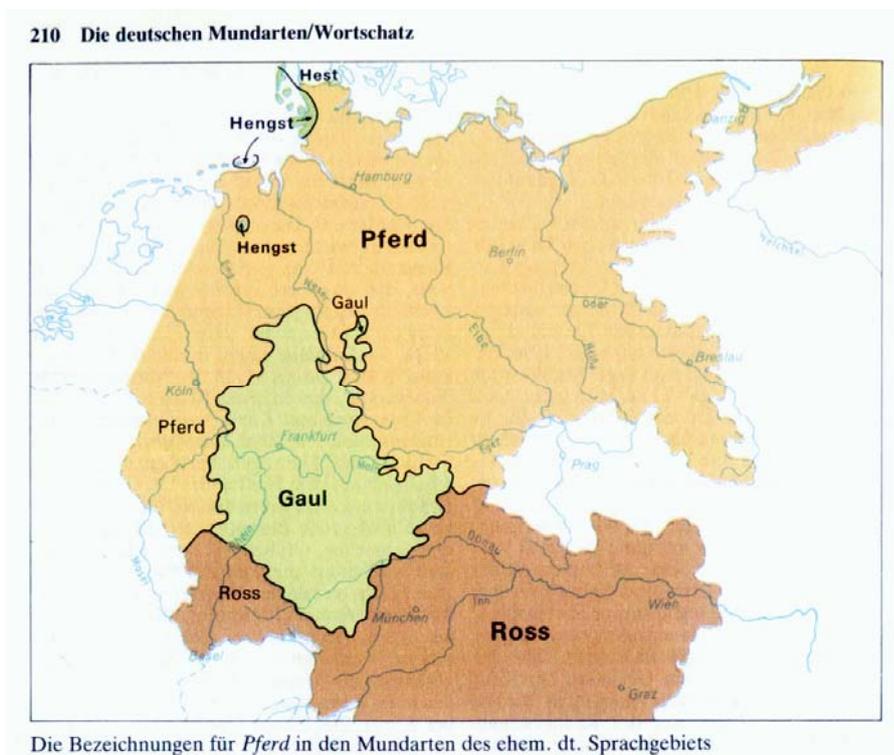


Fig. 23 – O regionalismo do HrDt *Gaul* na Alemanha. (*Dtv-Atlas zur deutschen Sprache* - 1985).

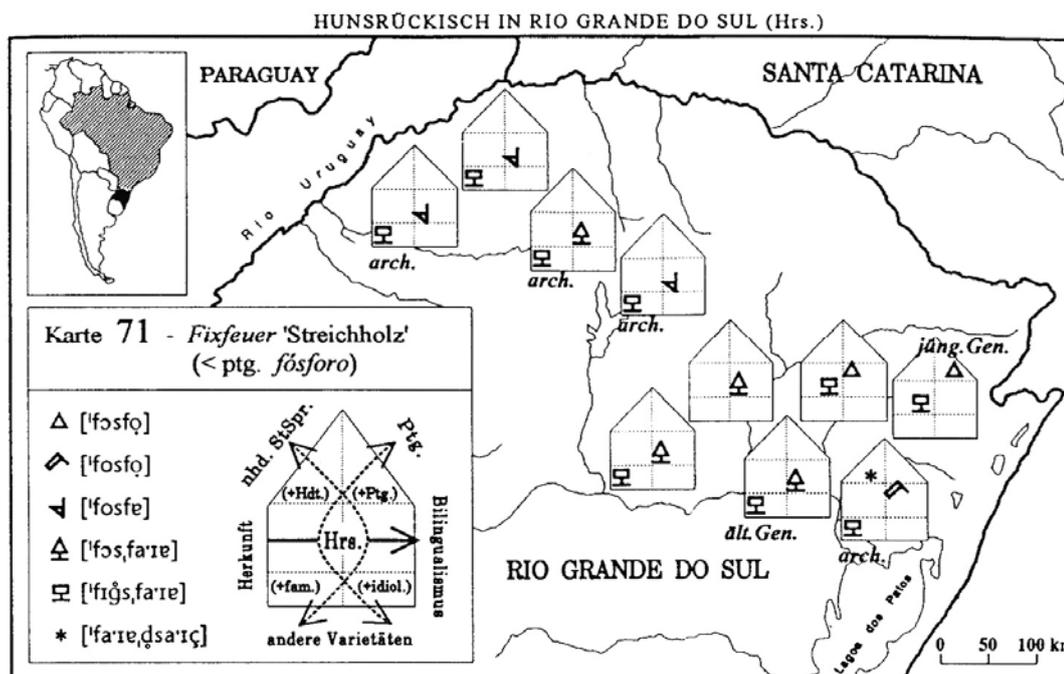


Fig. 24 – O regionalismo do HrBr *Fixfeuer* no Rio Grande do Sul, segundo Altenhofen (1996).

A inclusão de mapas, como os apresentados acima, tem a seu favor mostrar aos usuários que a língua tem uma origem histórica que não se restringe ao contexto brasileiro. Além disso, pode-se esperar um possível efeito sobre as atitudes dos usuários de modo geral, que muitas vezes, veem a variedade dialetal como uma perturbação ou algo “quebrado” (“*verbrochne Deutsch*”, no dizer de muitos falantes).

Quanto aos demais problemas que dificultam a elaboração do Dic. Trinlíngue – a questão da separação clara das línguas e da ordem de apresentação das mesmas –, serão aprofundados quando tratarmos da entrada dos verbetes na seção 4.3. O certo é que, pelos interesses do projeto ALMA-H e novamente dos usuários e finalidades que se tem em vista, a língua de imigração, no caso o Hrs., constitui o foco central. Logo a língua de entrada é representada pelo Hrs., mais especificamente o HrBr. Cabe agora decidir a ordem entre Hdt. e Ptg.. Fala a favor do Hdt. na segunda posição a proximidade histórica das línguas. Por outro lado, fala a favor do Ptg. na segunda posição a questão do meio social. A decisão definitiva por uma ou

outra opção deve levar em conta testes com possíveis usuários. Voltaremos, por isso, a essa questão, quando tratarmos da microestrutura do Dicionário em 4.5.

4.3 Aspectos macroestruturais

4.3.1 *Front matter*

Costuma-se ressaltar, que o texto de apresentação que constitui o *front matter* deve, acima de tudo, ter como característica ser curto, simples, claro e deve, principalmente, instruir o usuário sobre o manejo e ser inteligível a usuários leigos. No caso do Dic. para o HrBr pensamos na seguinte possível estrutura:

- a) Filosofia
- b) Contexto – Projeto ALMA-H
- c) O Hunsrückisch
- d) Seleção do *corpus*
- e) Organização
- f) Lista de símbolos (v. Anexo 3)
- g) Lista de grafemas com a respectiva pronúncia (como está no ESCRITHU – v. Cap. 2)
- h) Lista de símbolos fonéticos (v. Anexo 1)
- i) Lista de abreviaturas (v. Anexo 2)
- j) Quadros de aspectos gramaticais do HrBr
 - Tabela de conjugações
 - Sistema de declinação do HrBr

A filosofia, o contexto (Projeto ALMA-H), o Hunsrückisch e a seleção do *corpus*, tem a finalidade de situar o usuário do Dic. e dar uma breve explanação de todo o contexto/trabalho que é envolvido no momento da feitura de um dicionário. No *back matter*, ou nos anexos, poderá ser feita uma lista de referências para a literatura e acervos envolvidos com o trabalho lexicográfico

e, conseqüentemente, com o Hunsrückisch. Deixando assim, o *front matter* mais “leve”, mas não restringindo o usuário a informações básicas apenas. Ele pode, caso haja interesse, aprofundar suas leituras a partir das referências sugeridas.

Atenção especial deve ser conferida ao aspecto da *organização*. Apresentar didaticamente e de forma clara e precisa a estrutura organizacional do Dic. é fundamental para que o usuário chegue de forma rápida ao verbete procurado. O usuário, quando vai ao Dic. para consultar determinado verbete, não pretende ler diversas páginas para então chegar ao vocábulo procurado, quer sim, sanar suas dúvidas.

A lista de grafemas com a respectiva pronúncia, elaborada pelo Grupo ESCRITHU, já foi apresentada no Cap. 2. Ela facilita o entendimento da grafia do HrBr ao usuário do Dic., caso este venha apresentar dúvidas. Uma lista sugestiva de abreviaturas e símbolos se encontra em anexo. As listas estão baseadas na discussão deste estudo e em obras como a de Altenhofen (1996), que já utilizou determinados símbolos e abreviaturas em sua pesquisa e que continuam sendo utilizadas no Projeto ALMA-H. Vale lembrar que são apenas listas sugestivas e não determinantes, ou seja, elas poderão sofrer acréscimos e/ou alterações.

A respeito de aspectos gramaticais do HrBr, que seria o item j) da possível estrutura apresentada acima, cabe lembrar aqui, que o pretérito dos verbos fortes (*starke Verben*) só se manteve em verbos de uso corrente, em outras palavras, poucos verbos mantêm o pretérito, apenas os verbos muito frequentes com função gramatical permanecem, isso minimiza o trabalho lexicográfico. Como o trabalho com o pretérito foi minimizado pela frequência de uso, o trabalho maior está com os participios (*Partizip Perfekt*) como p.ex.: *gehn/gang* ‘ir’, *bringe/(ge)brung* ‘trazer’, *schlofe/geschlof* ‘dormir’, *bleiwe/gebliebb* ‘ficar’. Os participios são de uso mais frequente e, por isso, deve ser pensado como registrar/apresentar suas formas no Dic..

Essa simplificação é ainda maior no sistema nominal do HrBr onde se verifica uma perda considerável das desinências. Tal fenômeno pode ser comprovado nas tabelas de Altenhofen (1996) abaixo:

	Nominativ	Akkusativ	Dativ
<i>m.</i>	[ən'atdə'man] 'ein alter Mann' 'einen alten Mann'		[əɪm'atdə'man] 'einem alten Mann'
<i>n.</i>	[ən'atd̥'ha'ʊs] 'ein altes Haus' 'ein altes Haus'		[əɪm'atd̥'ha'ʊs] 'einem alten Haus'
<i>f.</i>	[ən'atd̥'kʰɪʦ] 'eine alte Küche' 'eine alte Küche'		[əɪn'atd̥'kʰɪʦ] 'einer alten Küche'
Pl.	[atdə 'la'ɪd̥] [atdə 'lɔ'ɪd̥] 'alte Leute'	'alte Leute'	[atdə 'la'ɪd̥] [atdə 'lɔ'ɪd̥] 'alten Leuten'

Fig. 25 – Declinação do HrBr – artigo indefinido (ALTENHOFEN, 1996, p. 234).

	Nominativ	Akkusativ	Dativ
<i>m.</i>	[d̥e'atdə'man] 'der alte Mann' 'den alten Mann'		[d̥ɛɪm'atdə'man] 'dem alten Mann'
<i>n.</i>	[d̥as'atd̥'ha'ʊs] 'das alte Haus' 'das alte Haus'		[d̥ɛɪm'atd̥'ha'ʊs] 'dem alten Haus'
<i>f.</i>	[d̥ɪ'atd̥'kʰɪʦ] 'die alte Küche' 'die alte Küche'		[d̥ɛ'atd̥'kʰɪʦ] 'der alten Küche'
Pl.	[d̥ɪ'atdə 'la'ɪd̥] [d̥ɪ'atdə 'lɔ'ɪd̥] 'die alten Leute'	'die alten Leute'	[d̥ɛ'atdə 'la'ɪd̥] [d̥ɛ'atdə 'lɔ'ɪd̥] 'den alten Leuten'

Fig. 26 – Declinação do HrBr – artigo definido (ALTENHOFEN, 1996, p. 235).

	Nominativ		Akkusativ	Dativ	
<i>m.</i>	[ən'ɛt̪d̪rə'man]			[əm'ɛt̪d̪rə'man]	
	'ein älterer Mann'		'einen älteren Mann'		'einem älteren Mann'
<i>n.</i>	[ən'ɛt̪d̪e'ha'ʊs]			[əm'ɛt̪d̪e'ha'ʊs]	
	'ein älteres Haus'		'ein älteres Haus'		'einem älteren Haus'
<i>f.</i>	[ən'ɛt̪d̪e'kʰɪç]			[ən'ɛt̪d̪e'kʰɪç]	
	'eine ältere Küche'		'eine ältere Küche'		'einer älteren Küche'
<i>Pl.</i>	[ɛt̪d̪rə 'la'ɪd̪]			[ɛt̪d̪rə 'la'ɪd̪]	
		[ɛt̪d̪rə 'ɔ'ɪd̪]			[ɛt̪d̪rə 'ɔ'ɪd̪]
	'ältere Leute'		'ältere Leute'		'älteren Leuten'

Fig. 27 – Declinação do HrBr – comparativo (ALTENHOFEN, 1996, p. 235).

Para a estrutura de *front matter* proposta nos itens a) - j), calculamos em torno de 5 a 10 páginas de texto. Analisando alguns *front matters* de dicionários considerados no Cap.3, observa-se que a maioria deles apresenta um número de páginas bem maior, ou seja, são muito longos e, por isso, muitos usuários acabam não lendo as informações necessárias para iniciar uma consulta em um dicionário. O que poderia ocasionar um falso entendimento das informações contidas na obra lexicográfica.

4.3.2 Entrada do verbete

Segundo Altenhofen (1996, 2010) e conforme abordado no Cap. 1, o Hunsrückisch não caracteriza uma variável homogenia. Para a questão da seleção de verbetes a integrarem as entradas do Dic., isso se torna um problema. Como registrar, sem inchar demais o Dic., variáveis com grande número de variantes? A decisão quem vai dar é o projeto ALMA-H, que trata da amplitude de uso.

O primeiro artifício para contornar esse problema das variantes consiste em apresentar um mapa linguístico que resume a variação em jogo para um determinado verbete. Tal artifício também é usado pelo *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA). Como segundo artifício pode-se fazer indicações na medioestrutura, ou seja, remeter a outro verbete. Este procedimento aplica-se prioritariamente a variantes lexicais e de uso mais restrito.

Há, porém, outra questão a considerar, de cunho mais formal. No que se refere à formatação da entrada é comum apresentar os verbetes em negrito. O *negrito* facilita a localização e marcação das entradas e não as confunde com a sua microestrutura, a definição. Contrapondo teríamos a separação silábica e a marcação para os *Komposita* ‘palavras compostas’ que, na língua alemã, aparecem em número bastante elevado. Vejamos os exemplos a seguir:

(1)

- a) **Herrgott** - ‘Deus’ (Hdt. *Gott*)
- b) **Herrgott** - ‘Deus’ (Hdt. *Gott*)
- c) **Herr|gott** - ‘Deus’ (Hdt. *Gott*)

(2)

- a) **Otzvohl** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- b) **Otzvohl** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- c) **Otz|vohl** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)

(3)

- a) **Otzvochel** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- b) **Otzvochel** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- c) **Otz|vochel** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- d) **Otz|vo|chel** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- e) **Otz|vo·chel** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- f) **Otz|vo·chel** - ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)

(4)

- a) **Heschensalz** - 'sal amoníaco' (Hdt. *Hirschhornsalz*)
- b) **Heschensalz** - 'sal amoníaco' (Hdt. *Hirschhornsalz*)
- c) **Heschen|salz** - 'sal amoníaco' (Hdt. *Hirschhornsalz*)
- d) **He|schen|salz** - 'sal amoníaco' (Hdt. *Hirschhornsalz*)
- e) **He-schen|salz** - 'sal amoníaco' (Hdt. *Hirschhornsalz*)
- f) **He·schen|salz** - 'sal amoníaco' (Hdt. *Hirschhornsalz*)

A partir dos exemplos acima identificam-se os seguintes problemas a serem resolvidos:

1º) **acento tônico**: esse recurso será útil em palavras compostas, porém desnecessário nos monossílabos como: *Boom, Stuhl, Licht*, etc.. Nas palavras compostas, o acento tônico acontece na primeira palavra e pode ser marcado como mostram os exemplos:

(1')

- b) **Herrgott** - 'Deus' (Hdt. *Gott*)

(2')

- b) **Otzvohl** - 'urubu' (Hdt. *Aasvogel*)

(3')

- b) **Otzvochel** - 'urubu' (Hdt. *Aasvogel*)

(4')

- b) **Heschensalz** - 'sal amoníaco' (Hdt. *Hirschhornsalz*)

2º) **constituintes dos *Komposita***: observando o primeiro e o segundo exemplo, a marcação do *Komposita* é feita através do símbolo “|” o que facilita o usuário na separação das duas palavras.

(1')

c) **Herr|gott** - 'Deus' (Hdt. *Gott*)

(2')

c) **Qtz|vohl** - 'urubu' (Hdt. *Aasvogel*)

3º) **separação silábica**: se observarmos o terceiro exemplo, temos uma palavra composta e que apresenta, além da marcação do *Komposita*, a separação silábica, que é marcada pelo símbolo "-". Porém, no mesmo exemplo temos novamente a palavra *Otzvochel*, mas agora marcando a separação silábica pelo símbolo "·".

(3')

d) **Qtz|vo|chel** - 'urubu' (Hdt. *Aasvogel*)e) **Qtz|vo-chel** - 'urubu' (Hdt. *Aasvogel*)f) **Qtz|vo·chel** - 'urubu' (Hdt. *Aasvogel*)

Analisando principalmente a segunda e terceira opção – e) e f), pode-se observar que o terceiro exemplo (f) é mais claro, ou seja, o usuário pode facilmente identificar a separação silábica, pois poderia se pensar que o símbolo "-" está marcando algum tipo de palavras compostas, como é o exemplo de *Beck-Beck* 'forma onomatopéica para máquina de plantar milho'. O primeiro exemplo fica descartado, se optarmos por marcar as palavras compostas pelo símbolo "·".

4º) **seleção de variantes coexistentes**: como pode ser visto nos exemplos (2) e (3) acima, temos dois termos em HrBr para 'urubu'. Para não inserir os dois termos como entradas do Dic., uma solução seria apresentá-los da seguinte forma:

(2')

d) **Qtz|vohl** var. **~vo·chel** - 'urubu' (Hdt. *Aasvogel*)

Um estudo aprofundado dos casos do HrBr ainda está por fazer. Por fim, assim como no tratamento das variantes fonéticas, ou mesmo lexicais (de formas não tão representativas, p.ex., *Beck-Beck* 'forma onomatopéica para máquina de plantar milho', que poderia ser vista como uma idiossincrasia dialetal), também é necessário criar regras para a entrada de palavras com formas gramaticais distintas, como é o caso dos verbos. Como se colocou em 4.3.1, muitos dicionários (v. Stawinski, 1995 e 1987) se valem do artifício de fornecer um resumo da gramática da língua no *front matter*, como facilitador de consulta ao usuário e de compensar a diversidade de formas. Como p.ex., o verbo irregular *gehn* 'ir' que preserva a forma conjuntiva *geengt* e realiza o particípio (*Partizip Perfekt*) como *is gang*. Como o conjuntivo e o pretérito se mantiveram apenas para uma lista muito reduzida de verbos muito frequentes, que fica concentrado sobretudo nos particípios, isso simplifica de certa maneira a questão.

4.3.3 Anexos ou *back matter*

Anexos são todos aqueles acessórios relacionados a um documento e/ou trabalho principal. Analisando novamente os dicionários já apresentados no Cap. 3, percebe-se que eles praticamente não apresentam anexos. Isso não quer dizer que ignoram os acessórios listados abaixo, mas os apresentam no *front matter*. Como já discutido anteriormente, a apresentação de todos esses acessórios no *front matter* foge da sua função real, que é apresentar um guia/manual prático ao usuário e os objetivos do Dicionário. Pensando em um dicionário para o HrBr, podem vir a integrar o *back matter* os seguintes acessórios:

- a) Bibliografia;
- b) Tabelas gramaticais ou gramática resumida;
- c) Tabelas de números;
- d) Tabelas de pesos e medidas;
- e) Tabelas de nomes próprios;
- f) Mapas linguísticos;

- g) Imagens (fotos, desenhos, figuras etc.);
- h) Textos (poemas, receitas, cantigas etc.).

Informações de literatura e de acervos sobre o Hrs. também podem integrar o *back matter* do Dic., fazendo com que se torne uma obra completa, que reúne as principais informações dessa língua de imigração.

Os mapas linguísticos tem a função de ilustrar as variações internas do HrBr. Eles podem ser apresentados no *back matter* do Dic. ou até mesmo no corpo do Dic., na sua microestrutura. Os mapas, como será abordado na seção 4.5.5.1, podem ser encontrados através da medioestrutura, p.ex.: v. *mapa*. Um verbete que merece um mapa linguístico é *Omatz* ‘formiga’ (Hdt. *Ameise*)²⁰, que apresenta uma imensa variação interna:

- a) *Omatz*
- b) *Omas*
- c) *Omeis*
- d) *Ometz*
- e) *Omitz*
- f) *Omes*
- g) *Petzat*

Cabe ao lexicógrafo decidir se insere o mapa na microestrutura do Dic. ou nos anexos. Inserindo-o na sua microestrutura partimos para um dicionário enciclopédico. O mesmo vale para informações enciclopédicas em que se reúne, p.ex., em um nicho léxico, diversos vocábulos e ilustrações sobre tipos de formigas p.ex.: *Schlepper*, *Holzomeis*, *Kampomeis*, *Leefer*, etc. Temos aqui duas possibilidades: ou insere-se no corpo do Dic., na sua microestrutura ou como anexo, na forma de mapa e/ou ilustração. Se inserido como anexo, pode-se remeter através da medioestrutura, como veremos na seção a seguir. Mas nesse caso, o de tipos de formigas, parece mais adequado mostrar ilustrações ao usuário junto ao verbete. Assim também faz o Dic. Langenscheidt para

²⁰ Pergunta de nº 125 do questionário do ALMA-H.

aprendizes de DaF, como já exemplificado e abordado no Cap.3. Vale lembrar que, inserir ilustrações junto ao verbete poderia ocasionar problemas de *layout*.

4.4 Aspectos medioestruturais

Remeter a outros verbetes do dicionário, ou seja, interligar as definições dos vocábulos que integram o dicionário é a função da medioestrutura (cf. Schlaefel, 2002). Todo e qualquer dicionário deve ter uma medioestrutura, conforme Bugueño (2002-2003), a fim de poupar tempo e espaço, como foi abordado no Cap.1.

O símbolo – ↑ ou → – tem a vantagem de ser econômico e não ocasionar induplicidade de informação, pois vale tanto para português *Veja* (V. ou q. v.) e para o alemão *siehe* (s., s.d., s.o. ou s.u.), além de ser já usual na tradição lexicográfica.

Em alguns casos, porém, se recomendaria as indicações a nível medioestrutural:

1. variantes fonéticas: distinguir entre variantes fonéticas pela frequência e do grupo *Deutsch* e *Deitsch*, como já exemplificado no Cap. 1 (cf. Altenhofen, 2010; Meyer, 2009).
2. mapas linguísticos: informações adicionais no *back matter*, p.ex.:
→ *mapa X*. Um exemplo de mapa seria para o termo *Schmier* ‘pasta de frutas para passar no pão’ (ver Anexo 4).
3. indicações de ordem gramatical motivadas por formas gramaticais derivadas.

Nesses casos, portanto, a medioestrutura cumpre papel fundamental numa obra lexicográfica. Além de facilitar a consulta ao usuário, enriquece a

obra. Pois a incorporação de mapas linguísticos, indicações de formas gramaticais derivadas e variantes fonéticas, dão ao Dic. um “ar de obra completa”, ou seja, o Dic. se torna obra de apoio ao usuário e obra segura.

4.5 Aspectos microestruturais

4.5.1 Indicação de gênero

A marcação de gênero nos diferentes dicionários analisados no Cap. 3, permite visualizar pelo menos 3 formas, exemplificadas abaixo:

(5)

- a) **Herr|gott** *s.m.* ‘Deus’ (Hdt. *Gott*)
- b) **Herr|gott** *m.* ‘Deus’ (Hdt. *Gott*)
- c) **Herr|gott** *der* ‘Deus’ (Hdt. *Gott*)

(6)

- a) **Qtz|vohl** var. ~vo·chel *s.m.* ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- b) **Qtz|vohl** var. ~vo·chel *m.* ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)
- c) **Qtz|vohl** var. ~vo·chel *der* ‘urubu’ (Hdt. *Aasvogel*)

(7)

- a) **He·schen|salz** *s.n.* ‘sal amoníaco’ (Hdt. *Hirschhornsalz*)
- b) **He·schen|salz** *n.* ‘sal amoníaco’ (Hdt. *Hirschhornsalz*)
- c) **He·schen|salz** *das* ‘sal amoníaco’ (Hdt. *Hirschhornsalz*)

(8)

- a) **Blitz|lamp** *s.f.* ‘lanterna’ (Hdt. *Taschenlampe*)
- b) **Blitz|lamp** *f.* ‘lanterna’ (Hdt. *Taschenlampe*)
- c) **Blitz|lamp** *die* ‘lanterna’ (Hdt. *Taschenlampe*)

(9)

- a) **Milje** *Pl.* ‘milho’ (Hdt. *Mais*)

O que falaria a favor de uma ou outra dessas opções, ou melhor, por quais critérios se orientar na decisão entre uma ou outra opção? Se pensarmos no público-alvo do Dic., normalmente menos afeito à simbologias e terminologias muito técnicas, estamos propensos a adotar as alternativas (c) acima, ou seja, indicando o artigo correspondente ao gênero, no caso: *der*, *das* e *die*. Mesmo aqui, porém, o que poderia parecer simples pode provocar confusões, visto que no caso de *die* nem sempre está claro para determinado tipo de usuário, se se trata de substantivo feminino, como em (8c) ou uma forma essencialmente de plural, como em (9). Isso nos leva a decidir, pelo menos nesse primeiro momento, pela opção intermediária que simplesmente coloca *m.*, *n.*, *f.* e *pl.* Essa opção, aliás, é também seguida pelo Dic. Pomerano-Português de Tressmann (2006). Esta opção é de certo modo também a mais econômica.

Uma outra pergunta que se poderia colocar é se deveríamos marcar o gênero também nas definições do equivalente no Ptg. e mesmo do equivalente em Hdt., tendo em vista a proposta didático-pedagógica seguida no projeto ALMA-H e à qual nos associamos neste estudo (v. 4.1). À primeira vista, este raciocínio parece bastante pretensioso e vai contra o princípio da simplicidade. Mas, se pensarmos em uma gama de ex. em que o *corpus* do projeto, em que se constata divergência de gêneros entre as respectivas formas no Hrs., do Ptg. e do Hdt., então essa marcação, de certa forma tríplice, cumpre com a função de servir de auxílio ao ensino-aprendizagem, na medida em que alerta para essa divergência. Vejamos a tabela abaixo:

Hunsrückisch	Português	Hochdeutsch
<i>die Bach</i>	o arroio	<i>der Bach</i>
<i>die Rio</i>	o rio	<i>der Fluss</i>
<i>der Problem</i>	o problema	<i>das Problem</i>
<i>das Teel</i>	a parte	<i>der Teil, das Teil</i>
<i>das Platz</i>	o lugar	<i>der Platz</i>
<i>der Mond</i>	a lua	<i>der Mond</i>
<i>der Bluse</i>	a blusa	<i>die Bluse</i>
<i>die Mut</i>	a coragem / o ânimo	<i>der Mut</i>
<i>der</i> var. <i>das Mund</i>	a boca	<i>der Mund</i>

Tab. 3 - Divergência de gênero entre Hrs., Ptg. e Hdt.

Para um posicionamento mais definitivo, cabe fazer alguns testes e uma análise mais criteriosa do *corpus* que justifique a marcação do gênero nas três línguas. Em princípio, esta parece uma consequência natural do andamento do trabalho que teria assim a seguinte configuração possível:

(10)

Teel *n.*, *-er*; parte *f.* ■ **Teil** *m.*

Pelo exemplo acima já damos uma possível visualização de número que, no entanto, também apresenta suas peculiaridades que serão discutidas a seguir.

4.5.2 Indicação de número

A marcação de número no Hrs. pode ser dividida em plurais regulares com acréscimo de <-e> e diversas desinências de plural irregular que se mostram bastante resistentes a mudanças linguísticas. Com a queda quase generalizada da nasal dental átona /n/ em final de palavra (cf. Altenhofen,

1996, p. 310), constata-se uma certa simplificação para o uso de /e/ com pronúncia *Schwa* ([ɤ]) no IPA, p.ex. *Schul* f., Pl. *Schule*). Como mostra esse último exemplo, a apócope de /e/, que segundo Altenhofen (1996, p. 229), atinge principalmente os plurais de substantivos femininos terminados em /e/ como *Schul* f. ‘escola’ (Hdt. *Schule*), *Kich* f. ‘cozinha’ (Hdt. *Küche*), *Hoss* f. ‘calça’ (Hdt. *Hose*), abre caminho para que o plural se realize apenas com o acréscimo de *Schwa*, como já se aludiu anteriormente, enquanto o Hdt. exige o acréscimo de <-n>. É curioso notar que substantivos que no singular terminam em <-e> são normalmente de gênero masculino. Tal é o caso de exemplos como: *Gasoline* m. ‘gasolina’ (f.), *Barulje* m. ‘barulho’ (m.) e *Goote* m. ‘horta’ (f.). Neste caso, verifica-se uma tendência da mesma forma no singular e plural, o que no Dicionário se resolveria com a indicação de -, i.e., traço simples.

Interessante é o caso dos substantivos como *Spiechel* m. ‘espelho’ e *Teller* m. ‘prato’, que formam seu plural respectivamente para *Spiechle* e *Tellre*. Em termos lexicográficos sua marcação, como já antecipamos em exemplos acima, traz alguns problemas de interpretação ao usuário, já que a simples indicação de –e não deixaria clara a síncope do /e/ anterior. A saída a nosso ver parece ser a repetição do verbete completo. Veja os exemplos:

(11)

Spie·chel m., Spiechle; espelho m. ■ Spiegel m.

(12)

Teller m., Tellre; prato m. ■ Teller m.

Mais complexa é a situação nos plurais irregulares, que implicam muitas vezes a ocorrência de *Umlaut* (metafonia, p.ex. *Kuh* f. ‘vaca’ (f.), Pl. *Kih*; *Punsch* m. ‘poncho’ (m.), Pl. *Pinsch*), às vezes acrescida da terminação <-er> (p.ex. *Platz* n. ‘lugar’, Pl. *Pletzer*; *Loch* n. ‘buraco’, Pl. *Lecher*), que no *Hochdeutsch* é representado por uma vogal arredondada, no caso grafada como <ä, ö, ü>. O problema é que, no Hunsrückisch, de modo geral essas vogais aparecem desarredondadas e, portanto, são registradas, na proposta de

escrita do ESCRITHU, na qual nos baseamos, com um simples <e, i>, às vezes também <ie>. Deste modo, não se aplica a marcação tradicionalmente usada nos dicionários de língua alemã, usando <“> ou <”er>. A saída novamente parece ser a apresentação da forma plural do verbete escrita por extenso. Poder-se-ia pensar na possibilidade de indicação de plural em *Umlaut* apresentando o respectivo infixo entre hífens, p.ex. *Boom* m. var. *Baum* m. ‘árvore’, Pl. –e– var. –ei– var. –eu–. Este exemplo, aliás, por sua grande variação, poderia justificar o emprego dessa forma de apresentação. Pensamos, porém, que sua utilização não parece de fácil assimilação, tendo em vista que tem contra si o fato de muitos potenciais usuários, não muito afeitos ao manuseio de um dicionário (pelo menos de língua alemã), provavelmente não compreenderem este tipo de sinalização.

Concluindo, pode-se antever um conjunto de situações impostas pelo objeto de estudo, a língua de imigração Hunsrückisch, que exemplificamos com o seguinte quadro de possibilidades:

(13)

Blitz|lamp *f.*, -e; lanterna *f.* ■ Taschenlampe *f.*

Herr|gott *m.*, –er; Deus *m.* ■ Gott *m.*

He·schen|salz *n.*; sal amoníaco *m.* ■ Hirschhornsalz *n.*

Milje *Pl.*; milho *m.* ■ Mais *m.*

Otz|vohl var. ~vo·chel *m.*, Otzveehl var. ~vee·chel; urubu *m.*
■ Aasvogel *m.*

Spie·chel *m.*, Spiechle; espelho *m.* ■ Spiegel *m.*

Teel *n.*, -er; parte *f.* ■ Teil *m.*

Teller *m.*, Tellre; prato *m.* ■ Teller *m.*

O quadro acima pode servir de base para as explicações que se fizerem necessárias no *front matter* do Dic.. É relevante mencionar ainda que se optou pela ordem HrBr – Ptg. – Hdt. O *Hochdeutsch* é marcado pelo símbolo ■,

separando, assim, claramente as três línguas do Dic.. Assim também faz Stawinski (1995) em seu Dic. Trilíngue, como foi tratado no Cap. 3.

4.5.3 Demais classes de palavras

Ao lado dos substantivos, que implicam na indicação de gênero e número, é preciso registrar ao menos, de passagem, outras classes de palavras, definindo o modo como serão identificadas. Com exceção dos verbos, na maioria dos casos isso se restringe a inclusão da abreviatura correspondente, que exemplificamos a seguir:

(14)

- a) **scheen** *adj.*; bonito ▪ schön
- b) **allegebott** *adv.*; a todahora, constantemente ▪ zu jeder Zeit
- c) **mit** *prep.*, com ▪ mit
- d) **dritt** *num.*, terceiro ▪ dritte
- e) **well** *conj.*, porque ▪ weil
- f) **mea** *pron.*, nós ▪ wir
- g) **reene** *v. int.*, chover ▪ regnen

Cabe perguntar sobre a necessidade e a pertinência de entrar nas minúcias indicando, p.ex., o tipo de numeral (*num. ord.*) ou pronome (*pron. interrog.*). Isso evidentemente tem de ser resolvido de modo particular no âmbito do Projeto. Em termos lexicográficos, o que se pode dizer é que serve para tal um conjunto de abreviaturas. Além disso, cabe o cuidado de não violar os princípios da economia e da simplicidade.

4.5.4 Transcrição fonética

A literatura coloca o problema da pronúncia em termos de uma transcrição fonética estreita ou pronúncia figurada. A pronúncia figurada está mais próxima do usuário, se pensarmos nos tipos de usuários já mencionados anteriormente, pois é mais simples de se ler. Já na transcrição fonética estreita, temos a reprodução de todas as particularidades fonéticas e fonológicas.

Nos dicionários que analisamos no Cap. 3, observa-se que Stawinski (1995; 1987), Diener (1971) e Tressmann (2006) não apresentam a transcrição fonética. Já Luzzatto (2000) apresenta a transcrição fonética ao usuário na forma da pronúncia figurada.

Em que medida, no entanto, se pode falar que a apresentação da pronúncia do verbete em transcrição fonética se torna imprescindível? Pode-se dizer que, para um dicionário que já contempla três línguas e que tende a incorporar elementos de um dic. enciclopédico, como veremos a seguir, a pronúncia seria um item mais dispensável, a não ser em casos em que sua indicação explícita se mostra necessário para dirimir dúvidas que a ortografia em Hunsrückisch por si não dá conta. Com isso, a transcrição fonética assume papel auxiliar, definido caso a caso. Pode ser indicada a pronúncia tanto de um verbete inteiro, quanto de segmentos, quando se julga-lo necessário. Sua posição seria logo após a entrada e entre colchetes. A transcrição fonética neste caso segue o IPA (International Phonetic Alphabet), conforme usado no Projeto ALMA-H (v. Lista de Símbolos Fonéticos, no Anexo 1). Exemplificando, teríamos a seguinte configuração:

(15)

a) **Teller** [telle] *m.*, Tellre; prato *m.* ■ Teller *m.*

4.5.5 Princípios que orientam a definição de um verbete

Conforme já se discutiu nas seções anteriores, a opção pelo Dicionário Trilíngue se impõem pela própria natureza do objeto de estudo, inserido em uma situação de contato linguístico, por isso, falar-se de um Dic. Contatual, concordou-se, além disso, que a ordem de apresentação das três línguas se daria de uma entrada em HrBr para um equivalente em português, por fim, um equivalente em Hdt. Tal procedimento, nos exemplos apresentados até aqui, não envolveu grandes problemas, a não ser a sugestão de inserir um sinal gráfico demarcando claramente entre o equivalente em português e em Hdt., como o faz o único Dic. Trilíngue que analisamos, de Strawinski (1995), i.e., o Dic. Talian- Português-Italiano. Como símbolo sugeriu-se para essa função um quadrado, como pode ser verificado no exemplo (13).

Haverá, no entanto, na seleção do material para o Dic. uma série de exemplos não tão pacíficos em que a complexidade das relações lexicais irá exigir outros tipos de procedimentos no trabalho lexicográfico. Entre esses aspectos, identificam-se os seguintes:

1° **Tratamento da polissemia:** de modo geral, as acepções para verbetes polissêmicos são indicadas separadamente por meio de números, muitas vezes em negrito (v. ex. (16b)), para facilitar a sua identificação. Cabe determinar os critérios na ordenação, ou seja, qual acepção vem primeiro, ou qual é mais relevante, considerando desde o sentido original e denotativo até acepções de cunho figurado. Exemplificando:

(16)

a) **Gloos** *n.*, Gleser; 1. vidro *m.* 2. copo *m.* ■ Glas *n.*

b) **Gloos** *n.*, Gleser; **1.** vidro *m.* **2.** copo *m.* ■ Glas *n.*

2° **Nível da conotação:** no nível da conotação temos o sentido figurado, que na maioria das vezes é apresentado da seguinte forma:

(17)

a) **Katz** *f.*, -e; 1. gato *m.* 2. *fig.* gata *f.* ▣ Katze *f.*b) **Katz** *f.*, -e; 1. gato *m.* 2. *fig.* gata *f.* ▣ Katze *f.*

3° **Inclusão de expressões idiomáticas:** o que apresenta uma grande dificuldade ao trabalho lexicográfico são as expressões idiomáticas. Reconhecem-se aqui dois problemas fundamentais, um que diz respeito ao modo de inclusão (se integrada a uma acepção ou separadamente) e outro relacionado à sua forma. Num dicionário trilingue isso é ainda mais complicado, pois dificulta a sua inclusão na sequência direta das acepções. Ou seja: a alternativa melhor é acrescentar as expressões idiomáticas ao final da microestrutura, identificando-a com algum símbolo ou abreviatura.

(18)

a) **Sack** *m.*, Seck; 1. saco *m.* 2. pessoa chata▣ Sack *m.* ♦ *Te sack fille*; Encher o saco.

Nesse caso, optou-se por usar o símbolo “♦” para indicar a expressão idiomática. Além dos três aspectos abordados acima, ainda temos a **indicação de sinonímia** e o **nicho léxico**. A indicação de sinonímia pode ser resolvida por vezes através da medioestrutura ou pela simples indicação de *sin.*. Já o nicho léxico, que já foi explicado e exemplificado no Cap. 1, na língua alemã é muito usual por causa da quantidade de palavras compostas que a língua apresenta e precisa ser pensado bem, ou seja, é necessário pensar a disposição das palavras para não confundir o usuário.

Se de um lado os aspectos acima se impõem pela própria natureza da entrada do verbete, de outro pode-se reconhecer elementos lexicográficos que auxiliam a precisar e qualificar as definições em si. A seguir discutem-se alguns desses elementos separadamente, analisando suas vantagens e desvantagens em relação ao propósito do Dicionário.

4.5.5.1 Incorporação de figuras

Como já mencionado no Cap. 3, a incorporação de figuras pode auxiliar a precisar e qualificar as definições. É um ótimo auxílio para aprendizes de língua estrangeira. Mas também podem ser meramente ilustrativas, como é muitas vezes o caso do Dic. de Tressmann (2006). Porém, é importante acrescentar que a inclusão de figuras meramente ilustrativas também é uma forma de registro de uma época, por exemplo, ou seja, se torna um registro histórico.

Também já foi abordada anteriormente a questão da inclusão de mapas linguísticos. Eles também precisam e qualificam as definições do Dic., assim como fotos, desenhos, gráficos etc.. A única questão é que toda essa incorporação de figuras aumenta o número de páginas, tornando o Dic. uma obra enciclopédica. Pensando no HrBr, acredita-se que a melhor forma de apresentação seja mesmo na forma enciclopédica, pois o Dic. acaba sendo uma obra de registro da língua em todos os aspectos (geográfico, histórico, literário etc.).

4.5.5.2 Dados de etimologia

Os dados de etimologia serão relevantes, principalmente, para o caso de usuários como estudiosos da língua. Para dicionários escolares e para aprendizes de uma língua estrangeira ou ainda para a maioria dos falantes de Hrs., a etimologia é dispensável, pois estes querem, provavelmente, buscar informações de grafia e significado apenas.

4.5.5.3 Contextualização do verbete

A contextualização do verbete vai além dos dados meramente definitórios, ou seja, é a exemplificação de uso do verbete de entrada. A contextualização se dá no momento em que o lexicógrafo insere frases,

ditados, versos, dados históricos, etc. em sua obra. Novamente aqui precisamos estabelecer regras de registro. É necessário decidir como apresentar as frases, os ditados, os versos e os dados históricos. Talvez seja necessário outro símbolo ou simplesmente indicar através de itálico, como fazem os dicionários analisados no Cap. 3.

Apresentamos até aqui alguns problemas e aspectos gerais no que se refere à feitura do Dic. para o HrBr e tentamos apresentar soluções para tais. Cabe lembrar, que a decisão final quem tomará é o grupo ESCRITHU. O que se queria aqui é apresentar os principais aspectos a serem observados no momento da confecção do Dicionário e a presente Dissertação poderá servir de apoio ao grupo ESCRITHU.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicitado na introdução desta Dissertação e no Cap. 1, o Dicionário é o lugar de representação do bem-dizer e no momento em que uma palavra está registrada (dicionarizada) ela adquire legitimidade, podendo assim, ser utilizada sem causar contravenções linguísticas (KRIEGER, 1993, p. 15). Nesse caso, o pomerano brasileiro já pode ser utilizado, agora também, na sua escrita sem causar contravenções linguísticas, pois está legitimizado na obra de Tressmann (2006). As línguas minoritárias (de imigrantes, de indígenas etc.) são na sua maioria apenas línguas faladas, ou seja, não possuem uma escrita bem definida; cada qual escreve da sua maneira ou como considerar correto. Mas no momento em que existe uma obra lexicográfica que apresenta a forma escrita da língua, ela deve ser seguida. O mesmo vale para as inúmeras e demais línguas de imigração existentes no território brasileiro. Tressmann (2006) legitimou o léxico do pomerano brasileiro. Por que não legitimar o léxico das demais línguas de imigração existentes no Brasil?

Considerando o objetivo central desta dissertação, o estágio atual da pesquisa consistia em apresentar um estudo dos fundamentos teórico-metodológicos para a criação de um Dicionário para o Hunsrückisch, como subsídio à pesquisa desenvolvida pelo projeto ALMA-H. Tal propósito implicava, em outras palavras: **a)** definir critérios para a sistematização da **microestrutura** de apresentação do léxico da língua-alvo no Dicionário, considerando suas finalidades, possíveis usuários e especificidades do Hunsrückisch tanto como língua de imigração em contato com o português, quanto variedade dialetal vinculada à língua-teto, o Hochdeutsch; **b)** discutir o papel do Dicionário como obra de referência e instrumento de **normatização** que fixa um padrão de escrita para a língua oral, o Hunsrückisch efetivamente falado (impacto sobre a língua, considerando seu *status* e *corpus*) e **c)** avaliar as implicações do Dicionário para a sua **utilização** no ensino e aprendizagem de línguas (língua alemã e portuguesa), nas ações de promoção da língua

(*language awareness* e conhecimento da língua), assim como também na pesquisa de modo geral (como obra de auxílio em diferentes áreas).

A partir dos objetivos estabelecidos e retomados acima, procuramos apresentar a teoria relevante para a feitura de dicionários e tudo o que engloba a língua de imigração alemã em estudo, o Hunsrückisch, ou no Brasil, HrBr. Definir critérios para a sistematização das macro-, micro- e medioestruturas, discutir o papel do Dicionário como obra de referência e instrumento de normatização para uma língua essencialmente falada e avaliar as implicações do Dicionário para a sua utilização no ensino e aprendizagem de línguas foram tarefas desta Dissertação e podem, no entanto, servir de apoio para a futura confecção do Dicionário para o HrBr. O que foi discutido e apresentado aqui, não necessariamente será adotado pelo Grupo ESCRITHU, mas serve como leitura de apoio e reflexão lexicográfica.

Este Estudo também procurou encontrar respostas às perguntas lançadas no início do trabalho, tais eram:

1. qual ou quais os usuários a considerar na elaboração do dicionário?
2. e qual o papel do dicionário para os diferentes usuários? Em suma, o que se pretende com o dicionário?
3. quais as línguas a serem consideradas (Hunsrückisch, Português, Alemão - bilíngue ou trilíngue) e qual sua ordem de apresentação (p. ex.: Hunsrückisch – Português – Alemão ou Hunsrückisch – Alemão – Português)?
4. que critérios orientam a seleção de verbetes para as entradas no dicionário?
5. quais as regras de registro das entradas do dicionário (critério etimológico ou fonético)?
6. quais itens devem compor a microestrutura do dicionário, considerando:

- a. gênero;
 - b. transcrição fonética/indicação de pronúncia;
 - c. variantes lexicais e fonéticas;
 - d. fraseologias ligadas ao verbete;
 - e. etimologia;
 - f. imagens/figuras ilustrativas;
7. o dicionário deverá ter caráter enciclopédico?
 8. há a possibilidade de inclusão de mapas linguísticos produzidos no âmbito do ALMA-H, tal como ocorre no *Rheinisches Wörterbuch*? Qual seria sua função?
 9. qual a forma de publicação do dicionário, impressa ou eletrônica?

São os usuários – falantes, estudantes, estudiosos da língua, professores e demais profissionais das áreas comerciais – que definem diversos aspectos estruturais do Dicionário. O principal objetivo com o Dicionário é registrar e normatizar o HrBr, para lhe conferir *status* e legitimidade, mas os usuários tem papel fundamental e devem ser considerados sempre. O Dicionário, além de ampliar o horizonte linguístico e intelectual dos estudantes, será ferramenta de apoio ao professor. Este poderá tirar dúvidas e até mesmo realizar trabalhos escolares e/ou pesquisas sobre o HrBr com os alunos.

As regras de registro para as entradas do Dicionário seguem critério etimológico, uma vez que a língua-teto (*Dachsprache*) é o *Hochdeutsch*. Como foi abordado no Cap. 2, tais regras já foram definidas pelo Grupo ESCRITHU. O Dicionário é, no entanto, um instrumento onde a língua será registrada. A seleção dos verbetes a integrarem as entradas do Dicionário quem dará é o Projeto ALMA-H e seguirá o critério do uso, ou seja, da frequência de uso. Selecionadas as palavras, cabe ao lexicógrafo determinar aspectos da microestrutura, ou seja, decidir acerca da inclusão de informações

enciclopédicas, mapas linguísticos, gráficos, imagens etc. Devem compor a microestrutura do Dic. apenas informações sucintas e relevantes para o verbete em questão e sem inchar demais a estrutura.

Analisando os Dicionários apresentados no Cap. 3, chega-se a conclusão de que a melhor forma de registrar os verbetes de uma língua minoritária é na forma enciclopédica, uma vez que os dialetos apresentam diversos aspectos históricos e culturais que poderão ser perdidos com o passar do tempo. Pensa-se aqui em aspectos culturais e históricos como: cantos, imagens, histórias, brincadeiras etc. Além disso, o contexto do HrBr favorece o Dicionário Trilíngue na seguinte ordem das línguas: HrBr – Ptg. – Hdt. Servirá, assim, de apoio ao ensino de alemão-padrão e português nas escolas, principalmente em regiões onde se fala HrBr.

A publicação do Dicionário é um aspecto a ser discutido no futuro, mas cabe lembrar que novamente os usuários devem ser levados em conta. Publicar somente na forma eletrônica poderá restringir o acesso à obra. Por isso, a forma impressa ainda é a mais indicada. O ideal seria apresentar o Dicionário nas duas versões: eletrônica e impressa. Outra sugestão é a de publicar fascículos, assim, poderiam ser realizados testes com os usuários e, a partir deles, publicar a versão final em um volume somente.

Esperamos que as bases teórico-metodológicas deste trabalho sobre o Hunsrückisch e a dialetologia numa abordagem lexicográfica, enfocando a confecção de um dicionário para o HrBr, possam originar outros estudos na área. A presente Dissertação deixa, ainda, algumas lacunas. Estudos mais profundos na parte microestrutural que envolve o Dicionário para o HrBr e a apresentação de mais exemplos da microestrutura e possíveis análises e/ou aplicações, poderiam ser um próximo passo para o estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.)

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do „Hunsrückisch“ no Rio Grande do Sul*. In: GÄRTNER, Angelika [org.]: *Aquisição e ensino de línguas*. Porto Alegre, DAAD/UFRGS, p. 116-125, 1997a.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul*. In: *Cadernos do Instituto de Letras*. Porto Alegre: UFRGS, Nr. 18. Dez. de 1997b.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A constituição do córpus para um “Atlas lingüístico-contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata”*. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo, n. 51, p. 135 – 165, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Migram os homens. E as línguas*. In: *Zero Hora: Caderno de Cultura*, Porto Alegre, p. 4-5, 24.07.2004.

ALTENHOFEN, Cléo V. & FREY, Jaqueline. *Das bresilionische Deitsch unn die deutsche Bresilioner: en Hunsrickisch Red fo die Sprocherechte*. In: *Revista Contingentia* (www.revistacontingentia.com), v. 1, p. 39-50, 2006.

ALTENHOFEN, C. V.; FREY, J.; KÄFER, M. L.; KLASSMANN, M. S.; NEUMANN, G.; SPINASSÉ, K. P. *Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil*. In: *Revista Contingentia* (www.revistacontingentia.com), v. 2 (nov.), p. 73-87, 2007.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil*. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, p. 129-164, 2008.

ALTENHOFEN, Cléo. V. *Dachsprachenwechsel und Varietätenabgrenzung im Kontakt zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch in Brasilien*. Porto Alegre, (no prelo), 2010.

BELLMANN, Günter. *Beiträge zur Dialektologie am Mittelrhein*. Stuttgart: Steiner, 1986. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 10.)

BEVILACQUA, Cleci Regina. *Tipologia de Dicionários*. In: *Cadernos do IL*, n. 10, Porto Alegre, 1993.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

BUGUEÑO, Félix. *Cómo leer y qué esperar de un diccionario monolingüe (con especial atención a los diccionarios del español)*. In: *Revista de Língua e Literatura*. Frederico Westphalen, n. 8/9, 2002-2003.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro: lozon + Editor, 1968.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. *Composição do dicionário bilíngue*. In: *Lexicografia bilíngue português – alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília: Thesaurus, 2001.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México : Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, (Cuadernos de Linguística; 8.), 1982.

DACANAL, José Hildebrando. *Linguagem, poder e ensino da língua*. 2ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

DICIONÁRIO MORFOSSEMÂNTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Leopoldo: UNISINOS, (no prelo), 2006.

DIENER, G. Walter. *Hunsrücker Wörterbuch*. Niederwalluf: Dr. Martin Sändig oHG., 1971.

DiWA = *Digitaler Wenker-Atlas*. Georg Wenkers „Sprachatlas des Deutschen Reichs“, 1888-1923, handgezeichnet von Emil Maurmann, Georg Wenker und Ferdinand Wrede. Hrsg. von Jürgen Erich Schmidt und Joachim Herrgen. Bearb. von Alfred Lameli, Alexandra Lenz, Jost Nickel und Roland Kehrein, Karl-Heinz Müller, Stefan Rabanus. Marburg: Forschungsinstitut Deutscher Sprachatlas, 2001-

DSA = *Deutscher Sprachatlas. Auf Grund des Sprachatlas des Deutschen Reichs von Georg Wenker, begonnen v. Ferdinand Wrede, fortgesetzt v. Walther Mitzka u. Bernhard Martin*. Marburg, 1927-1956.

DWA = *Deutscher Wortatlas*. Hrsg. von Walther Mitzka [Bd. 5ff.: Walther Mitzka & Ludwig Erich Schmitt]. Gießen, 1951-1979.

DRENDA, Georg. *Kleiner linksrheinischer Dialekatlas: Sprache in Rheinland-Pfalz und im Saarland*. Stuttgart: Steiner-Verlag, 2008.

Dtv-Atlas zur deutschen Sprache. 6. Aufl. München : Deutscher Taschenbuch Verlag, 1985.

DUDEN - Deutsch Universalwörterbuch. Mannheim: Bibliographisches Institut & F.A. Brockhaus AG, 2003.

ENGELBERG, S.; LEMNITZER, L. *Lexikographie und Wörterbuchbenutzung*. Tübingen: Günther Narr., 2004.

FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung*. Berlin: Erich Schmidt, 1959.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISHMAN, J. A. *Language Maintenance, Language Shift, and Reversing Language Shift*. In: BHATIA, Tej K. & RITCHIE, William C. (eds.). *The handbook of bilingualism*. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

FRINGS, Theodor. *Sprache und Siedlung im mitteldeutschen Osten*. Leipzig: Hirzel, 1932.

GÖTZ, Dieter; HAENSCH, Günther; WELLMANN, Hans. *Langenscheidt: Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin u. München, 2003.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La Lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, G. James R. R. K.. *Dictionary of lexicography*. London: Routledge, 2001. (p. 148)

HORST, Cristiane. *A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil*. Tese de Doutorado. Kiel: Christian-Albrechts-Universität zu Kiel; Romanisches Seminar, 2009.

KOCH, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1974.

KRIEGER, Maria da Graça. *Alguns problemas de definição lexicográfica*. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 53, p. 64-80, 1983.

KRIEGER, Maria da Graça. *A obra e o fazer dicionarísticos*. In: *Cadernos do IL*, n. 10, Porto Alegre, 1993.

KRUG, Marcelo Jacó. *O Hunsrück: uma variante da língua alemã falada na região de Lajeado, Forquetinha e Marquês de Souza*. São Leopoldo: Trabalho de Conclusão de Curso, UNISINOS, 2000/2.

LANDAU, Sidney. *What is a dictionary?* In: *Dictionaries. The art and craft of lexicography*. Cambridge: ZUP, 2001.

LENZ, Alexandra N. *Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten*. In: EGGERS, E.; SCHMIDT, J. E. & STELLMACHER, D. (Hg.): *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie: Akten des 1. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD)*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2005.

LUTZEIER, P. R. *Es lohnt sich – Kontrastive Lexikologie Deutsch/Englisch im Bereich 'Einkünfte'*. In: Kromann, H-P. & Kajaer, A. L. *Von der Allgegenwart der Lexikologie: kontrastive Lexikologie als Vorstufe zur zweisprachigen Lexikographie*; Akten des Internationalen Werkstattgesprächs zur kontrastiven Lexikologie, 29. – 31.10.1994 in Kopenhagen. Tübingen: Niemeyer, p. 7-18, 1995.

MEYER, Martina. *Deitsch ou Deutsch? Macroanálise Pluridimensional da Variação do Hunsrückisch Rio-Grandense em Contato com o Português*. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, 2009/2.

MRhSA = Bellmann, Günter; Herrgen, Joachim & Schmidt, Jürgen Erich: *Mittelrheinischer Sprachatlas (MrhSA)*. Unter Mitarb. von Georg Drenda. Tübingen : Niemeyer, 1994 (Bd. 1), 1995 (Bd. 2), 1997 (Bd. 3), 1999 (Bd. 4), 2002 (Bd. 5).

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia Alemã: histórias e memórias*. Porto Alegre: EST, 1981.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Línguas como Patrimônio Imaterial*. In: Livro das Línguas – Projetos do IPOL, 2009. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=281>> Acesso em: 26.01.2010.

POST, Rudolf. *Kleines pfälzisches Wörterbuch: Pfalz und Kurpfalz*. Neckersteinach: Tintenfass, 2007.

RADTKE, E. & THUN, H. *Novos caminhos da geolinguística românica: um balanço*. Trad. Minka Pickbrenner e Rita D. Wolf. Rev. Cléo V. Altenhofen. In: ALTENHOFEN, Cléo V. (org.). *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*, nº 5, 2. ed., janeiro de 1999.

RECTOR, Monica. *A Linguagem da Juventude: uma pesquisa geosociolinguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

REY-DEBOVE, Josette. *Étude linguistique et semiótica des dictionnaires français contemporains*. Paris : Hachette, 1971.

RhWb = Rheinisches Wörterbuch. *Im Auftrag der preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für rheinische Geschichtskunde und des Provinzialverbandes der Rheinprovinz.* Auf Grund d. v. J. FRANCK begonnenen, von allen Kreisen d. Rheinischen Volkes unterstützten Sammlung. Bearb. u. hrsg. von Josef MÜLLER. 9 v. Bonn : Klopp, v. 1, 1928. v. 2ss. Berlin, 1931-1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHLAEFER, Michael. *Lexikologie und Lexikographie: eine Einführung am Beispiel deutscher Wörterbücher.* Berlin: Erich Schmidt, 2002.

SCHMIDT, Jürgen E. *Versuch zum Varietätenbegriff.* In: LENZ, Alexandra N. & MATTHEIER, Klaus J. *Varietäten – Theorie und Empirie.* Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005.

SCHWARZ, Ernst. *Die deutschen Mundarten.* Göttingen: Hubert & Co., 1950.

SOUZA, José Martínez de. *Diccionario de lexicografía práctica.* Barcelona: Bibliograf, 1995.

STAWINSKI, [Frei] Alberto Vitor. *Dicionário vêneto sul-rio-grandense-português. Com breves noções gramaticais do idioma vêneto sul-rio-grandense.* Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

STAWINSKI, [Frei] Alberto Vitor. *Dicionário / Dizionario Vêneto-Português-Italiano.* Versione italiana a cura di Ulderico Bernardi & Aldo Toffoli. UTRIM, 1995.

TRESSMANN, Ismael. *Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português.* Santa Maria de Jetibá – ES: Sodrê, 2006.

THUN, Harald. *Variation im Gespräch zwischen Informant und Explorator.* In: LENZ, Alexandra N. & MATTHEIER, Klaus J. (Hrsg.). *Varietäten – Theorie und Empirie.* Peter Lang, 2005.

WELKER. Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia.* 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

WIEGAND, H. E. *Arten von Mikrostrukturen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch.* In: Hausmann *et al.* (Org.), *Wörterbücher. Dictionaries. Dictionnaires.* Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Vol. 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, p. 462-501, 1989.

ANEXOS

Anexo 1

Lista de símbolos fonéticos

a) Vokale

a.a) Grundzeichen

- [i] sehr hoher Vorderzungenvokal, gespreizt - z.B. [b̥it̥d̥] ‚Bild‘
- [ɪ] hoher Vorderzungenvokal, gespreizt, z.B. [b̥ɪt̥d̥] ‚Bild‘
- [e] halbhohes Vorderzungenvokal, gespreizt, z.B. [sab̥oːn̥eːd̥] ‚parfümierte Seife‘ (ptg. *sabonete*)
- [ɛ] halbtiefer Vorderzungenvokal, gespreizt, z.B. [h̥eːd̥s̥] ‚Herz‘
- [æ] halbtiefer bis tiefer Vorderzungenvokal, leicht gerundet - z.B. [ʃ̥b̥æːd̥] ‚spät‘
- [a] tiefer Vorderzungenvokal, gespreizt - z.B. [nas̥] ‚naß‘
- [u] sehr hoher Hinterzungenvokal, gerundet - z.B. dt. [buːx̥] ‚Buch‘
- [ʊ] hoher Hinterzungenvokal, gerundet - z.B. hrs. [b̥ʊx̥] ‚Buch‘
- [o] halbhohes Hinterzungenvokal, gerundet - z.B. [oːŋ̥s̥] ‚Ochse‘
- [ɔ] halbtiefer Hinterzungenvokal, gerundet - z.B. [k̥ʰɔm̥ə] ‚(ich) komme‘
- [ɒ] zentraler, tiefer Kurzvokal - z.B. ptg. *salame* [s̥əˈlɔm̥ɪ] ‚Schinkenwurst‘
- [ɑ] tiefer Hinterzungenvokal, minimal gerundet - z.B. [fɑːd̥] ‚fort, weg‘

a.b) Diakritika zu den vokalischen Grundzeichen

- ˘ tendenzielle Öffnung des Vokals, z.B. [ʃ̥b̥eː˘d̥] ‚spät‘
- ˙ tendenzielle Schließung des Vokals, z.B. [ˈb̥olo˙] ‚Kuchen‘ (ptg. *bolo*)
- ˜ Nasalität, z.B. [d̥saː˜] ‚Zaun‘
- ː relative Länge, z.B. [liːd̥] ‚Lied‘
- ˑ relative Halblänge, z.B. [haːˑʊs̥] ‚Haus‘

a.c) Reduktionsvokale

- [ə] (Schwa) mit indifferenter Qualität, z.B. [ʃ̥naːɾd̥ə] ‚(ich) schneide‘
- [ɐ] mit [a]-Färbung, z.B. [ʃ̥naːɾd̥ɐ] ‚Schneider‘

Sonst wird die Reduktion durch Diakritika oder durch Hochstellung markiert:

- [ɛ̣] mit [e]-Färbung, z.B. [ˈsɪm̥b̥l̥ɛ̣s̥] ‚einfach‘ (ptg. *simples*)
- [ọ] mit [o]-Färbung, z.B. [ˈb̥olọ] ‚Kuchen‘ (ptg. *bolo*)

b) Konsonanten

b.a) Grundzeichen

- [p] bilabialer stimmloser Fortis-Verschlußlöselaut (Plosiv), z.B. ptg. *mapa* [mapə] ‚Landkarte‘
- [t] dental-alveolarer stimmloser Fortis-Verschlußlöselaut (Plosiv), z.B. ptg. *tatu* [tətu] ‚Gürteltier‘
- [k] velarer stimmloser Fortis-Verschlußlöselaut (Plosiv), z.B. ptg. *cuca* [kukə] ‚Kuchen‘
- [b] bilabialer stimmhafter Lenis-Verschlußlöselaut (Plosiv), z.B. [le:bə] ‚(ich) lebe‘
- [d] dental-alveolarer stimmhafter Lenis-Verschlußlöselaut (Plosiv), z.B. [mo:də] ‚Mode‘
- [g] velarer stimmhafter Lenis-Verschlußlöselaut (Plosiv), z.B. [ʤɪgə] ‚Zigarette‘ (vgl. ptg. *cigarro*)
- [f] labiodentaler stimmloser Frikativ (Reibelaut), z.B. [fu:s] ‚Fuß‘
- [s] dental-alveolarer stimmloser Frikativ, z.B. [vas] ‚was‘
- [ʃ] palato-alveolarer stimmloser koronal gerundeter Frikativ, z.B. [ʃe:n] ‚schön‘
- [ʒ] alveolo-palataler stimmloser koronal gerundeter Frikativ, z.B. [bɪʃd] ‚bist‘
- [ç] palataler dorsal gespreizter stimmloser Frikativ, z.B. [mɪlç] ‚Milch‘
- [x] velarer stimmloser Frikativ, z.B. [nɔx] ‚noch‘
- [h] glottaler stimmloser Frikativ, z.B. [haʦ] ‚Haus‘
- [β] bilabialer stimmhafter Frikativ, z.B. [ˈaβə] ‚aber‘ (vgl. span. *bueno*)
- [v] labio-dentaler stimmhafter Frikativ, z.B. [vaʎd] ‚Wald‘
- [z] dental-alveolarer stimmhafter Frikativ, z.B. [le:zə] ‚(ich) lese‘
- [ʒ] palato-alveolarer stimmhafter Frikativ, z.B. [gʁˈra:ʒə] ‚Garage‘ (ptg. *garagem*, frz. *garage*)
- [j] palataler stimmhafter Frikativ, z.B. [juŋg] ‚jung‘

- [w] bilabialer stimmhafter Frikativ, z.B. [ˈɡwɑɸjə] ‚(ich) quatsche‘
- [l] dental-alveolarer stimmhafter Laterallaut (Liquid), z.B. [le:m] ‚Lehm‘
- [ʎ] palataler stimmhafter Laterallaut (Liquid), z.B. [bɾʎeɸ] ‚Los‘ (ptg. *bilhete*, frz. *billet*)
- [r] dental-alveolarer stimmhaft-intermittierender Laut (Liquid), z.B. [hɛr] ‚Herr‘
- [r̄] dental-alveolarer stimmhaft-multipler Laut (Liquid), z.B. ptg.(RS) *rio* [r̄iːʊ] ‚Fluß‘
- [m] bilabialer stimmhafter Nasal, z.B. [ˈhɑmɐ] ‚Hammer‘
- [n] dental-alveolarer stimmhafter Nasal, z.B. [ˈnɛnə] ‚(ich) nenne‘
- [ɲ] palataler stimmhafter Nasal, z.B. [ʃɛmˈbɑɲə] ‚Champagner‘ (frz. *champagne*, ptg. *champanha*)
- [ŋ] velarer stimmhafter Nasal, z.B. [ˈhɔfnʊŋ] ‚Hoffnung‘

b.b) Diakritika zu den Konsonantenzeichen

- √ Stimmhaftigkeit eines als stimmlos definierten Konsonanten, z.B. [ˈlaxə] ‚(ich) lache‘
- Stimmlosigkeit eines als stimmhaft definierten Konsonanten, z.B. [ˈɡuːɸ] ‚gut‘
- ^h Aspiration, z.B. [k^hu:] ‚Kuh‘; [p^haːʊɸ] ‚Paul‘
- ˙ silbische Qualität eines Sonanten, z.B. [hɪmɸ] ‚Himmel‘
- ˜ in [l] oder [ʎ] eingeschrieben: velare Qualität des [l] oder [ʎ], z.B. [k^haɸɸ] ‚kalt‘;

c) Suprasegmentalia

- [ˈ] primärer Worthauptakzent, z.B. [ˈbʊdɪŋ] ‚Pudding‘ (eng. *pudding*)
- [ˌ] bzw. [˙] sekundärer Wortnebenakzent, z.B. [ˈvaseˌfaɸ] ‚Wasserfall‘; [ˈlufɸˌʃɪf] ‚Luftschiff = Flugzeug‘

Anexo 2

Lista de abreviaturas

Abb. = Abbildung	frk. = fränkisch
Adj. = Adjektiv	frz. = französisch
Adv. = Adverb	Fut. = Futurum
afrz. = altfranzösisch	G = Generation
ahd. = althochdeutsch	gebr. = gebräuchlich
Akk. = Akkusativ	Gen. = Genitiv
allg. = allgemein	germ. = germanisch
ält.Gen. = ältere Generation	griech. = griechisch
amer. = amerikanisch	guar. = guaraní
anl. = anlautend	hdt. = hochdeutsch
Anm. = Anmerkung	hess. = hessisch
arab. = arabisch	hrs. = Hunsrückisch (in
arch. = archaisch	Rio Grande do Sul)
Art. = Artikel	Hrsg. = Herausgeber
as. = altsächsisch	hrsg. = herausgegeben
Aufl. = Auflage	idg. = indogermanisch
ausl. = auslautend	idiol. = idiolektal
bair. = bairisch	Imp. = Imperativ
Bd. = Band	Ind. = Indikativ
Bde. = Bände	Inf. = Infinitiv
bearb. = bearbeitet	inl. = inlautend
Bedtg. = Bedeutung	ital. = italienisch
bes. = besonders	jap. = japanisch
best. = bestimmt	jd. = jemand
böhm. = böhmisch	jdm. = jemandem
Böhm. = Böhme	jdn. = jemanden
bras. = brasilianisch	Jh. = Jahrhundert
Bras. = Brasileirismus	jidd. = jiddisch
Bsp. = Beispiel	jüng.Gen. = jüngere Generation
chin. = chinesisch	Kap. = Kapitel
dass. = dasselbe	Kimb. = Kimbundu (eine afrikanische
Dat. = Dativ	Sprache)
Dim. = Diminutiv	kovar. = kovariert, kovariativ
Diss. = Dissertation	Kt. = Karte
dt. = deutsch	Konj. = Konjunktiv
dtbras. = deutschbrasilianisch	Kons. = Konsonant(ismus)
Dtbras. = Deutschbrasilianer	lat. = lateinisch
Dtruss. = Deutschrusse	<i>m.</i> = Maskulinum
Endg. = Endung	M. A. = Magisterarbeit
eng. = englisch	Mdaa. = Mundarten
f. = folgende Seite	malay. = malayalamisch
<i>f.</i> = Femininum	md. = mitteldeutsch
fak. = fakultativ	mda. = mundartlich
fam. = fami(li)lektal	Mda. = Mundart
Fam. = Familie; Fami(li)lekt	med. = medizinisch
ff. = folgende Seiten	mfrk. = mittelfränkisch

mhd. = mittelhochdeutsch	rip. = ripuarisch
mil. = militärisch	RS = Rio Grande do Sul
mlat. = mittellateinisch	s. = siehe
md. = mittelniederdeutsch	S. = Seite
mosfrk. = moselfränkisch	SC = Santa Catarina (Staat)
Mun. = Munizip	schwäb. = schwäbisch
n. = Neutrum	scherzh. = scherzhaft
Nbf. = Nebenform	schles. = schlesisch
ndd. = niederdeutsch	Sg. = Singular
neng. = neuenglisch	s. o. = siehe oben
nfrk. = niederfränkisch	sog. = sogenannt
nhd. = neuhochdeutsch	Sp. = Spalte
ndl. = niederländisch	span. = spanisch
Nom. = Nominativ	span. plat. = spanisch im LaPlata-Gebiet
Nr. = Nummer	Spr. = Sprache
Num. = Numerale	sth. = stimmhaft
obd. = oberdeutsch	stl. = stimmlos
ofrk. = ostfränkisch	StSpr. = Standardsprache
Part. = Partizip	s. u. = siehe unten
Perf. = Perfekt	Subst. = Substantiv
pfälz. = pfälzisch	Suff. = Suffix
Pl. = Plural	tib. = tibetanisch
poln. = polnisch	türk. = türkisch
pomm. = pommerisch	u. ä. = und ähnliche
Pomm. = Pommer	Übers. = Übersetzung
PR = Paraná (Staat)	Ugs. = Umgangssprache
Präf. = Präfix	ung. = ungarisch
Präp. = Präposition	v. = von
Präs. = Präsens	var. = variiert mit
Prät. = Präteritum	verächt. = verächtlich
Pron. = Pronomen	Vok. = Vokal(ismus)
ptg. = portugiesisch	vs. = versus
ptg.(Bras.) = portugiesisch in Brasilien	Wb = Wörterbuch
ptg.(RS) = portugiesisch in Rio Grande do Sul	westf. = westfälisch
refl. = reflexiv	Westf. = Westfale
rhein. = rheinisch	wgerm. = westgermanisch
rhfrk. = rheinfränkisch	wmd. = westmitteldeutsch
RhHr. = rheinisches Hunsrückisch	wörtl. = wörtlich
	zigeuner. = zigeunerisch
	zKi = zu Kindern
	zool. = zoologisch

Fonte: Lista de abreviaturas baseada em Altenhofen (1996, p. XIV).

Anexo 3

Lista de símbolos

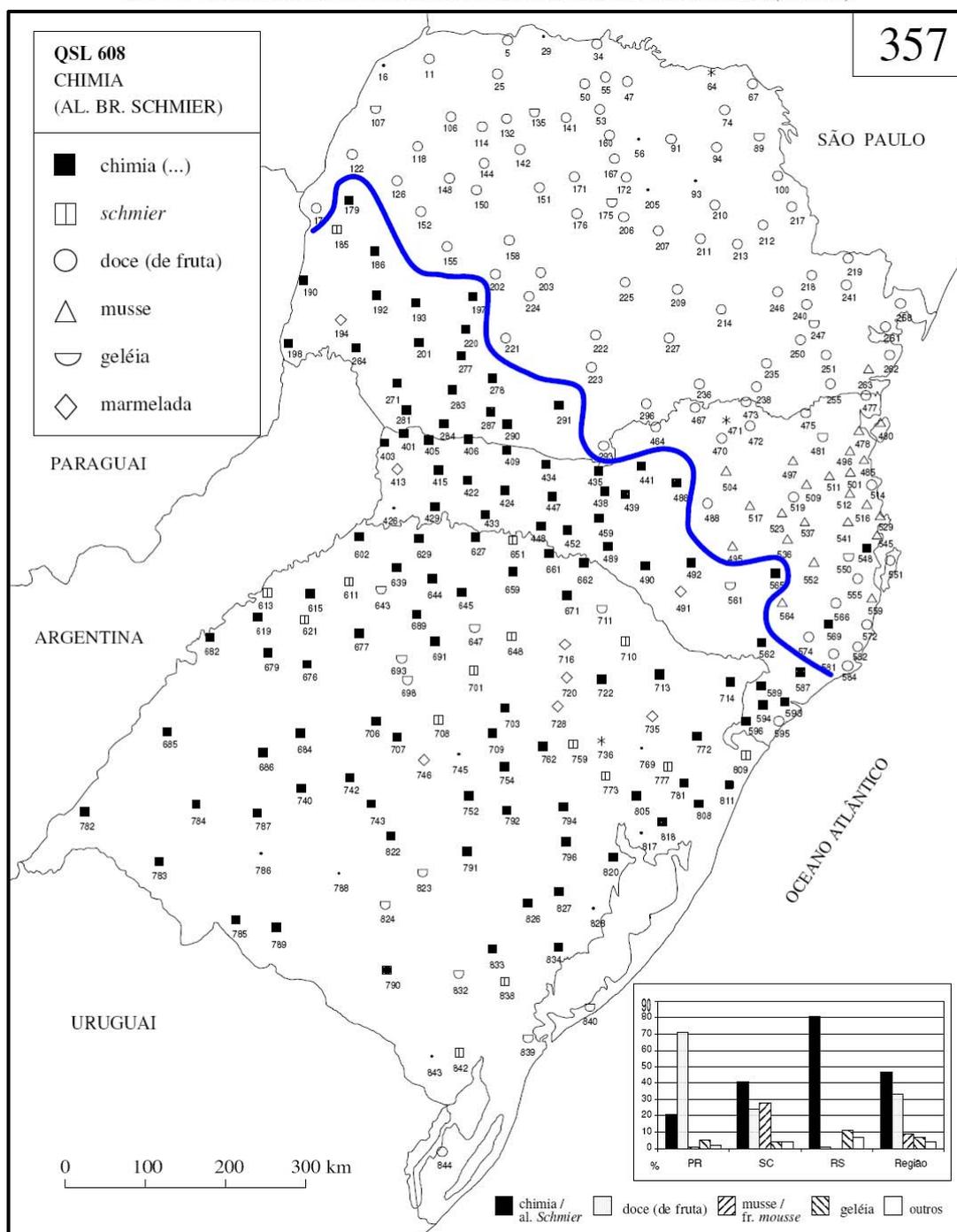
- * = erschlossene Form
- < = entstanden aus
- > = geworden zu
- [] = 1. phonetische Transkription; 2. Merkmale
- // = phonologische Transkription
- <> = Graphie, Schreibung
- ' ' = Bedeutung eines Ausdrucks
- = = gleich
- = siehe
- † = veraltet, archaisch
- √ = üblich, überwiegend
- (~) = nicht gebraucht
- (-) = seltener
- ∇ = ältere Generation
- Δ = jüngere Generation
- _ = verächtlich
- ⏟ = scherzhaft
- ↑ = gehobener, mit Hdt. und gebildeter Sozialschicht assoziiert
- ↓ = plus dialektal, in Richtung Hrs.
- (+Bras.) = als Form des Bras. bewertet
- (+Hdt.) = als Form des Hdt. bewertet
- (+Hrs.) = als Form des Hrs. bewertet
- (+expr.) = mit Expressivität
- (+Ki) = besonders Kinder

Fonte: Lista de símbolos baseada em Altenhofen (1996, p. XV).

Anexo 4

Mapa do ALERS para *Schmier* 'pasta de frutas para passar no pão'

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

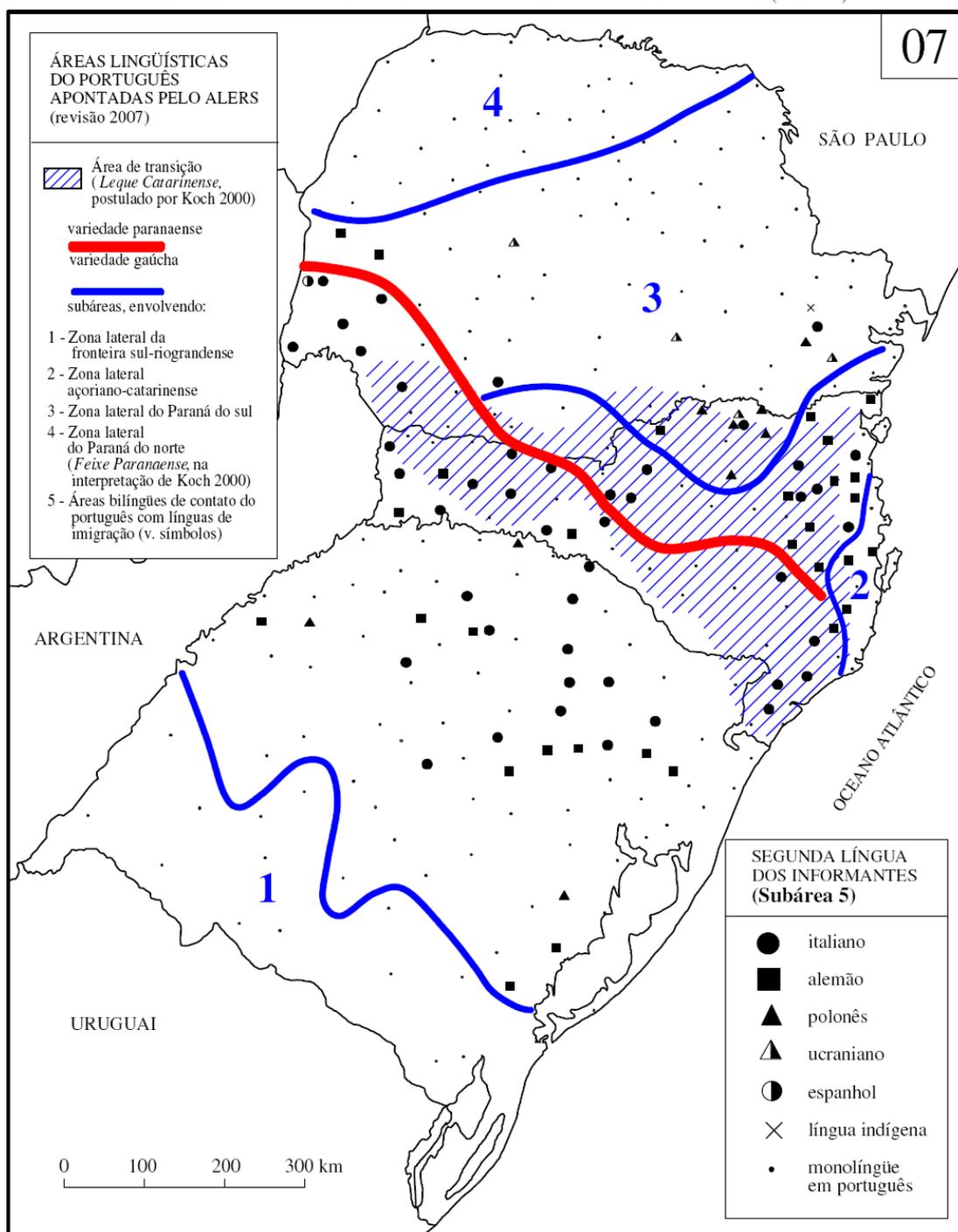


Fonte: Altenhofen, 2008.

Anexo 5

Mapa para as áreas linguísticas do Ptg.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



MAPA 07 - Áreas linguísticas do português apontadas pelos dados do ALERS

Fonte: Altenhofen, 2008.